

A woman with red lips and a black off-the-shoulder dress is holding a single red strawberry. The background is dark and textured.

*Uma receita com
ingredientes picantes...*

SABOR

Autora Best Seller do USA TODAY

katherine garbera

 HARLEQUIN®

 flor
da pele

EDIÇÃO 001

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

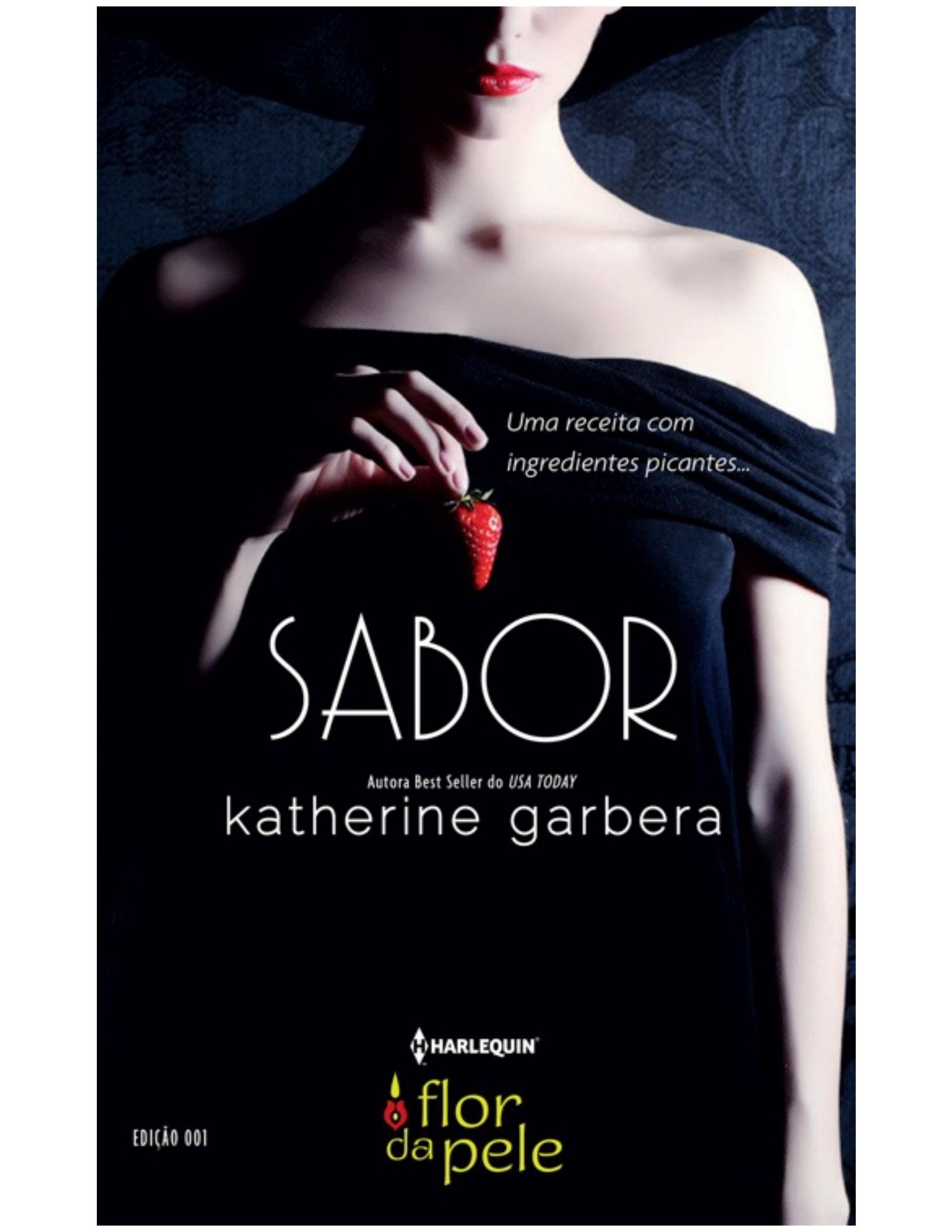
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A woman with red lips and a black off-the-shoulder dress is holding a single red strawberry in her right hand. The background is dark and textured.

*Uma receita com
ingredientes picantes...*

SABOR

Autora Best Seller do *USA TODAY*

katherine garbera

 HARLEQUIN®

 flor
da pele

EDIÇÃO 001

– **Você é habilidoso com esta faca.**

– Habilidades com facas são umas das melhores armas no arsenal de um *chef* – disse Remy.

Remy estava achando tão agradável trabalhar na cozinha com Staci e *chef* Ramone quanto em sua cozinha em casa. Era notável ele considerar que aquele ambiente era sua casa, embora estivesse a milhares de quilômetros de Nova Orleans.

E Remy não tinha certeza se era capaz de encontrar seu rumo. Staci bagunçava a concentração dele, e aquilo o intrigava. Ele já havia tido casos amorosos. Era ardente demais e sua pulsão sexual era muito intensa para não tê-los. Mas ele nunca se permitira ter um caso com outra *chef*. Para ele, a vida parecia melhor quando se mantinha a parte profissional e pessoal separadas.

Agora já não tinha mais tanta certeza. Ele observou Staci mergulhar a colher no molho que ela estava preparando, mirou em seus lábios fartos e viu os olhos dela brilharem. Ele reprimiu um gemido. Em sua cabeça, ele se aproximava dela e provava o molho, não da colher, mas dos lábios dela.

– Quer provar? – perguntou ela.

Ele retornou ao presente e assentiu. Desejava muito mais do que uma provinha, mas aquele seria um bom começo. Ela estendeu a colher para ele, mas em vez de pegá-la da mão dela, Remy envolveu o pulso de Staci com seus dedos e a puxou para si.

Ele ergueu a mão de ambos e então se inclinou para passar a língua no molho, mantendo contato visual com Staci o tempo todo. Ela entreabriu os lábios, e a língua ficou exposta outra vez, exatamente como já havia ocorrido. As pupilas dela dilataram, e um leve rubor lhe tomou o rosto.

– Delicioso... – disse ele.

Querida leitora,

Estou obcecada. Mas não é por nada indecente, e sim por programas de TV de competição culinária. Posso assisti-los nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Austrália. Adoro as diferenças sutis entre cada um. E admiro como, não importa o país, os participantes são competitivos. Não me canso de assistir à interação entre eles e imaginar e se...?

E se um dos competidores fosse filho de um *chef* famoso? E se ele mentisse sobre quem é, e se, como acontece na vida real, se apaixonasse enquanto vivia essa farsa? Essas são as sementes da história que deu origem a *Sabor*.

Espero que goste!

Boa Leitura!
Katherine Garbera

Katherine Garbera

SABOR

Tradução
Fernanda Lizardo



2013

Capítulo um

STACI ROWLAND corria pela última quadra e meia rumo à cozinha e estúdio de Hamilton Ramsfeld. Ela estava atrasada, mais do que atrasada, estava prestes a perder a oportunidade de uma vida, a chance de estar no *Premier Chef*. E a chance de ganhar um milhão em dinheiro e ter o próprio programa de culinária na TV. E de voltar a trabalhar em uma cozinha que tivesse estrelas no *Guia Michelin* e provar que todo o seu talento nato não fora desperdiçado.

Ela estava atrasada porque tinha pouco dinheiro naquela semana, o que era culpa dela mesma, pois havia gastado cada centavo disponível de sua renda em um novo conjunto de facas para o concurso. A gasolina encarecera, e ela não pudera bancar um tanque para viajar de San Diego para Santa Monica, então precisou pegar um ônibus.

Agora o suor pingava de suas costas, ela estava morrendo de calor, e as facas que carregava na mão esquerda começavam a parecer que pesavam uma tonelada. Ela atravessou as portas da frente do prédio e sentiu o ar-condicionado resfriando as costas úmidas de imediato. Olhou para a mesa vazia na recepção.

– Droga – disse baixinho, correndo até a mesa para pegar uma prancheta com uma lista de nomes, incluindo o dela, e instruções para tomar o elevador até o 14º andar. Apertou o botão do elevador e abriu a bolsa para procurar pela carta que havia recebido dos produtores do *Premier Chef*, esperando que houvesse o número exato da sala nela. O campainha tocou, e ela entrou no elevador, prendendo a pontinha do pé no vão do fosso, o que a fez cair para frente.

Staci xingou enquanto tropeçava no ar, esperando cair no chão, mas em vez disso, atingiu uma pessoa de corpo tépido e sólido. Ela o ouviu xingar quando o jato de líquido molhou ambos. Olhou para cima, murmurou um pedido de desculpas e congelou quando encarou o par de olhos azuis como o mar do Caribe. Tentou se levantar, mas soltou o braço dele e o agarrou pela cintura para não cair.

– Ai, droga – disse ela. – Simplesmente não estou tendo um bom dia.

Ele era alto, e ela podia notar, pelo modo como a segurava, que estava em forma. Seu peito era musculoso, e os ombros, fortes. O queixo quadrado dava-lhe um ar bem-sucedido. Quando ele olhou para baixo, aquele olhos azuis reluzentes estavam gélidos. Não o suficiente para secar o suor que pingava pelas costas dela, mas Staci certamente sentiu um arrepio. Ótimo, pensou, era como se o universo estivesse conspirando para arruinar seu dia.

– Desculpe – disse ela.

– Tudo bem – respondeu ele, o sotaque sulista arrastado invadiu seus sentidos, e ela deu uma

segunda olhadinha. Ele tinha cabelo negro casualmente desalinhado que lhe cobria a testa. O corpo era esguio e musculoso, não muito comum nos *chefs* que ela já havia conhecido. E ela não tinha dúvidas de que ele era um *chef*. – Talvez da próxima vez você deva olhar para onde está indo.

– Obrigada, não tinha pensado nisso – rebateu ela. Não se sentia no clima para ser doce e alegre, já que estava morrendo de calor e ficando pegajosa por causa do líquido secando sobre sua pele. – O que você estava bebendo?

– Chá gelado com muito açúcar – respondeu ele.

Claro que estava bebendo algo típico de sua região, com aquele sotaque completamente sulista ela não podia mesmo estar surpresa. Staci esfregou as mãos nas roupas e balançou a cabeça.

– Alguém lá em cima realmente me odeia.

– Lá em cima? – questionou ele, contornando o corpo dela para apertar o botão do 14º andar.

– O universo, o céu ou como você quiser chamar os caprichos do destino – disse ela, enfiando uma mecha do cabelo curto atrás da orelha.

– Por que você está culpando uma força invisível se claramente está atrasada? – perguntou ele. – Se estivesse aqui no horário, nada disse teria acontecido.

– *Touché* – comentou ela.

O silêncio cresceu entre eles, e Staci tentou simplesmente deixar rolar, mas ela odiava o silêncio... sempre odiara.

– Você está aqui para o concurso? – perguntou. Foi um palpite educado, mas ela suspeitava que seria confirmado, afinal ele tinha uma bolsa de facas de *chef* em uma das mãos.

– Sim – disse ele. – Espero que você seja melhor na cozinha do que é no elevador.

– Ah, você não me viu em minha melhor performance no elevador – disse Staci com uma piscadela.

Então, estendendo a mão para ele, se apresentou: – Sou Staci Rowland.

– Remy... Stephens – disse ele. Sua pegada era firme, e a mão, quente em contato com a dela. As mãos dele mostravam sinais de que era *chef* há algum tempo, pois havia marcas de queimadura e cicatrizes antigas. Se as mãos dele servissem como referência, aquele sujeito sabia cozinhar.

Ela olhou para o rosto dele, talvez por um período um pouco maior do que deveria, incapaz de desviar o olhar da barba por fazer, o que lhe conferia uma aparência bruta e sexy. Quando Staci voltou a fitar os olhos dele, notou que Remy havia arqueado uma das sobrancelhas para ela.

Staci largou a mão dele e esfregou a própria na calça jeans. *Que diabos havia de errado com ela hoje?*

– Ah, seu nome parece com o daquele ratinho no filme *Ratatouille* – comentou ela. Sua sobrinha amava aquele desenho, e depois que o haviam assistido juntas, Louisa insistira em comer *Ratatouille* no jantar.

– *Ratatouille*? O prato feito com legumes?

– Não – corrigiu ela. – O desenho animado. É sobre um *chef* que se sente perdido e encontra seu toque culinário com a ajuda de um ratinho chamado Remy.

– Hum... Não, meu nome é por causa do meu tio-avô – explicou ele. – Não assisto a desenhos animados.

Ela deu de ombros.

– É bonitinho. Você deveria assistir um dia desses.

Ela deu um passo para trás e olhou para ele.

– Desculpe de novo por ter trombado em você.

– Sem problemas. Eu fico mais sujo na cozinha – disse ele. – Hoje só consigo pensar em cozinhar.

– Eu também – replicou ela com um meio sorriso. – Sou a coproprietária da Sweet Dreams, uma loja de cupcakes em San Diego.

– A Garota do Cupcake – falou ele. – Eu li o perfil dos outros *chefs* esta manhã.

– Garota do Cupcake? Minha sócia e eu temos uma confeitaria muito lucrativa... Eu preferiria não ser chamada de Garota do Cupcake. – Ela queria ter tido a ideia de ler os perfis também, talvez assim saberia mais sobre Remy. Mas como estava atrasada, não tivera tempo.

Agora era a vez de ele dar um passo para trás e lhe fazer uma reverência.

– Minhas mais humildes desculpas, confeitadeira.

– Onde você trabalha? – perguntou ela.

– Meio que estou na entressafra agora, mas trabalhei nas melhores cozinhas de Nova Orleans.

– Suspeitei disso – comentou ela.

– Como?

– Esse seu sotaque sulista arrastado te entregou.

Ele sorriu devagar e com firmeza, fazendo a pulsação de Staci falhar brevemente. Ela não conseguia distinguir exatamente o que era, mas havia algo de familiar no sorriso dele. E também algo tão sensual que ela se perguntava se deveria descer no andar seguinte.

Algumas mulheres adoravam homens de uniforme, outras, homens com poder e dinheiro. Mas para Staci o chamariz sempre fora a sensualidade mundana de um homem que sabia cozinhar.

– Você gosta do meu sotaque? – perguntou ele, falando de modo ainda mais arrastado do que antes.

Ela sorriu de volta.

– Talvez.

Ele arqueou uma das sobrancelhas para ela.

– A maioria das pessoas acha meu sotaque charmoso.

– É mesmo?

Ele lhe deu um olhar medido e então piscou para ela.

– Garota do Cupcake, esse sotaque sulista é uma parte importante da minha personalidade – falou. – Algumas pessoas me subestimam porque se baseiam no meu sotaque, mas uso isso ao meu favor na cozinha. Posso ser muito exigente.

Ela sabia que Remy estava falando de cozinhar, mas um lado dela pensava que ele também poderia ser exigente na cama. Staci pigarreou.

– Eu também – retrucou. Administrar a confeitaria com Alysse era um trabalho duro, e elas só haviam alcançado o sucesso porque, para elas, a confeitaria sempre vinha em primeiro lugar.

– Garota do Cupcake...

– Se me chamar de *Garota do Cupcake* mais uma vez, não vou ser tão legal.

– Essa era você sendo legal? – perguntou ele.

E embora o tom de brincadeira ainda estivesse ali na voz dele, ela olhou para seus olhos e viu uma alusão de fagulha. Ela gostava dele e estava ansiosa para detoná-lo na cozinha.

– Acho que você não é o único que tem mais pimenta do que açúcar – provocou ela.

A porta se abriu, e eles deram de cara com uma imensa fila de colegas esperando para se inscrever.

– Estou surpresa por ver tantas pessoas aqui hoje – disse ela.

– Eu não. O prêmio em dinheiro atraiu todo mundo, de *chefs* executivos a cozinheiros iniciantes – comentou ele. – Vou me lavar. Vejo você na cozinha.

Staci o observou se afastar antes de se dar um tapa mental. Ela não estava lá para repetir os erros de seu passado, mas para consertá-los. Desta vez iria fazer direito, e isso significava não se apaixonar por mais um *chef*, mesmo que ele tivesse um sorriso matador, um traseiro sexy e um sotaque charmoso.

REMY CRUZEL crescera em uma das cozinhas mais famosas de Nova Orleans. Gastrophile, o restaurante com três estrelas no *Guia Michelin* que subiu o nível e estabeleceu um novo padrão para a culinária estilo Creole. O pai e avô dele surpreenderam o mundo culinário ao ganhar as três estrelas do *Michelin*, algo difícil de se conseguir fora de Paris e até mesmo mais difícil ainda quando não se era francês de nascimento. Mas os irmãos Cruzel conseguiram e então passaram seus conhecimentos para seus filhos.

Todo mundo se calou quando três homens entraram na sala principal. Remy reconheceu Hamilton Ramsfeld, um *chef* americano popular que, segundo o pai de Remy, era um babaca pomposo que perdera seu amor pela comida para ser uma celebridade. Mas seu velho pai era um homem difícil de se impressionar.

– Olá, *chefs*, sou Hamilton Ramsfeld, o líder da banca de jurados, e os outros jurados neste concurso são Lorenz Morelli, *chef* executivo e dono de uma cadeia de sucesso de restaurantes italianos de alto nível, e Pete Gregoria, o editor da revista *American Food*.

– Estamos ansiosos para provar os pratos que vocês vão preparar para nós – disse Lorenz com seu sotaque italiano pesado. – Todos do lado esquerdo da sala devem vir comigo – instruiu ele. – Todos à direita devem ficar aqui com Hamilton.

– Boa sorte para todos – disse Pete.

O grupo de *chefs* concorrentes era tão diverso quanto Remy esperava que fosse. Não ficou surpreso quando os jurados imediatamente os dividiram em dois grupos.

Ele viu a Garota do Cupcake ir com o outro grupo e fez uma saudação zombeteira. Ela era bonita e divertida, mas ele não estava lá para flertar com as mulheres, estava para provar que possuía o pique culinário necessário para assumir a posição de *chef* principal do Gastrophile, em Nova Orleans. O sobrenome dele era uma lenda no mundo da comida e não era Stephens. Ele mentira ao fazer a inscrição.

Era difícil saber o quanto dos elogios empilhados sobre sua cabeça tinham a ver com seu sobrenome e o quanto tinham a ver com suas habilidades. Então Remy Etienne Cruzel se transformou em Remy Stephens. Ele não sabia por quanto tempo conseguiria sustentar a mentira, mas tinha a seu favor o fato de nenhum daqueles *chefs*-celebridades serem amigos de seu pai. Remy também se mantivera discreto no Culinary Institute of America e enquanto trabalhava no Gastrophile.

– Bem-vindos aos testes do *Premier Chef – Os Profissionais*. O amor pela comida trouxe vocês aqui hoje, mas nós só aceitaremos aqueles que tiverem capacidade e habilidade na cozinha. Vocês podem ser os reis da cozinha nas cidades de onde vieram, mas aqui neste concurso terão que merecer o elogio. A cada dia terão mais uma chance de mostrar suas habilidades e, ao fim de 12 semanas, quem se sobressair será o novo *Premier Chef* – disse Hamilton Ramsfeld, jurado principal.

Remy assentiu, sabendo que aquilo era exatamente o que ele precisava escutar.

– *Chefs*, cada um de vocês vai preparar em 15 minutos um prato que demonstre seu ponto de vista culinário, utilizando os ingredientes de nossa despensa. Quando o tempo acabar, o prato será julgado e apenas metade de vocês continuará no programa.

– Sim, *chef* – disse o coro de cozinheiros ansiosos para entrar na cozinha. Eles haviam organizado uma fileira de mesas, formando um imenso círculo no salão, e Remy não via a hora de chegar à sua estação de trabalho e se colocar a postos. Ele sabia o que era capaz de cozinhar em 15 minutos e já estava organizando tudo na cabeça.

Remy não se importava com quem eram os jurados, contanto que o avaliassem pelos seus pratos, não por sua linhagem. Ao mentir sobre sua identidade, se assegurara disso. Eles anunciaram o início, e todos os *chefs* correram para a despensa a fim de reunir os ingredientes. Aquilo fez Remy se lembrar de um jogo que o avô fazia com ele quando era criança. Esconder os ingredientes no armário e então cobrir seus olhos com uma venda para testar se era capaz de farejar os itens.

Remy imaginou a Garota do Cupcake usando uma venda e só um pouco mais de roupa na sua cozinha de sua casa. Ele afastou aquela ideia e focou de novo no concurso. Seria constrangedor ser mandado para casa antes mesmo de as gravações começarem.

Ele pegou os ingredientes e começou a fazer seu prato, cozinhando facilmente sob a pressão da hora.

– Cara, isso é intenso – disse um sujeito louro e desgrehado ao lado dele. – Eu estou acostumado a trabalhar sob pressão, mas não com tanta gente em volta.

– É uma loucura, mas acho que eles fazem isso para aumentar a pressão – respondeu Remy.

– Você não parece abalado – retrucou.

– Trabalhei com alguns mandões, por isso é necessário mais para mexer comigo – explicou Remy, pensando em como seu pai não media palavras quando ele cometia falhas.

– Eu também. Sou Troy, a propósito.

– Remy. – Ele não queria conversar, apenas precisava finalizar e montar o prato. Uma rápida olhada para o relógio confirmou que estava no prazo.

Troy não parava de falar enquanto cozinhava, e Remy havia trabalhado com tagarelas antes, por isso precisava ser honesto e admitir que não gostava deles. A cozinha era para cozinhar, não para conversar. Ele não confiava em um *chef* que ficava ocupado papeando em vez de se concentrar no prato.

– Tempo esgotado.

Remy ergueu as mãos e se afastou da bancada. O jurados vieram para fazer as provas, e ele limpou as mãos suadas na calça enquanto experimentavam o prato dele. Não conseguia se lembrar de ter estado tão nervoso desde seu primeiro dia no Culinary Institute of America.

– Bom. Um bom equilíbrio entre o adocicado e o apimentado. Eu gosto – disse Hamilton.

– Obrigado, *chef*.

Os outros jurados também o elogiaram. E Remy percebeu que era bom. Sabia disso, mas era legal ouvir de outra pessoa.

Foram chamados os nomes dos participantes que iriam para casa. Troy não passou na primeira etapa e acenou para Remy quando saiu. Remy não ficou surpreso. Tratava-se de um concurso sério, feito para quem levava seu trabalho a sério. O outro grupo voltou a se juntar, e ele notou a Garota do Cupcake no meio do bando.

Ela era bonita com seu cabelo curtinho e traços delicados. O cabelo dela era negro como âmbar, e a estrutura era pequena, porém curvilínea. Quando Hamilton começou a falar outra vez, o belo traseiro da Garota do Cupcake e o jeito como ele se moldava ao jeans distraíram Remy.

– ...equipes. – complementou Hamilton.

Droga. Ele deveria estar escutando em vez de olhando para a mulher. Tinha a sensação de que seu gosto por doces iria ser sua perdição.

– O que ele disse? – perguntou Remy para o sujeito ao seu lado.

– Vamos ser divididos em duplas e cozinhar contra a equipe adversária. Ao fim da rodada, metade de nós irá para casa, e os *chefs* que permanecerem vão entrar no programa.

– Valeu.

– Venham e peguem uma das facas enfiadas na tábua. Teremos 15 duplas, vocês receberão um número e a letra A ou B. A faca com o A é o líder da dupla. Vocês terão 30 minutos para planejar o prato e uma hora para executá-lo.

Todos se aproximaram para pegar uma faca, e Remy tirou a 7B.

– Meu número da sorte.

– O meu também – disse uma voz feminina agradável de trás dele. – E eu estarei no comando. Minha sorte definitivamente mudou desde o elevador.

– Garota do Cupcake – comentou ele. – Eu tinha esperanças de que você fosse passar. Acho que eu deveria estar no comando, afinal sou um *chef* treinado, e você é uma confeitadeira.

– Garoto Sulista, sou a líder nesta missão. Isso significa que ou você me segue, ou irá se extinguir em chamas. De um jeito ou de outro, não vou estragar nosso desafio.

Remy gostava da atitude impetuosa dela, mas não iria arriscar ir para a casa por causa dela. Ele a deixaria pensar que estava no comando, mas de jeito nenhum iria pôr seu destino nas mãos dela.

– O que você tem em mente?

– Bem, sou de Los Angeles, e você é do Sul, então eu estava pensando em alguma combinação de taco e sanduíche po’boy. Ambos os pratos têm raízes nas comidas de rua. A comida de rua pode subir ao nível de um jantar refinado – explicou ela.

– Gosto da ideia. Você saber fazer *tortillas*? – perguntou ele.

– Sei – respondeu Staci com um sorriso.

– Vou fazer o recheio com camarão e linguiça *andouille* misturado a alguns legumes.

Ela assentiu.

– Parece bom. O que acha de um toque de limão nas *tortillas*?

– Sim, é disso que precisamos. Mas ainda estamos no nível da comida de rua – falou ele.

Ela o encarou com aqueles enormes olhos cor de chocolate.

– Podemos fazer de três jeitos e ter um prato com três tipos de taco.

Remy podia ver que Staci estava ali para vencer, mas ainda não tinha certeza se ela possuía as habilidades culinárias necessárias para executar o plano. Eles debateram sobre os outros dois tipos de taco e então foram para a despensa para pegar os ingredientes. Staci falava e brincava com todo mundo com quem esbarrava. Ela era fácil de lidar, e aquilo o preocupava.

Será que alguém tão descontraído era capaz de vencer? Remy não estava muito certo se podia confiar nos instintos dela sobre o prato. Vira outros *chefs* preparando cordeiro e carne de boi.

Ele começou a trabalhar no prato, permitindo que sua experiência e instintos tomassem conta. Modificou algumas coisas da sugestão original dela e sentiu Staci junto ao seu ombro uma vez. Ela esticou a mão e enfiou o dedo na tigela dele.

– O que você está fazendo?

– Provando. O segredo todo está nas fases. Pensei que você soubesse disso, Garoto Sulista.

Ele sabia, mas estivera ocupado tentando se certificar de que tudo ficaria pronto dentro do prazo

estipulado. Ela levou o dedo aos lábios, e a língua rosada apontou para provar o molho sobre o dedo. Remy gemeu mentalmente quando todos os pensamentos sobre culinária ficaram em segundo plano. Staci era muito sensual, e Remy teve a sensação de que ela sabia disso assim que piscou para ele.

– Um pouco apimentado, mas eu gosto das coisas picantes – comentou ela, voltando à estação de trabalho.

Ele a observou por mais um segundo antes de alguém avisar que faltavam apenas dez minutos, obrigando Remy a focar de novo no concurso e a abandonar sua concorrente sexy. Ele precisava se concentrar, ou tudo o que desejava provar estaria perdido. Ele só queria que Staci não fosse uma distração tão grande.

CAPÍTULO DOIS

APESAR DO que havia dito sobre estar no comando, Staci sabia que Remy tinha feito algumas coisas do jeito dele. Mas como era um concurso e nenhum dos dois queria ir para casa, ela deu um desconto. Além disso, os itens que ele acrescentara ficaram deliciosos.

Quando começaram a montar o prato, Remy contornou o corpo de Staci para ajeitar a guarnição no taco do meio e roçou no braço dela. Staci inspirou profundamente, se obrigando a ignorar o homem e a se concentrar no *chef*.

– Nada mau, mas você não fez o que falei.

– Eu cozinho há bastante tempo, *chère*. Não necessariamente sigo as instruções.

– Se formos mandados para casa, você vai desejar ter seguido – disse ela. – Não fiz uma viagem de ônibus de uma hora e meia para ser mandada para casa hoje.

– Não estou planejando ir para casa, por isso simplesmente aperfeiçoei suas ideias.

– Você é metido – atacou ela, nem um pouco impressionada pela atitude dele. Staci provou um pouco do recheio que havia sobrado dos pratos prontos. Mas que droga, estava gostoso. Melhor do que ela previra, afinal não tinha pensado, admitiu ela, encabulada, que alguém com a aparência dele sabia cozinhar.

– Que tal? – perguntou ele, erguendo uma das sobrancelhas para ela.

– Dá para o gasto.

Aquilo disparou uma gargalhada nele, e Staci prendeu o fôlego quando Remy sorriu para ela pela primeira vez desde que haviam sido apresentados. Realmente sorriu, de modo que o rosto inteiro dele se iluminou.

– Ah, está muito além de dar para o gasto. Vamos ver se você é tão boa quanto exigem, *chère*.

Ela sabia que o pão sírio que havia feito era o melhor que ele já havia provado.

– Anjos choram porque não podem comer meu pão no paraíso.

Remy rapidamente arrancou um pedaço do pão ainda na bandeja e enfiou na boca. Mastigou lentamente até Staci se flagrar mirando a boca dele. Ela se perguntava qual seria a sensação de ter os lábios dele sobre os dela.

– Dá para o gasto.

– Eu sei – disse ela. Staci olhou ao redor e notou que os jurados estavam se aproximando da estação deles. Eles haviam sido instruídos a se afastar da bancada até os jurados se aproximarem.

Hamilton foi o primeiro a chegar até eles. Ele gesticulou para Staci e Remy saírem da frente,

fazendo um movimento arrogante com a mão. Staci permaneceu onde estava até Remy lhe cutucar com o pé. Ela odiava a arrogância naquele sujeito. Tudo bem ter orgulho de suas conquistas, mas agir como um babaca era algo completamente diferente.

– O prato de vocês está interessante – disse Hamilton. – Um pequeno plebeu.

– Nosso gosto é qualquer coisa, menos plebeu – refutou Staci.

Remy deu uma cotovelada nela. Ela o encarou.

– Assim que o cinegrafista estiver posicionado, vou perguntar sobre o prato, e então prová-lo – disse Lorenz, se aproximando.

O câmara se pôs em seu lugar, uma pessoa da maquiagem chegou e espanou algo no rosto de Staci.

– O que é isso?

– Farinha – respondeu a outra, então, com uma sacudidela final de seu pincel de maquiagem, ela se afastou.

Ótimo, pensou Staci, estava parada ali parecendo uma garotinha destrambelhada com farinha na cara. Queria ter previsto aquilo... mas era até bom não tê-lo feito. Aquilo poderia afetar seu comportamento em relação a Remy e Hamilton, e ela não queria que isto ocorresse. Levava sua comida a sério, assim como o concurso, e desejava que os rapazes soubessem que ela havia vindo para vencer.

– Acho que estamos prontos – disse o diretor. – Vai.

– Conte-nos um pouco sobre vocês – convidou Peter. – Staci, você é uma confeitadeira?

– Sim, sou coproprietária de uma loja de cupcakes em San Diego, chamada Sweet Dreams. Tive treinamento no Le Cordon Bleu em Paris.

– E Remy? – perguntou Lorenz com aquele sotaque italiano sensual dele.

– Sou de Nov’leans – respondeu, juntando as duas palavras em uma com seu sotaque sulista manso.

– Aprendi a cozinhar grudando no meu avô. Ele ainda trabalha lá, mas eu estou desempregado.

– Staci, você foi a líder nesta prova, conte-nos o que preparou.

– Busquei inspiração naquilo que torna nossas influências culinárias tão interessantes. Uma mistura de comida de rua da Louisiana e do sul da Califórnia. É um trio de *tacos po’boy*.

– Remy, o que você fez? – perguntou Hamilton enquanto Lorenz cortava o primeiro taco em três pedaços.

– O recheio – respondeu ele.

– O que tem nele? – perguntou Pete.

– Camarão e linguiça *andouille*, tilápia com crosta de limão e cogumelos Portobello à moda Vera Cruz.

– Parece interessante – disse Lorenz. – Vamos provar agora.

Todos os três experimentaram os tacos, e Staci sentia o coração saindo pela boca enquanto aguardava o comentário. Ela havia provado a comida. Sabia que ela e Remy tinham criado um belo prato, mas agora estava muito tensa. Segurou Remy pelo pulso, enquanto o silêncio só parecia crescer.

Hamilton olhou primeiro para Lorenz e depois para Pete.

– Eu realmente gostei deste. A combinação do tempero picante com a leveza do pão. Muito bom – disse Pete.

– Também gostei – disse Lorenz. – A linguiça estava deliciosa, o tempero bem assentado e complexo.

– Bem, então nós três voltaríamos para provar mais um pouco. Vocês dois trabalharam bem juntos

– comentou Hamilton.

Com isso, os jurados seguiram adiante, Remy retribuiu o aperto na mão de Staci, segurando-a brevemente antes de soltá-la. Ela queria dar pulos de alegria, mas Remy não parecia achar que era hora de comemorar.

– O que foi? Você parece quase tenso.

– Nem perto disso. Eu só não conto com os ovos antes de a galinha botá-los.

– Hum... Todos os três jurados gostaram da nossa comida. É certo que vamos ser escolhidos para ficar – falou Staci.

– Quero ouvir o que estão conversando entre eles. Isto é um concurso. Só porque fizemos um bom prato não quer dizer que os outros concorrentes foram mal – disse Remy.

Ela assentiu. E, pela primeira vez, realmente olhou para os outros *chefs* e para os pratos que haviam servido. Todo mundo queria aquela oportunidade para passar à próxima fase. Todo mundo queria vencer, e Staci precisava se lembrar disso.

Os *chefs* ao lado deles tinham feito uma maçã de peito com especiarias, fatiada fina e cozida no vapor.

– Parece arriscado para mim – comentou Staci. – A maçã de peito precisa ser cozida lentamente.

– Concordo, mas parece que Pete está gostando.

Staci tinha que admitir que os críticos gastronômicos pareciam estar gostando da carne. Mas Hamilton fez uma careta e cuspiu seu pedaço.

– Está seca.

– Está seca – concordou Lorenz. – Mas é louvável vocês terem tentado fazer uma maçã de peito no tempo que dispunham, e eu adorei a combinação apimentada das especiarias. De quem é a receita?

– Minha – respondeu o *chef* alto e magricela.

– Bom trabalho, Dave. Realmente dá sabor à carne e, para ser honesto, compensa o ressecamento – disse Lorenz.

– Eu gostei – interveio Peter. – O molho barbecue compensou a falta de maciez da carne.

– Obrigado – disse Dave.

Os jurados finalizaram a degustação, e todos foram informados para limpar suas estações enquanto a deliberação era feita. Remy estava introspectivo enquanto trabalhava rápido e eficientemente. Staci o ficou observando se movimentar, e então percebeu o que estava fazendo.

Ela sempre escolhia o pior momento para desenvolver suas paixões e parecia ter o pior gosto para homens. Já havia deixado um homem arruinar sua carreira culinária uma vez. Ia mesmo deixar acontecer de novo?

– Não se preocupe, *chère*, aconteça o que acontecer hoje, você sabe cozinhar, e ninguém pode tirar isso de você – disse ele. – Eu gostei de trabalhar com você hoje.

– Eu também – respondeu ela.

Todos foram solicitados a voltar para suas estações enquanto a decisão final era tomada. Remy ficou ao lado dela, e desta vez, foi ele quem lhe apertou a mão quando Hamilton começou a falar.

– Experimentamos alguns pratos verdadeiramente bons, considerando que pedimos para trabalharem com um *chef* cujo estilo era diferente do seu e demos um tempo limitado. Sabemos que todos vocês sabem cozinhar; mas este concurso é feito para levar vocês além. Sendo assim, os vencedores deste desafio e que permanecerão no programa são...

– Staci Rowland e Remy Stephens – anunciou Lorenz.

Remy a puxou para dar um abraço da vitória, porém a segurou um pouco mais do que deveria, e quando Staci se afastou, havia uma nova percepção nos olhos dele.

REMY SE certificou para que não seguisse no mesmo carro que Staci quando saíssem do estúdio e fossem levados para a casa do *Premier Chef*, em Malibu. Eles ficariam em uma casa luxuosa com vista para o oceano Pacífico.

A água era mais azul do que seu amado Golfo do México, mas o perfume do sal no ar o fazia se lembrar de casa. Havia assistentes de produção na casa quando chegaram. E todos foram instruídos a respeito de quais dormitórios deveriam ocupar na casa de oito quartos. A divisão seria de duas pessoas por quarto no início, e os produtores já haviam designado as duplas. Remy estava em um quarto com vista para o oceano, juntamente a Quinn Lyon.

– Cara, você se importa se eu ficar com esta cama? – perguntou Quinn.

Remy deu de ombros.

– Tudo bem. De onde você é?

– Seattle. Sou *chef* executivo no Poisson... um palpite para adivinhar nossa especialidade.

Remy sorriu. Havia uma natureza fácil de lidar em Quinn que fazia Remy se lembrar de um de seus tios cajun, que era pescador de camarão.

– Peixe, certo?

– Diabos, sim. Seu sotaque me diz que você é do sul... onde?

– Nov'leans – respondeu Remy.

– Onde você trabalha?

– Atualmente, estou na entressafra – respondeu. Meio que era verdade desde que ele tirara licença do *Gastrophile*.

– Isso é legal. Eu vi você trabalhando hoje, sua estação é impecável – disse Quinn.

– Eu comecei a cozinhar com meu pai, e ele é um tirano na cozinha.

Quinn riu.

– Meu velho era um madeireiro, não entendia nada sobre comida.

– Como você se tornou *chef*?

– Larguei a escola no ensino médio – respondeu Quinn. – Comecei como lavador de pratos e fui subindo. Quando criança nunca pensei que seria *chef*. Quero dizer, eram as garotas que cozinhavam no lugar de onde vim, sabe?

– Não, não sei. As mulheres na minha família sabem cozinhar, mas a cozinha sempre esteve repleta de homens. Não consigo me lembrar de uma época em que qualquer pessoa achasse que eu seria outra coisa senão um *chef*.

– O que sua família acha do seu desemprego? – perguntou ele.

– Não gosta muito. Mas entrar nesse programa provavelmente vai ajudar a tranquilizá-los – disse ele. A verdade era que os pais não sabiam onde ele estava agora. Mas ele imaginou que a família de Remy Stephens ficaria feliz por ele estar cozinhando sob a chance de ganhar um emprego ao final do programa. – E sua família?

– Minha esposa é ótima. Meu pai se mudou para o Alasca, então não está tão envolvido na minha rotina diária – explicou Quinn. – Não sei se devia desfazer as malas ou não.

– Eu vou desfazer as minhas – disse Remy. – Minha avó é supersticiosa e sempre disse que se você

acredita que vai ser bem-sucedido, então será, e vice-versa.

– Ah, isso é confiança, não superstição – retrucou Quinn, abrindo sua mala e começando a desfazê-la. – Mas acho que você está certo. Melhor agir como se eu fosse ficar aqui por um longo período.

– Definitivamente – concluiu Remy.

Quinn tinha uma foto da esposa e uma dele com o pai segurando o maior peixe que Remy já vira. Quinn ficou mantendo uma conversa tranquila enquanto se movimentava pelo quarto, e Remy soube que o outro tinha 38 anos e estava contemplando uma oferta para se tornar *chef* proprietário do Poisson. Algo que Remy não tinha certeza se gostaria de fazer.

Remy não deu nenhum conselho ao colega de quarto. Ele havia aprendido que decisões tão significativas precisavam ser tomadas intuitivamente. Do contrário, haveria dúvida e ressentimento depois.

O celular de Quinn tocou, e ele sorriu.

– É minha esposa.

– Vou te deixar a sós com ela – ofereceu Remy.

Todos os quartos ficavam no segundo andar da casa, que se localizava em um penhasco com vista para o oceano Pacífico. Remy desceu para o primeiro piso e viu todos aqueles participantes fumando na varanda. Mas não viu a Garota do Cupcake. Não estava procurando por ela, pensou, mas parte dele sabia que estava procurando sim.

Ela havia se saído bem na cozinha hoje, e ele estava muito feliz pelo fato de a liderança dela ter rendido uma vitória, mas só poderia haver um vencedor no *Premier Chef – Os Profissionais*, e ele tinha que ser aquele vencedor.

Na cabeça dele, o futuro dependia disso. Ele invejava Quinn e sua facilidade de se relacionar com o pai. O velho Lyon não o pressionara e intimidara para Quinn aprender a cozinhar. Nos seus 20 e poucos anos, Remy teria ficado mais feliz em poder decidir sozinho e encontrar seu caminho. Em vez disso, o caminho fora escolhido por ele. Por isso, ele tinha dúvidas agora.

Remy seguiu em direção à cozinha para pegar uma garrafa de água. Quinn seria um adversário difícil em qualquer desafio com frutos do mar, mas Remy tinha crescido no Golfo, então não estava muito preocupado, mas queria ter uma ideia de quem mais eram seus oponentes.

– Você fuma? – Um homem muito tatuado com sotaque de Nova Jersey perguntou quando Remy chegou ao pé da escadaria.

Não – respondeu ele.

– Ótimo. Até agora todo mundo que veio aqui para baixo é fumante. Sou Tony. Tony Montea – apresentou-se ele, estendendo a mão.

– Remy Stephens – respondeu, apertando a mão do outro. – Imagino que você seja de Nova York ou Nova Jersey.

– Jersey... Nascido e criado. Mas trabalho em Manhattan. Você poderia achar que minha especialidade é comida italiana, mas minha avó é francesa.

– A minha também... bem... francesa-creole – admitiu Remy.

– Legal. Ela cozinhava?

– Sim – respondeu. – E a sua?

– Sim. Foi ela que me ensinou a cozinhar. Mas quando se cozinha em casa não dá para ir muito mais longe – disse Tony.

– Verdade. Você tem treinamento formal?

– CIA – respondeu ele com um sorriso. – Provavelmente este é o único lugar onde não preciso explicar que é o Culinary Institute of America e não a Central Intelligence Agency. Para ser sincero, há um pessoal na minha vizinhança que acha que sou do governo.

Remy riu.

– Onde você trabalha?

– No Dans La Jardin – respondeu, dando o nome de um dos restaurantes franceses mais populares da cidade.

– *Chef* principal?

– Não, júnior, mas espero aprender algumas coisas aqui que me deem um impulso quando eu chegar em casa.

– Não está aqui para vencer? – perguntou Remy.

– Claro que quero vencer, mas já ouvi falar de alguns desses outros *chefs* aqui – disse Tony. – Eles podem ser difíceis de superar.

– Devem ser – concordou Remy, considerando Tony um cara legal, mas um competidor não muito forte. Alguém que estava mais preocupado com o que iria acontecer quando chegasse em casa em oposição ao que precisava acontecer ali não iria vencer. E Remy definitivamente estava ali para vencer.

– Você não está preocupado? – perguntou Tony.

– Não, mas já convivi com *chefs*-celebridades antes – disse Remy.

– Eu também – disse uma garota alta e magra com pele cor de cappuccino, se juntando a eles. – Sou Vivian Johns.

– Tony Matea – disse Tony. – Este é Remy Stephens. Com quem você trabalhou?

– Com Troy Hudson – disse Vivian, lançando um sorriso a ambos. – Trabalho no The Rib Mart, em Austin. Ele veio para cá para uma de suas exposições culinárias.

– E como é? – perguntou Remy.

– Interessante. Ele é um cozinheiro consistente, mas muito de seu talento se perde durante a filmagem do programa. Ele tinha uma equipe consigo durante o desafio – disse Vivian.

– Você venceu? – quis saber Tony.

– Claro que sim – respondeu ela. – É difícil superar as costelas de Austin estando em Austin, mas meu prato era bom. Realmente bom. É interessante como as pessoas agem quando estão perto dos *chefs*-celebridade. Com quem você trabalhou, Remy?

– Com Alain Cruzel – disse ele. O avô era uma dos *chefs* mais famosos a sair de Nova Orleans.

– Sim, já ouvi falar dele. É um cara durão na cozinha.

– Sim, é. Ele não tolera erros – disse Remy. – No entanto, compartilhar a cozinha com ele fez eu perceber que até os maiores *chefs* erram algumas vezes. É por isso que não ligo para a reputação de ninguém.

– E nem precisa – disse Tony.

– O que você quer dizer com isso? – quis saber Remy, se perguntando se, de algum modo, ele havia revelado seu nome e linhagem verdadeiros.

– Você venceu hoje. Acho que isso significa que a maioria dos participantes vai estar mirando em você.

– Não só em mim – disse ele. – A Garota do Cupcake também foi bastante impressionante.

– Não acho que ela vá encarar bem ser chamada desse jeito – disse Vivian com um sorriso.

Remy também achava que não, mas faria o que fosse necessário para evitar a química entre eles. E para preservar algum tipo de vantagem sobre ela. O apelido a incomodava, então ele continuaria a usá-lo.

– Precisamos de todos reunidos na sala de estar – anunciou o diretor.

Todos foram para a sala espaçosa que tinha uma televisão enorme na parede e três sofás longos, além de um número variado de poltronas posicionadas casualmente em pequenos grupos. Remy viu a Garota do Cupcake do outro lado da sala e se obrigou a desviar o olhar dela.

– Os vencedores do desafio de hoje vão sair para jantar esta noite no Martine’s, onde farão uma visita particular à cozinha e conversarão com o *chef* e o *subchef* deles. O restante de vocês vai participar de uma oficina de grelhados.

Remy balançou a cabeça. A última coisa que queria era mais tempo a sós com Staci. Se ele fosse tão supersticioso quanto sua avó, acreditaria que o destino estava unindo os dois.

Mas não estava.

Mesmo.

JANTAR A SÓS com Remy e com o *chef* Ramone não era o que Staci previra quando começara o dia derramando chá naquele bonitão no elevador. Entretanto, ela estava bem feliz por isto agora. Colocou um belo vestido que havia trazido na mala.

As instruções do *Premier Chef* foram bem explícitas. Ela precisava trazer seu dólmã, mas também calças jeans, um vestido, uma saia, um traje de banho e uma infinidade de outros itens. Ainda assim, lhe pareceu engraçado o pedido sobre peças de roupa específicas.

Ela sabia que era um programa de TV e que eles queriam que todos apresentassem determinada imagem, mas não pensou muito mais sobre seu vestuário. Agora que estava a caminho de um dos melhores restaurantes de Los Angeles, ela estava feliz por ter feito compras com Alysse no fim de semana anterior.

Staci gostava de passar tempo com sua sócia na Sweet Dreams, principalmente porque Alysse andava bem atribulada, ocupada com seu casamento iminente e ativamente determinada a expandir o negócio dos cupcakes. Staci havia resolvido tirar uma folga da correria diária na confeitaria para se preparar para o programa. Porém era a primeira admitir que agora seus sonhos seguiam uma direção diferente.

A confeitaria salvara sua sanidade quando ela retornara à Califórnia, mas isso tinha sido há cinco anos e, considerando que estava com quase 30, Staci sentia que era hora de descobrir o que ela queria da vida. E não conseguiria até consertar seus erros do passado. Até analisar suas dúvidas remanescentes sobre suas habilidades como *chef*. Este programa era sua chance para fazer tudo isso.

Ela verificou a maquiagem mais uma vez, embora soubesse que uma pessoa da produção iria reaplicá-la e deixá-la pesada para se adequar às câmeras.

– Você está bonita – disse Vivian, sua colega de quarto.

– Obrigada. Eu não tinha certeza se usaria este vestido na TV. Acha que está muito decotado? – perguntou ela. Ela o havia experimentado na loja, mas estava usando um sutiã esportivo na hora, então não notou o quanto o decote revelava.

– De jeito nenhum. O sensual vende, baby. E também distrai. Se Remy ficar olhando para seu peito, você vai ter uma vantagem sobre ele.

Ela suspirou por dentro. Era um concurso, afinal. Queria Remy distraído e fora do jogo. Mas ao mesmo tempo, usar seu corpo para vencer, bem... por que não? Remy não tinha hesitado em utilizar seu sotaque sulista sensual para distraí-la.

Ela pegou a bolsa e se certificou de que seu diário de receitas estava lá. O bloquinho já havia visto dias melhores e estava abarrotado de fotos e páginas que ela acrescentara. Staci nunca ia a lugar algum sem seu caderninho. Ela gostava de fazer anotações sobre as refeições que comia e achava que comer fora era sempre inspirador para seu paladar.

– Acabe com eles – disse Vivian.

– Espero que sim – respondeu Staci quando saiu do quarto. Ela estava acostumada a morar sozinha, a cozinhar sozinha e a passar a maior parte do tempo sozinha, então morar com outros participantes seria tenso.

Remy estava esperando no vestíbulo com Jack, o diretor e um dos produtores. Ela quase tropeçou na escada ao olhar para Remy. O cabelo negro espesso estava penteado para trás. Ele usava uma camisa social branca casualmente aberta no pescoço e um paletó azul-marinho com calça cinza. Ele olhou para o relógio e então para as escadas, ficando boquiaberto quando a viu.

Ela se deu um “toca aqui” mental e se obrigou a sorrir para ele de um jeito que esperava parecer casual. Para ser honesta, Remy estava escorrendo sensualidade em seu traje para o jantar, então Staci não tinha muita certeza de qual impressão estava passando.

– Agora que vocês dois estão aqui, vamos para o restaurante. Não vamos filmar até chegar lá, assim vocês podem relaxar.

– Obrigado – disse Remy. – Nós mesmos vamos dirigir?

– Não. Temos um assistente de produção que vai levar e buscar vocês. No decorrer do programa, você sempre estarão sob nossa responsabilidade. O *chef* Ramone não gosta de telefones celulares e pediu que os aparelhos fossem deixados conosco.

– Tudo bem – disse Staci, abrindo a bolsa para pegar o celular, o qual entregou para Jack.

– O que é este caderninho em sua bolsa? – perguntou o produtor.

– É só meu diário de receitas. Eu gosto de anotar os pratos que como.

– Acho que não vai ter problema. No entanto, vamos verificar com o *chef* antes de vocês chegarem lá e, se não puder, você vai ter que entregá-lo a um dos membros de nossa equipe na locação.

Ela não gostava da ideia de deixar outra pessoa ficar com seu caderno, mas não iria discutir sobre isso agora. Jack os incitou a sair e os levou a um sedã.

– Quantos carros vocês têm? – perguntou Remy.

– O suficiente. A montadora está patrocinando um de nossos futuros desafios e dando este carro como prêmio.

– Legal. Espero que eu vença – disse Staci. – Tenho andado de ônibus por tempo demais.

Remy gargalhou.

– Ah, sem o ônibus eu nunca teria tido uma ótima primeira impressão de você.

Ela balançou a cabeça, lembrando-se de como pousara nos braços dele.

– Eu poderia ter passado sem essa.

Logo ambos estavam no banco de trás e sendo levados pela cidade em direção ao famoso restaurante. Em vez de pensar na noite ou até mesmo no concurso, os pensamentos de Staci não conseguiram ir além do homem sentado ao lado dela.

Ela queria ter deixado uma primeira impressão mais agradável nele, mas sabia que suas habilidades

na cozinha compensavam seu tropeço. E, sendo realmente honesta, ela não teria trocado o primeiro encontro deles por nada neste mundo.

– Nervosa? – perguntou ele.

– Um pouco. Mas não muito – disse ela. – Você?

– Não. Estou curioso para ver as técnicas dele. Não cozinhei muito fora do sul.

– Eu fui treinada em Paris – disse ela.

– Mesmo? Confeitaria? – perguntou ele.

– Sim, e todo o restante – admitiu ela.

– Então por que você é coproprietária de uma loja de cupcakes? Você deveria estar trabalhando nas melhores cozinhas do mundo.

– É uma longa história – disse ela.

– Bem, temos um longo trajeto de carro – respondeu ele.

CAPÍTULO TRÊS

O CALOR dentro do carro fazia o ambiente parecer um casulo íntimo, e teria sido fácil para Staci se esquecer de que Remy era seu concorrente. No entanto, aquela situação logo foi substituída pelas noções dela sobre a vida. Remy podia ser um *chef* fora do mercado de trabalho, mas estava claramente acostumado ao luxo. Ele estava relaxado ao lado dela em suas roupas caras.

Qual era o histórico dele? Será que ela queria mesmo saber? Muitas pessoas diziam que era melhor conhecer seu inimigo, mas dada a personalidade falha dela no que dizia respeito aos homens, Staci achava que um pouco de mistério provavelmente era bom.

– Você estava me contando como uma *chef* do Cordon Bleu terminou dona de uma loja de cupcakes – disse ele com aquele sotaque sensual.

Seria fácil considerá-lo inocente, não fosse por aquele olhar astuto dele. Ela não precisava tentar adivinhar para saber que Remy era um dos adeptos da teoria conheça seu inimigo.

– Estava? – perguntou ela, se virando em direção a ele. O tecido do vestido deslizou perna acima, e ela esperou para ver se ele tinha notado.

Tinha. Mas Remy arqueou uma sobrancelha para ela para informá-la de que sabia que Staci o havia feito de propósito. Ela deu de ombros, e ele sorriu.

– Está claro que nenhum de nós dois vai se esquecer de que isso é um concurso – disse ele.

– Estou aqui para vencer – reiterou ela. – E tenho que presumir que você também esteja.

– De fato. Por que outro motivo eu cruzaria o país trazendo apenas minhas facas e meus conhecimentos culinários?

– Onde você estudou? – perguntou ela, virando a mesa contra ele.

– No CIA. Mas vamos ficar sabendo disso ao longo do concurso. Eu quero saber mais sobre você. As coisas que você não vai revelar diante das câmeras – provocou ele enquanto se remexia para esticar o braço ao longo das costas do banco. Os dedos ficaram a apenas centímetros do ombro dela, Staci sentia o calor do corpo dele contra sua pele.

– Mas estes são fatos que não entrego por nada. O que você vai me oferecer em troca, quais são seus segredos, Garoto Sulista?

Ela percebeu que a atração era recíproca e que Remy não tinha medo de virar a mesa e acuá-la. Staci pigarreou.

– Mostre-me o seu que mostro o meu – disse ele.

– Isso não parece justo, a não ser que eu saiba o quê exatamente você está oferecendo – disse ela.

– Tudo bem. Conte-me como foi que você começou a cozinhar. Onde sua jornada culinária começou? – perguntou ele, roçando o dedo no rosto dela.

Ela virou o rosto para se desvencilhar do toque dele.

– E você vai fazer o mesmo?

– *Oui, chère* – disse ele.

Ela roçou um dedo no queixo com barba por fazer apenas para tentar desequilibrá-lo, e também porque estava ansiando para sentir como era. Remy parecia simplesmente esticar a mão e tocá-la sempre que tinha vontade.

– Ótimo. Cresci aqui no sul da Califórnia. Sou filha única e sempre ficava na cozinha com minha avó, que praticamente me criou – contou ela. – Sua vez.

– Cresci em Louisiana. Embora eu more e trabalhe em Nova Orleans agora, passei muito tempo no pântano quando garoto, com o pessoal da minha avó. Aprendi a pescar camarão e a preparar o que encontrávamos todos os dias. Não percebi que grande dádiva isto seria quando eu fosse *chef*.

– Aposto que sim. Minha avó costumava comprar o que quer que estivesse à venda no armazém quando íamos lá. Ela nunca tinha um cardápio, e quando chegávamos em casa ela combinava os ingredientes de diferentes maneiras.

– Parece que crescemos de um jeito bem parecido – disse ele.

– Talvez. Você parece muito à vontade cercado pelo luxo – falou ela.

– Pareço?

– Sim. Provavelmente este é o melhor carro no qual já entrei, a não ser que você conte a limusine que peguei para ir ao baile de formatura da escola. Não acho que esse seja seu caso.

Ele riu.

– Com quem você foi à formatura?

– Com um garoto que pensava que me amava – respondeu ela.

– Por que ele pensava que te amava? – questionou Remy.

Ela não iria começar a falar sobre seu passado pedregoso e sobre os supostos amores.

– Não evite a pergunta.

– Qual foi a pergunta?

Ela franziu a testa para ele.

– Você é difícil e reservado. O que exatamente está escondendo, Remy Stephens?

– Acredito que algumas coisas não deveriam ser reveladas. Mas você está certa. Eu cresci em um lar financeiramente confortável. No entanto, isto não é tão interessante quanto o rapaz que pensava amar você. Você não o amava?

– Não estou falando disso – protestou ela. Staci não havia se permitido se importar com ninguém quando era mais jovem porque tinha grandes sonhos de ir embora da Califórnia e morar em Paris. Ela iria ser a próxima Julia Child.

– E emocionalmente? Sua casa era tão confortável nesse sentido quanto era financeiramente? – perguntou ela. Já havia encontrado mais de uma pessoa que costumava se esconder detrás da evasão e tinha crescido em um lar complicado. Ter dinheiro nem sempre significava passar por uma educação tranquila.

– Era bom. Minha família é toda formada por cajuns e franceses, então há muita paixão e temperamentos explosivos, mas eu sempre soube que era amado. – A voz dele revelava a verdade daquelas palavras. E ela imaginava como ele havia sido na cozinha. Havia algo muito contido sobre

Remy. Ela duvidava que ele fosse do tipo de homem que deixava a paixão por uma mulher interferir em seu desejo de vencer.

Staci precisava se lembrar disso.

– Mimado? – perguntou ela.

– Um pouco. Mas não posso culpar meus pais por isto. Eu gosto das coisas do meu jeito – explicou ele.

– Do mesmo jeito que você fez no concurso desta tarde. Fazendo o que você achava ser o melhor em vez de seguir o que eu disse para fazer.

Ele deu de ombros outra vez.

– Preciso dar tudo de mim na cozinha. Mesmo que isso signifique enfurecer outro *chef*.

– É por isso que você está desempregado agora? Tem dificuldade para receber ordens? – perguntou ela.

Remy esfregou o nariz e tirou o braço do encosto do banco, colocando-o no colo. Staci suspeitou ter feito uma pergunta que se aproximava demais do que quer que ele estivesse escondendo. De qualquer que fosse o ponto vulnerável do emocional dele. *Interessante*.

– Talvez – disse ele. – Principalmente porque tenho sido elogiado pelos meus dotes culinários, mas só por aqueles que me conhecem por toda minha vida. Quero saber se sou realmente bom.

– Por quê? Aconteceu alguma coisa para abalar sua confiança? – perguntou ela.

– Aconteceu alguma coisa com você? – questionou ele, focando o olhar azul intenso no dela. – Aposto que sim. Ninguém sai de Paris para uma loja de cupcakes sem que haja um grande evento para obrigar a tal mudança.

– Verdade. Acho que nós dois temos nossos segredos – respondeu ela. – Mas deixe-me dizer uma coisa, eu nunca duvidei da minha habilidade de servir um bom prato. Quando termino de prepará-lo, sei que a pessoa que provar minha comida vai ficar extasiada.

– Sabe?

– Sim. Acho que você deve ser como eu – falou ela. – Do contrário, por que viria para cá?

– Realmente.

Ela se recostou contra o banco de couro e olhou pela janela outra vez. Desta vez, as respostas que buscava nada tinham a ver consigo, mas com ele.

– Você quer elogios externos.

– E você não? – perguntou ele.

– Acho que sim. Eu realmente quero uma chance de retornar ao ponto onde já estive uma vez – respondeu, sendo totalmente sincera.

Por mais que o sucesso de Staci com a Sweet Dreams a validasse como *chef* e empresária, ela queria saber se tinha talento para ser páreo aos melhores *chefs* do mundo. Anos atrás, disputara o cargo na cozinha de um famoso *chef* parisiense, e então jogara tudo para o alto por amor. Não, isso não estava certo. Não havia amor entre eles, mas sim paixão e perigo, pensou ela. Foi muito perigoso para ela se render às suas paixões.

Sim. Era isso que estava faltando na vida dela. Era isso que Staci tinha medo de não encontrar nunca mais. A paixão por viver e por cozinhar. Só quando abraçou ambas é que realmente se equilibrou. No entanto, aquela também era a coisa que mais a apavorava.

– Você parece ter acabado de resolver todos os problemas do mundo – comentou Remy.

– Não, só os problemas de uma mulher. É engraçado como você encontra respostas quando não

sabia nem que havia uma pergunta – falou ela.

– O que você descobriu, *ma chère*? – indagou ele, levando o braço ao encosto do banco outra vez e tocando a lateral do rosto dela.

De jeito nenhum ela iria compartilhar a verdade com ele, mas Staci sabia que se iria recuperar sua paixão na cozinha, teria que recuperar sua paixão na vida também. Precisava descobrir um jeito de equilibrar as paixões pessoais com as profissionais, e um lado dela sentia que talvez pudesse fazê-lo com Remy. Mas outro lado advertia que, na última vez em que tentara fazê-lo, saíra queimada. Será que ela seria capaz de sobreviver a mais uma dança da paixão com um *chef*?

REMY TINHA vindo para cozinhar, mas descobriu que na maior parte do tempo, até então, seus pensamentos estavam tomados pela mulher sexy sentada a seu lado. O perfume dela era indescritível, porém tentador, e ele achava o aroma perturbador enquanto ambos trabalhavam ao lado de *chef* Ramone na cozinha. Remy balançou a cabeça, obrigando a atenção a retornar à tábua de corte diante de si. O *chef* executivo se afastou para cuidar de uma emergência do outro lado da cozinha, e Staci se aproximou de Remy.

– Ele é tão retraído que quase não consigo acreditar que seja capaz de preparar estes pratos espetaculares.

– Sei o que você quer dizer. Eu nunca conheci um *chef* que nunca berra – comentou Remy. – Certamente nunca trabalhei com um que não berrasse.

– Nem eu. Até mesmo Alysse e eu berramos uma com a outra na confeitaria.

– Ela é sua sócia? – perguntou ele.

– Sim. Ela é divertida. Normalmente ficamos compartilhando histórias uma com a outra da noite anterior, ou eu fico dando ordens para ela – disse Staci.

– Você faz muito isso? – questionou ele. Remy havia terminado de cortar em cubos os legumes designados pelo *chef*. Staci ainda tinha metade da pilha para finalizar. Ele esticou a mão e pegou as cenouras dela.

Ela sorriu em agradecimento.

– Sim, eu dou muitas ordens a ela. Mas não só a ela, a qualquer um que precise de meus conselhos.

– Eu preciso?

– Não sei. Um lado de mim diz que sim, mas não conheço você bem o suficiente. Você é habilidoso com esta faca.

– Habilidades com facas são umas das melhores armas em um arsenal de um *chef* – disse Remy.

– Sim, são, Remy – disse o *chef* Ramone, voltando-se para eles. – Você se saiu bem na tarefa que lhe passei. Está pronto para montar seu prato?

Remy estava achando tão agradável trabalhar na cozinha com Staci e *chef* Ramone quanto em sua cozinha em casa. Era notável ele considerar que aquele ambiente era sua casa, embora estivesse a milhares de quilômetros de Nova Orleans.

E Remy não tinha certeza se era capaz de encontrar seu rumo. Staci bagunçava a concentração dele, e aquilo o intrigava. Ele já havia tido casos amorosos. Era ardente demais e sua pulsão sexual era muito intensa para não tê-los. Mas ele nunca se permitira ter um caso com outra *chef*. Para ele, a vida parecia melhor quando se mantinha a parte profissional e pessoal separadas.

Agora já não tinha mais tanta certeza. Ele observou Staci mergulhar a colher no molho que ela

estava preparando, mirou em seus lábios fartos e viu os olhos dela brilharem. Ele reprimiu um gemido. Em sua cabeça, ele se aproximava dela e provava o molho, não da colher, mas dos lábios dela.

– Quer provar? – perguntou ela.

Ele retornou ao presente e assentiu. Desejava muito mais do que uma provinha, mas aquele seria um bom começo. Ela estendeu a colher para ele, mas em vez de pegá-la da mão dela, Remy envolveu o pulso de Staci com seus dedos e a puxou para si.

Ele ergueu a mão de ambos e então se inclinou para passar a língua no molho, mantendo contato visual com Staci o tempo todo. Ela entreabriu os lábios, e a língua ficou exposta outra vez, exatamente como já havia ocorrido. As pupilas dela dilataram, e um leve rubor lhe tomou o rosto.

– Delicioso... – disse ele, deixando a mão cair e retornando à sua estação.

– Obrigada – agradeceu ela, a voz esganiçada, até mesmo rouca, e ele percebeu que havia vencido uma rodada no jogo da conquista.

Foi aí que Remy soube que não iria embora da Califórnia sem levar Staci Rowland para sua cama. Ele achava que ela o distraía da culinária, mas estava começando a perceber que, se não a possuísse, aquilo seria muito mais do que uma distração.

Ela era a tentação encarnada, e ele era da Louisiana. Fora criado para se render às paixões na cozinha e fora dela, e embora aquela fosse ser a primeira vez que Remy combinaria as duas, achou a expectativa maravilhosa.

– Remy? – chamou Staci.

Ele olhou para ela e flagrou a confusão em seus olhos. E, por um segundo, se perguntou se havia interpretado mal as atitudes dela, mas aí ela lambeu os lábios outra vez, e ele sorriu. Sabia que não tinha errado.

Staci parecia estar lidando com alguns problemas naquele concurso, assim como o restante dos participantes. E embora naquela noite fossem apenas os dois, ele sabia que qualquer informação que colhesse a respeito dela seria útil durante as semanas que estavam por vir.

Ele reduziu o espaço entre eles. Colocou a mão nos ombros dela e se abaixou quando se aproximou. Roçou os lábios sobre os dela e sentiu o gosto da doçura amanteigada do molho, mas também o sabor indescritível de Staci. Era único, misterioso e tão viciante que ele não queria parar de beijá-la.

No entanto, sabia que precisava parar. Deu um passo para trás e a viu observando-o com uma expressão insondável. Remy a chocara. Diabos, e também surpreendera a si mesmo, porque pensava que o jovem impulsivo que ele tinha sido havia ido embora para sempre. Mas Remy estava feliz por ele estar de volta.

Ele achava que precisava ser um pouco impulsivo se pretendia buscar o rumo certo para se encontrar e para o *Gastrophile*.

Teve uma ideia em relação ao tempero a ser acrescentado ao prato e se afastou de Staci, retornando à estação de trabalho. Cozinhando com entusiasmo renovado, assim que Remy terminou e ambos apresentaram seus pratos ao *chef*, ele soube que havia criado algo diferente.

Algo único e que ele não teria sido capaz de inventar se não tivesse beijado Staci. Era como se ela fosse uma musa inspiradora.

Ela estava calada e roubava olhares de soslaio dele, mas ele não a encarou. Aguardou o veredito sobre os pratos, nada surpreso quando foi declarado vencedor.

Sentiu um bálsamo de satisfação e percebeu que devia um enorme agradecimento a Staci, mas, mais do que isso, ele queria continuar cozinhando com ela ao seu lado. Hoje, mais cedo, ele se sentira

ofendido por ter que ouvir outra pessoa dando ordens na cozinha, mas esta noite ele reconhecia que só poderia chegar ao nível seguinte com um impulso externo.

Chef Ramone se afastou outra vez, e Staci colocou as mãos na cintura quando se virou para Remy.

– O que foi aquilo?

– O quê?

– Beijar-me daquele jeito. Pensei que ambos fôssemos profissionais – protestou ela.

– Nós somos – admitiu ele. – Aquele beijo não teve nada a ver com nossa culinária e tudo a ver com o fogo entre a gente. Pensei que seria perturbador...

– E não foi? – questionou ela. – Para mim, foi.

– Não – retrucou ele. – Não foi perturbador. Foi inspirador.

Ele se inclinou e a beijou outra vez.

– Obrigado.

Staci semicerrou os olhos, e ele sentiu o desprazer dela.

– Não há de quê, acho. Não quero que você faça isso outra vez.

– Não vou prometer – disse ele.

STACI MANTEVE distância de Remy durante a volta de carro para casa. Ela havia pensado que flertar com ele lhe daria uma vantagem e se surpreendera com a facilidade com que ele havia invertido a tática contra ela. Mas quando o observou se movimentar tranquilamente pela sala da casa e conversar com os outros competidores, soube que havia mais além daquilo.

Havia algo em Remy que mexia profundamente com ela. Staci precisava andar com cuidado. Enquanto o beijo estimulava e inspirava Remy a fazer um prato criativo e único, só servira para derrubá-la, fazendo-a apresentar algo medíocre. Ela teve sorte por não haver julgamento naquela noite. Teve sorte por ter sido meramente uma experiência para aprendizado. E também não iria esquecer-la.

– Como foi? – perguntou Vivian, aproximando-se dela e lhe entregando um taça de vinho.

Staci deu um gole no vinho branco seco enquanto pensava no que dizer para Viv. Eram colegas de quarto, então o impulso de compartilhar o que havia acontecido era forte, mas ela também sabia, pela experiência de assistir a reality shows como aquele, que relacionamentos íntimos normalmente eram um tiro pela culatra. Até mesmo amizades.

– Foi fantástico – respondeu. Também sabia que nunca iria emitir uma opinião negativa sobre coisa alguma.

– Eu sabia. Vou vencer o próximo desafio – disse Vivian.

– Vai?

– Claro que sim. Eu não me importaria em ser levada para um jantar particular com o gato do Remy.

– Ele pode não ser o vice-campeão da prova – avisou Staci.

– Por quê? Ele demonstrou alguma fraqueza esta noite? – perguntou Vivian.

Não, ela pensou. Ela mesma demonstrara alguma fraqueza e sabia que precisava descobrir como transformar aquilo em resistência. Era capaz de fazê-lo. Só precisava se lembrar... do quê? Não fazia ideia de como lidar com Remy e tinha consciência disso.

Soubera no instante em que caíra nos braços dele no elevador. Ele mexeu com ela, e Staci tinha

pensado que, ao ser ousada como sempre, iria assumir a posição de controle. No entanto, Remy virou aquilo contra ela. Como ele sabia que funcionaria? Mas Staci achava que talvez Remy não estivesse tão seguro assim e tivesse apenas arriscado... *Espera um segundo*, pensou ela. Ele não tinha percebido que havia mexido com ela. Estava absorto demais nos próprios problemas.

Staci precisava se lembrar de como a avó a advertira diversas vezes quando ela estava crescendo. *Nem tudo gira em torno de você.*

– Então?

– Desculpe, Viv. Ele é um ótimo *chef* e vai ser necessário muita habilidade para superá-lo – disse ela. – Ele pegou o prato do *chef* e deixou com um sabor ainda melhor. Você sabe que isso diz muita coisa.

– Droga. Bem, te digo que Dave não tem nenhuma habilidade com corte de carnes. Ele fez uma bagunça com o peixe esta noite. Não conseguia tirar um filé de um salmão. Tipo, isso é ensinado no primeiro ano de curso, certo? – perguntou Vivian.

– Sim, é. Mas ele fez aquele molho que Lorenz gostou. Temos de tomar cuidado com os sabores que ele cria.

– Verdade. Estou pronta para os desafios individuais, mas os de equipe me preocupam – admitiu ela.

– A mim também – disse Staci. – Odeio ter que depender de qualquer pessoa além de mim.

Elas conversaram mais um pouco a respeito do concurso até todo mundo, um a um, ir seguindo para a cama. Vivian colocou os fones de ouvido do mp3 player e apagou a luz individual. Virou-se para dormir pouco depois da meia-noite, mas Staci ainda estava bem acordada.

As perguntas percorriam sua mente, e imagens dos pratos que ela havia comido naquela noite passavam em lampejos na cabeça. Ela pegou o diário de receitas e saiu da cama. Vestindo um suéter, caminhou pela casa até a varanda com vista para o mar. A lua estava cheia, oferecendo alguma luz à noite, e ela se sentou em uma das espreguiçadeiras, deixando que o som calmante do oceano abrandasse sua confusão.

Abriu o caderninho e começou a anotar o que havia comido e cozinhado naquela noite. Não estava muito surpresa por ver Remy sendo destacado em suas anotações. Ela se concentrava nele, detectando a parte que fazia sentido e as muitas coisas que não faziam. O molho dela tinha sido um fracasso. O beijo... não, foi isto que a tirou do jogo. Até então, ela estava ótima.

Ela o provocara, e o tiro saiu pela culatra. Mas só porque não estava preparada para a ousadia dele, tão grande quanto a dela. E aquele seria um erro que ela não voltaria a cometer.

– Posso me juntar a você?

Ela olhou ao redor e viu Remy parado à porta. Ele vestia jeans desbotado e uma blusa preta de mangas longas que lhe moldava o torso. Tinha uma caneca nas mãos e estava descalço.

Staci assentiu e gesticulou para a cadeira ao seu lado.

Ele sentou-se, recostando-se na espreguiçadeira e ficando calado durante um longo minuto ou dois. Deu um gole na bebida quente, e Staci achou que ele estivesse brincando com ela, mas quando olhou para ele, notou que não estava.

Nem tudo gira em torno de você, ela lembrou a si outra vez.

– Por que não consegue dormir? – perguntou ela.

– Quinn ronca – respondeu ele. – Mas estou muito agitado depois de cozinhar esta noite. Se eu estivesse em casa, estaria tentando fazer todos os pratos diferentes que estão na minha cabeça.

– A mesma coisa aqui. Foi inspirador ver o que *chef* Ramone fez. Quero dizer, ele tem raízes bem humildes.

– Sim, tem. Meu avô diz que toda boa cozinha vem do coração – disse Remy.

– Foi isso que inspirou você esta noite? Eu nunca havia provado aquela combinação de temperos.

Ele deu de ombros e bebericou mais um pouco da caneca.

– Acho que fui inspirado por algo um pouco mais abaixo do meu coração.

Aquilo a sobressaltou, e Staci olhou para o espaço entre eles, tentando descobrir se Remy estava falando a verdade ou não. E viu nos olhos dele que estava. Ele a desejava.

Staci largou o caderno, levantou-se e trocou de cadeira para sentar de frente para Remy.

– Está tentando me dizer que sua virilha inspirou o prato? – perguntou ela, firmando as mãos nas costas da cadeira dele, uma de cada lado do rosto de Remy.

– Sim, estou. Havia alguma coisa ardente naquele beijo que roubei de você – respondeu ele. – Meu prato foi uma imitação pálida dela. – Ele se inclinou, enveredando os dedos no cabelo dela e puxando a cabeça de Staci até ele, e desta vez, quando os lábios de ambos se encontraram, ela abriu a boca por sobre a de Remy, passando a língua pela fenda dos lábios antes de investir a língua de maneira provocativa na boca dele.

Remy gemeu, virando a cabeça para a direita para aprofundar o beijo. As mãos dele deslizaram sobre os ombros dela até a cintura, e ele a puxou para mais perto. Staci montou sobre o colo dele, tentando provar mais. Deus, ele era viciante.

E vícios raramente eram uma coisa boa, Staci tentava lembrar a si, mas, naquele instante, a lógica não estava mais no controle, e ela desejava mais da paixão que Remy inspirava.

CAPÍTULO QUATRO

TER UMA mulher sensual em seu colo não era bem o que Remy tinha previsto para esta noite, mas, para ser honesto, não havia nada que ele desejasse mais. Estava no auge da euforia por causa do prato que havia criado. Sentia como se tudo dentro dele estivesse seguindo em direção àquele interlúdio. Não tinha todas as respostas que estava buscando, mas felizmente, em parte por causa de Staci, havia encontrado algumas delas.

Tendo Remy deslizando os braços nas costas dela, Staci se movimentou para acomodá-lo, as mãos ainda emoldurando o rosto dele. Os dedos dela eram delicados e frios em contato com o queixo com barba por fazer. Ela acariciou o rosto de Remy, cortando o contato com a boca.

Exalou longa e lentamente quando mudou de posição para se apoiar nos tornozelos.

– O que vou fazer com você? – perguntou ela.

Mas Remy sabia que Staci não estava, de fato, esperando uma resposta dele. Estava mais para uma pergunta que, ele apostava, ela não estava nem mesmo ciente de ter verbalizado. Ele passou as mãos pelas costas dela, e Staci parecia tão etérea em seus braços. Como as fadas que sua irmã caçula colecionava quando eles eram crianças. Staci não pertencia a este mundo, embora houvesse algo de muito real a respeito dela.

Ele sentia que o movimento errado poderia fazê-la correr para dentro de casa e se refugiar em um retiro permanente.

Ele não era muito propenso a ser hesitante. Ia contra sua natureza esquentada de cajun. Mas estava disposto a fazer o que fosse necessário para manter Staci ali nesta noite. Ele precisava dela. Não tinha certeza de como ou por que, mas sabia que ela o inspirara naquela noite e queria manter aquela energia rolando.

– Beije-me outra vez – pediu Remy enquanto a brisa do Oceano Pacífico os cercava.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– Você gostaria disso, não é?

– Claro que sim, afinal sou homem.

Ela sorriu para ele, mas a expressão não alcançou os olhos, e ele sentiu uma tristeza nela. Lembrou-se do rapaz que ela mencionara, aquele que pensava amá-la.

Remy queria saber mais a respeito de Staci. Precisava disso, embora ao mesmo tempo reconhecesse que, se iria vencer o concurso e provar a si o que precisava ser provado, ele não podia permitir que ela fosse a primeira pessoa a fazê-lo recuar diante de um desafio.

Mesmo que aquela ação fosse impossível. Houve outras mulheres na vida dele, mas nenhuma delas o inspirara a cozinhar do jeito que ele havia feito naquela noite. Não havia como negar. Ele só podia esperar ser capaz de controlar seu desejo por Staci. Sabia que homens que brincavam com fogo acabavam queimados.

– Mas você também gostaria porque sabe que somos concorrentes e viu o jeito como me derrubou na cozinha esta noite – disse ela.

Ele não precisou fingir surpresa. Genuinamente, não fazia ideia de que o envolvimento entre eles a havia abalado. Mas agora que sabia, ele arquivou aquela informação para mais tarde.

– Não, não vi.

– Mesmo? – perguntou ela, trilhando os dedos pelo restolho de barba dele.

Remy fechou os olhos e inclinou a cabeça para o lado, se deleitando no toque de Staci enquanto a sensação se espalhava pelo seu corpo. O sangue dele pareceu fluir mais pesadamente nas veias antes de se concentrar entre as pernas. A ereção dele ficou mais rija, e ele quase projetou os quadris para frente.

– Sim. Fui inspirado pelo nosso beijo. Houve algo tão sensual naquele contato com você que pensei que fosse explodir bem ali na cozinha do *chef* Ramone, mas daí canalizei no prato... Eu nunca havia feito isso. Sempre cozinho seguindo a receita. Pratos são feitos do jeito que sempre foram.

– Por quê? – perguntou ela, percorrendo as mãos pelo pescoço e pelos ombros de Remy, e o calor começando a fluir através dele. Não era diferente do que ele havia sentido mais cedo na cozinha de Ramone. Aquela mulher, Staci, o fazia sentir coisas que ele sabia que iriam arrematar a situação deles. Ele deveria tirá-la de seu colo e sair... mas sabia que não iria fazê-lo.

Ele segurou o pulso dela e guiou a mão de Staci mais para baixo, para massagear o tórax e peitoral dele. As mãos dela eram pequenas e delicadas, como ela. Staci despertava a natureza selvagem da alma dele, e Remy era impotente para ignorar isto. Ele a desejava, mas, mais do que isso, queria ser o homem que afugentaria a obscuridade dos olhos dela.

Ela esticou os dedos, e então ele sentiu o cravar das unhas dele através do tecido da blusa.

Remy a abraçou, ela era tão quente quanto a pimenta mais forte no jardim dele, e uma provinha simplesmente não era o suficiente.

Remy envolveu os quadris dela, colocando-a em contato com sua ereção. Staci suspirou. O som do nome dele nos lábios dela o fez estremecer. Ele gostava. Queria ouvir outra vez quando ela estivesse ofegante e no auge do prazer.

Ele investiu de encontro a ela enquanto os dedos de Staci continuavam a acariciá-lo. Como ele desejava aquela mulher.

Hoje à noite, tendo apenas a lua e o mar como testemunhas, Remy se sentiu livre para se render aos seus desejos. Necessitava reivindicá-la para si... sua musa. Ele enredou uma das mãos no cabelo curto dela e puxou sua boca de volta à dele. Os beijos dela eram viciantes, e ele estava ávido por mais. Roçou os lábios nos dela até ela entreabrir a boca, então deslizou a língua para a boca de Staci. Estava desesperado para encontrar aquele sabor indescritível que tanto o intrigara mais cedo.

Ela se remexeu outra vez, a língua brincando com a dele. Remy não se cansava dela. E se perguntava se ela seria tanto sua salvação quanto seu declínio. Porém afastou tal pensamento. Só um tolo se prolongaria em pensamentos quando tinha uma mulher como Staci nos braços.

Nesta noite, ela era um presente enviado pelos deuses para inspirá-lo, e não havia como ele ultrapassar o limite. Ela era dele, pensou Remy. Apenas mais um elemento do novo conhecimento que

ele adquirira em seu primeiro passo naquela jornada.

Ele encontrou a bainha da blusa dela e deslizou as mãos por baixo, subindo pelas costas. Ela não estava usando sutiã, o que o deixou ainda mais excitado do que já estava. A pele dela era tão macia que ele simplesmente continuava acariciando enquanto lhe devorava a boca. Ela estava balançando no colo dele, as mãos caçando a bainha da blusa dele e erguendo-as até as axilas.

O primeiro roçar dos dedos dela contra a pele dele o fez arder por mais. Remy puxou a blusa dela para cima, e Staci afastou a boca da dele, encarando-o. Então tirou a blusa e a jogou no piso, perto da cadeira. Remy fez o mesmo com a própria blusa e ajeitou Staci sobre a espreguiçadeira de modo que ele pudesse puxá-la para mais perto. O centro da feminilidade dela estava aninhado perto da virilha dele, os cumes dos seios firmes roçando no peito dele.

Os mamilos dela estavam rijos e contundentes, pressionando a pele dele, e Remy mantinha as mãos nas costas dela, bem entre as escápulas, pressionando-a contra si para continuar se deleitando naquela sensação. Ela ergueu a cabeça em direção a dele e logo as mãos dela estavam em seu rosto outra vez, puxando-o até as bocas se encontrarem.

O beijo foi descaradamente carnal desta vez, e ele queria que nunca findasse. Deixou as mãos explorarem o corpo dela do mesmo jeito que a língua fazia com a boca. Lentamente, com varreduras demoradas e lânguidas, como se eles tivessem todo tempo do mundo. Como se aquele momento fosse durar para sempre.

Ele levou uma das mãos ao traseiro dela e a incitou a roçar a pélvis contra a dele. Staci o fez. O movimento lento ecoou nas línguas de ambos. Ele sentiu um toque leve feito pluma nas costas, surpreso com a rapidez com que ela o estava decifrando. Não se sentia assim tão no limite por causa de um carinho desde que era um adolescente excitado.

Ela roçou os seios contra o peito dele, e Remy tirou uma das mãos das costas dela para abarcá-la e provocar o mamilo com o polegar. Ela agarrou a parte de trás da cabeça dele, beijando-o apaixonadamente, fervorosamente.

Os quadris de Staci começaram a se movimentar mais rapidamente em cima dele, e Remy soube que ela estava na iminência do orgasmo. Ele passou a unha na auréola do seio e sentiu os arrepios se espalhando, então Staci parou de repente.

Ela projetou os quadris para frente, e ele lhe agarrou o traseiro ao mesmo tempo que levantou seus quadris, e a segurou daquele jeito, sua ereção bem de encontro ao centro feminino dela, até ela gemer. Ele teve certeza de que Staci havia chegado ao clímax assim que ela desabou contra o peito dele, descansando a cabeça em seu ombro.

Ele a abraçou, querendo mais, porém feliz por ter aquele momento apenas para envolvê-la. Para fingir que havia capturado sua musa e que ela nunca o abandonaria. Os sentidos dele estavam altivos enquanto ele acariciava o cabelo de Staci e sussurrava ao ouvido dela.

ELA ESTAVA lânguida demais para se mexer, e ainda assim desejava mais. Aquele orgasmo tinha sido ótimo, mas nada a satisfaria verdadeiramente até ela sentir o membro rijo e quente dele dentro de si. A mão dele apoiou no alto da cabeça dela, nas costas, e então na cintura. Os dedos mergulharam sob o cós da calça de pijama.

Staci esfregava o peito dele, trilhando a fileira de pelos que iam rareando lentamente caminho abaixo, desaparecendo por sob o cós do jeans. Ela espelhou o movimento dele, os dedos sob o cós, e

senti a pontinha da ereção dele.

– Acho que você gostou disso.

– Não tanto quanto você – disse ele com um sorriso malicioso. – Mas, sim, eu definitivamente gostei disso.

Ela se reposicionou no colo dele até ser capaz de desabotoar-lhe a calça. Ele movimentou os quadris e então seu membro estava exposto para ela. Ela o envolveu e começou a acariciá-lo da base à ponta. Remy estremeceu, e Staci aumentou a pressão.

Ele passou as mãos pelo torso dela e reacendeu os fogos que haviam sido meramente abrandados, mas não extintos, pelo primeiro orgasmo dela. Abarcou ambos os seios, mas ela manteve a pressão, se movimentando de modo que ele pudesse tocá-la do jeito que ela gostava.

Staci arqueou os ombros para trás e viu quando Remy se inclinou para frente. Sentiu o calor do hálito dele contra sua pele, então o roçar da língua. Ele circundou o mamilo dela uma vez, duas, fechou a boca em torno dele e sugou intensamente.

Ela o acariciava lentamente, então acelerou até sentir os quadris dele sendo projetados em sua direção, em contraponto à mão. Ele gemeu, e a boca abandonou o seio. Remy pôs a mão sobre a nuca de Staci e levou sua boca à dele, desta vez a língua investiu tão profundamente dentro dela que Staci pensou que ficariam grudados para sempre.

Remy puxou o tecido da calça de pijama dela, e Staci a deslizou para baixo, passando pelas coxas e, por fim, livrando-se dela. Imediatamente, as mãos dele foram para os quadris dela, incitando-a de encontro ao membro dele. Ela não tirou a mão dali, exceto para guiar a ponta da ereção para penetrá-la. Só a ponta, já que ela mantinha a mão segurando-o intensamente.

– Coloque-me dentro de você.

– Você está dentro – disse ela.

– Inteiro.

Ela o acomodou, e ele xingou baixinho no dialeto cajun. Staci riu para si, se deleitando por senti-lo e pelo poder que exercia sobre ele. Mas então Remy levantou a cabeça e provocou o mamilo dela com a boca outra vez, e Staci estremeceu.

Era hora de acabar com o joguinho no qual ela havia entrado.

Ela se inclinou e sussurrou palavras íntimas e pesadas ao ouvido dele. Dizendo o quanto se sentia extasiada e o quanto adorava o que ele estava fazendo com ela. Um segundo depois, Remy a preencheu completamente.

Ela projetou a pélvis para frente, tentando levá-lo mais fundo, mas ele já estava o mais fundo possível. As mãos dele encontraram as nádegas nuas dela, e Remy a puxou para frente. Deus, ela amava a sensação de ter aquelas mãos enormes em seu quadril. Ele entreabriu as duas partes carnudas, e Staci sentiu um dedo deslizando pelo sulco, se contorcendo para mais perto dele.

Cada centímetro dela ansiava mais pelo toque dele. A boca de Remy deixou a dela, mordiscando o pescoço e tentando-a sem reservas. Ela estremeceu do mesmo jeito que antes e sentiu que tudo em seu corpo mais uma vez seguia em direção ao clímax. Mas não queria que acontecesse logo. Queria que aquilo durasse o máximo possível.

A aspereza do queixo com barba por fazer contra o rosto de Staci a levava mais perto do limite. Ela enterrou as unhas nos ombros dele enquanto rebojava os quadris com mais força de encontro aos dele, e quando Remy gritou o nome dela, ela derreteu. O orgasmo a invadiu enquanto ela continuava a projetar os quadris.

Os quadris dele se movimentavam em sincronia com os dela, então ela o sentiu enrijecer e, por fim, relaxar. Ele sussurrava o nome dela sem parar. Ela, por sua vez, não conseguia parar de pressionar o corpo contra o dele, enquanto estimulava seu segundo orgasmo.

Ofegando suavemente, a respiração dele formigava pelos nervos sensibilizados quando Staci caiu para frente. Ele pôs um braço sobre o ombro dela e outro sobre a cintura. Ela estremeceu de frio agora, e Remy se abaixou para pegar sua blusa, colocando-a em torno de Staci.

Ela não queria se mexer ou encará-lo naquele instante. Queria fingir que nada havia mudado e que ainda seria capaz de enxergá-lo como só mais um concorrente. E ela quase se convenceu a respeito disso, até ele beijá-la gentilmente na testa.

Aquele gesto doce não deveria ter significado nada, mas, em vez disso, fez o coração dela acelerar, e houve uma esperança de que talvez aquilo fosse mais do que mera luxúria. Ela não queria que fosse. Abraçar sua paixão era uma coisa, mas se apaixonar por um concorrente seria um desastre e um erro.

Um que ela não queria cometer. Ela se desvencilhou do abraço e do colo dele. Puxou a calça do pijama para cima e jogou a camisa de Remy para ele antes de vestir o próprio suéter.

– Hum... Estou tomando pílula, não que você tenha perguntado, mas estamos protegidos.

Ele assentiu enquanto abotoava seu jeans e se levantava, colocando-se ao lado dela.

– Eu não estava pensando em nada, senão em você.

As palavras dele causaram arrepios nos braços dela, mas Staci endureceu o coração contra elas. Era quase como se ele soubesse as palavras certas. Para fazê-la se esquecer. Para distraí-la. Remy estava brincando com ela.

E ela não poderia culpar mais ninguém, senão a si, se não desse atenção àquela advertência e não fosse embora.

REMY A observou indo embora, sabendo que Staci pensava que aquilo tudo tinha sido um erro. Esfregou a mão no rosto e não a seguiu para dentro da casa.

– Eu deveria pedir desculpas?

– Não – respondeu ela, olhando para ele por cima do ombro. – Eu deveria saber.

– Saber o quê? – perguntou ele. O arrependimento o atingiu com força, e ele não queria pedir desculpas, embora soubesse que deveria fazê-lo. Ele a possuía porque desejara, e ela o desejara também. E, sim, ele havia experimentado algo novo e inspirador na paixão dela, mas também a magoara. Algo que ele nunca queria que acontecesse.

– *Você* deu um beijo em *mim* – apontou ele gentilmente.

– Eu sei – respondeu ela. – Não me arrependo. Estou brava comigo mesma. Continuo cometendo os mesmos erros.

– Como o quê?

Ela balançou a cabeça.

– Acho que já me desnudei para você o suficiente esta noite.

Ela seguiu para dentro da casa e, desta vez, só restou a ele vê-la ir embora. O que Staci quis dizer com aquilo? Remy deixaria para descobrir em outra ocasião. Esta noite, ele se dedicaria completamente a se descobrir. Encostado no gradeado da varanda, vestiu sua camisa. Sempre tivera um caminho bem definido diante de si, até o ano anterior, quando ouviu um crítico de restaurante dizendo que aquela última geração dos Cruzel era preguiçosa.

Aquele único comentário abalara a confiança dele e fizera parecer que ele tinha tudo na mão sem esforço. Agora ele estava ali e, esta noite, sentira-se um pouco como seu velho eu outra vez, mas a que custo?, pensou ele. Ganhou sua nova autoconfiança à custa de Staci. Ela estava lutando contra os próprios demônios, Remy sabia disso, mas ainda assim não gostava do jeito como aquele sentimento lhe pesava os ombros. Ele tinha uma parcela de culpa em relação ao que estava acontecendo com ela.

E realmente não queria aquilo. Mais do que qualquer coisa, Remy precisava de um conselho. Apesar da hora, ele entrou e cruzou com Dave na sala de estar principal.

– Pensei que fosse o único acordado a essa hora da noite – comentou Dave.

Remy achou sorte Dave não ter se levantado antes, quando Staci estava em seus braços. Ele não deveria estar surpreso por não ter cogitado ser flagrado enquanto estava com ela. Naquele momento, ele só conseguia pensar em Staci.

– Parece que muitos de nós estamos com problemas para dormir esta noite – disse Remy.

– É. – Dave esfregou a nuca. – Fui o pior do dia hoje... Estou agitado e nervoso em relação ao dia de amanhã.

Remy assentiu. Era exatamente assim que ele se sentia. Cada nova fase iria desafiar uma ideia pré-concebida que ele tinha a respeito de si na cozinha. Ao mesmo tempo que estava ansioso para descobrir qual era, outra parte dele se preocupava com a possibilidade de cometer mais um erro.

Dormir com Staci tinha sido um erro colossal. Ele não queria que ela tivesse a impressão de que ele era do tipo de homem que usava alguém para conseguir o que queria.

– Você? Os juízes praticamente choraram quando provaram seu prato – observou Dave.

– Nem tanto. Além disso, foi um desafio em grupo. O que vão achar de um prato que eu preparar sozinho?

– Você está realmente tenso? – perguntou Dave.

– Não. Um pouco. Para ser honesto, esta noite, no restaurante do *chef* Ramone, eu fiz um prato que provavelmente foi o melhor que já preparei na vida. Não tenho certeza se consigo manter este padrão. Há *chefs* muito bons aqui.

Dave sorriu.

– Não consigo trabalhar tão bem quanto pensava que o faria sob pressão. Quero dizer, na minha cozinha consigo preparar um jantar como um profissional, mas correr contra o relógio e fazer algo novo... isso meio que acaba comigo.

Remy relaxou enquanto conversava com Dave sobre culinária. Foi só então que percebeu que a culpa que sentia em relação à reação de Staci também estava diminuindo. Ele não a estava manipulando. Já era a segunda vez agora que ela iniciava algo sexual com ele, e a segunda vez que ele ficava encantado com a própria reação a ela.

Remy avaliou o outro *chef*. Dave era mais jovem do que ele, provavelmente com 20 e poucos anos.

– Não pense demais nisso. Quando chegarmos às cozinhas amanhã, simplesmente relaxe e imagine que está preparando uma refeição para alguém que você ama.

– Boa ideia. Mas e se os ingredientes forem estranhos?

– E provavelmente serão. Mas você deveria estar pensando nas suas habilidades com a faca.

– Você já ouviu rumores sobre isso? – perguntou Dave. – Eu nunca fui para uma escola de culinária. Apenas aprendi trabalhando nas cozinhas.

– Isso não é nada. Apenas compreenda suas fraquezas. Todo mundo que estiver contra você vai achar que sabe destrinchar uma carne melhor do que você. Se eu fosse você, estaria na cozinha

treinando isso o tempo todo.

– Pode me ensinar como descamar um peixe? – perguntou Dave.

– Sim – disse Remy. – Quer fazer isso agora? A geladeira está abastecida com tudo.

– Certo. – concordou Dave. – Ah, Remy, por que você está me ajudando?

– Porque você é um bom *chef*, e eu odiaria vencer você por causa de um detalhe técnico.

Dave riu e seguiu Remy até a cozinha. Remy olhou para a escadaria, na direção dos quartos, e uma imagem de Staci nua lhe invadiu a mente. Ele tentou imaginá-la encolhida debaixo das cobertas. Sabia que ela não estava dormindo e se sentia mal por isso. Ela o revigorara nesta noite. Ele queria lhe dar alguma coisa também. Mas só o tempo diria o que seria esta coisa.

Remy passou a hora seguinte mostrando a Dave o jeito apropriado de descamar um peixe e como cortá-lo em filés. O jovem era um aluno aplicado, e Remy sabia que havia tomado a decisão certa ao ajudá-lo. Duas horas depois, ele seguiu para o quarto, cheirando a peixe, e foi diretamente para o chuveiro. O perfume de Staci também permanecia em sua pele, e ele não conseguia tirar da cabeça a imagem dela em seus braços.

E assim foi até a água esfriar, e ele gemeu, desligou o chuveiro e se secou. Por fim, deitou-se para dormir apenas para ser atormentado por imagens de si na cozinha do pai, tentando preparar um prato que agradaria ao pai enquanto uma Staci nua continuava a lhe roubar a atenção. Remy acordou em um estado de frustração. Esperava que o dia trouxesse uma nova revelação na cozinha, porém os sonhos lhe mostraram o que ele já sabia.

Suas dúvidas e medos ainda estava firmemente enraizados dentro dele, e não importava o que descobrisse ali sobre si: ele nunca encontraria paz até descobrir como aceitar as próprias aptidões.

A parte estranha daquilo tudo era que, em sua mente, a paz dele agora estava atada a algo ligado a Staci. Estava uma bagunça. Ela era a última pessoa que o ajudaria, depois do ocorrido da noite anterior, e, para ser honesto, ele não podia culpá-la. O que parecera tão certo sob o luar não parecia muito sábio sob a luz brilhante do sol da manhã.

CAPÍTULO CINCO

STACI QUERIA cair no sono imediatamente, mas não conseguia, por causa de tudo o que estava em sua mente. Tinha ido até ali por um motivo muito específico, e hoje à noite pareceu claro que ela era capaz de se permitir ser levada pela distração. Qual era o problema dela?

Parte dela sabia que aquilo se devia ao fato de nunca ter tido um bom modelo de figura masculina. Não precisava que o terapeuta lhe dissesse que, quando conhecia homens poderosos, sempre se sentia atraída por eles. E, aparentemente, quanto mais poder eles tinham sobre os sonhos e futuro dela, mais letal era a atração.

Mas Remy... ele não tinha poder real sobre ela, que não fosse a atração. Ela pegou o celular na bolsa e mandou um torpedo para Alysse. Sabia que a outra estaria acordada e, provavelmente, na cozinha assando cupcakes, pois o namorado de Alysse, Jay, estava trabalhando. O fuzileiro naval aposentado trabalhava para uma empresa de segurança particular. E enquanto boa parte dos serviços dele o mantinham na área de Los Angeles, recentemente ele havia aceitado uma designação em Washington D.C. que o afastara de casa.

Staci: Pode conversar?

Alysse: Sim. Um segundo. Brownies indo pro forno agora.

Staci: Legal. Venci o primeiro desafio e fui a um restaurante maravilhoso essa noite.

Alysse: Legal. Mas não acho que vc possa ficar revelando isso.

Staci: Ah. Vc tá certa. Tem um cara aqui q...

Alysse: Bonito?

Staci: Sim, mas esse não é o problema. Ele realmente me descontrolou na cozinha hoje. Tô preocupada. E se eu estragar tudo?

Alysse: Talvez tenha te descontrolado pq vc não esperava. Veja o q vai acontecer amanhã, sacou?

Bom conselho, pensou Staci.

Staci: To tao insegura, e isso nao combina comigo.

Alysse: Para com isso. Vc eh a garota mais poderosa e durona q conheço. Precisa parar de pensar nele e pensar em vc.

Staci sorriu para si. Estava um pouco tarde da noite para encarar a perspectiva louca de Alysse sobre a vida, mas ela sabia que a lógica da amiga era sólida.

Staci: Valeu. Noticias do Jay?

Alysse: Nao desde ontem, mas ele disse q nao ia poder mandar. Odeio pensar q ele pode estar em perigo.

Staci: Ele vai voltar. E vcs dois sabem disso.

Alysse: Eh. Vc ta bem agora?

Staci: Sim. Valeu. Curta seus brownies.

Alysse: Acho q vou comer todos. :)

Staci: Suspeitei disso. Boa noite.

STACI LARGOU o telefone e virou para o outro lado na cama. O friozinho do ar-condicionado circulava no quarto, fazendo-a se sentir de férias. Ela e avó não tinham ar-condicionado na casa antiga de rancho. O imóvel havia sido construído na década de 1950, e a avó tinha ido morar ali quando era recém-casada. A cozinha fora a única coisa religiosamente modernizada pelas mulheres na família.

O avô havia morrido na Guerra do Vietnã, e o pai dela... bem, ela nunca o conhecera.

As mulheres da família Rowland tinham o legado estranho de serem abandonadas por seus homens. Staci esfregou os olhos e rolou na cama outra vez.

– Ei, está com formiga na cama? – resmungou Vivian de sua cama.

– Desculpe – murmurou Staci. Ela nunca havia dividido o quarto com ninguém. E gostava das coisas assim.

O único jeito de ter um quarto só para si seria eliminando os outros nas provas do programa. Staci obrigou a mente a pensar em cozinhar e nos pratos que havia comido naquela noite. A comida havia sido sua passagem para a liberdade antes e seria outra vez. O WP24 tinha forte influência asiática, e os sabores eram familiares a ela, por ter crescido na costa oeste dos Estados Unidos. Era bobo, mas ela sonhava com comida e com culinária do jeito que algumas mulheres sonhavam com sapatos e bolsas.

Com o quê, perguntou-se ela, Remy sonhava? Será que ele era como ela e não conseguia dormir quando algo novo era apresentado ao seu paladar? E por que isso era importante? Ela rolou de novo e ouviu Vivian suspirar.

– Coloque os fones de ouvido – sussurrou Staci. – Tenho um sono muito agitado.

A outra resmungou quando pegou os fones do mp3 player e os enfiou nos ouvidos. Staci pegou seu diário de comida enquanto pensava no vento noturno, na luz da lua e no jeito quente como Remy a abraçara, a tocara. Ela canalizou aquela paixão para a comida.

Ouviu o barulho do mar e sentiu em sua mente o sabor de um novo prato com frutos do mar e temperos fortes, mas não os mexicanos que ela utilizava normalmente, mas sim os da China. Ela havia

conhecido uma riqueza de novos temperos e sabores naquela noite, e agora estavam todos vivos em sua mente.

Anotou os ingredientes, esboçou variações e possibilidades, e então sua mente começou a cozinhar. Ela adormeceu com a caneta e o caderno sobre o colo. Em sua cabeça, estava na cozinha, preparando os ingredientes frescos. Ela sentia o cheiro do óleo de gergelim aquecendo na frigideira e olhava para ver Remy ali parado, aguardando.

Ele havia fatiado o alho.

– Vamos cozinhar juntos. Posso ajudar a deixar esse prato mais forte.

Ela assentiu e começou a dizer a ele o que acrescentar, e ele fez exatamente o que ela lhe disse para fazer. Eles se movimentaram juntos na cozinha que, ela notou naquela visão terceirizada de si mesma, da mãe e da avó perto do fogão, era dela. Remy estava conversando e sorrindo de um jeito que nunca havia feito quando cozinham juntos, e Staci começou a resistir ao sonho. Não era real.

Ela o enxotou da cozinha e de sua mente, acordando e flagrando a lanterna e o caderno no colo. Não queria ou precisava de Remy Stephens cozinhando com ela. Na vida real ou nos sonhos, ela precisava encontrar sua força sozinha. Era algo que sabia muito bem ser capaz de fazer.

Staci fechou o caderno e rolou para o lado para observar as sombras na parede. Dormiu de modo picado, mas não foi repousante, então, de manhã, quando todo mundo começou a se levantar, ela estava exausta.

Ela se vestiu e se juntou às outras mulheres. Bebeu café e conversou sobre como achavam que iria ser o desafio daquele dia. Ela quase se enganou, acreditando que seria capaz de lidar com Remy e que o que acontecera naquela última noite não significara nada. Entretanto, quando eles entraram nos carros para ir para o estúdio de gravação, Staci acabou sentada ao lado dele e soube que estava mentindo para si.

Ele estava perfumado. Ela odiava isso. Não queria que ele fosse um daqueles homens que a fazia ter vontade de se aproximar e inalar mais profundamente.

– Temos de conversar sobre ontem à noite – falou Remy baixinho.

– Agora não – respondeu Staci. – Temos que cozinhar.

Ele assentiu, mas ela sabia que ele não ia protelar por muito tempo.

– OLÁ, TODO mundo, sou Fatima Langrene e serei a apresentadora do programa. Toda semana vamos começar com um desafio-relâmpago – explicava ela enquanto todos recebiam seus microfones de lapela e eram maquiados.

Fatima tinha pele morena e olhos amendoados. Remy notou que ela também tinha um belo sorriso e, quando começou a descrever as regras desta fase do jogo, ele percebeu que deveria prestar mais atenção, e o fez usando um lado do cérebro.

Mas o outro lado queria um desfecho para o que acontecera entre ele e Staci. Remy precisava ter certeza de que não a havia magoado. E que, independentemente da época, queria conhecê-la melhor.

– Nosso jurado convidado desta semana é Marcel Roubin, crítico gastronômico do *LA Times*. A montadora está patrocinando este desafio, então o vencedor ganhará as chaves de um sedã novinho. Vou deixar que Marcel explique como será a prova.

Marcel era magro e se vestia de preto desde as pontas de seus sapatos reluzentes até a camisa. A pele era pálida, apesar do sol forte da Califórnia.

– Eu sabia – disse Dave, cochichando. – Ele é um vampiro.

Remy sorriu.

– Todos nós sabemos que vocês sabem cozinhar com ingredientes frescos e com uma despensa lotada, mas muitos no país são obrigado a criar pratos para a família usando apenas comida processada e industrializada. Muitas famílias precisam de novas ideias para criar algo saudável e satisfatório para seus familiares utilizando estes ingredientes – disse Marcel, tirando a cobertura de uma mesa repleta de sacolas com carne e legumes congelados.

– Conforme mencionei, este desafio-relâmpago é patrocinado, e a montadora vai fazer uma doação em nome do vencedor para nossa instituição local que fornece comida aos necessitados. Vocês terão 30 minutos para criar uma refeição principal com estes ingredientes. A contagem começa agora.

Remy nunca havia feito pratos utilizando ingredientes congelados, mas esperava encontrar camarão para poder inventar alguma coisa. Quando chegou à mesa, percebeu que a maioria já estava empanada ou temperada. Tentou pensar em como transformar aqueles ingredientes mundanos em um prato vencedor.

– Minha avó costumava fazer palitos de peixe uma vez por semana – comentou Staci.

– A minha também – acrescentou Vivian. – Não sei como vou conseguir dar um sabor diferente a eles, mas estou começando aqui.

Staci sorriu quando pegou os ingredientes escolhidos e então, quando flagrou Remy olhando para ela, piscou.

– Melhor correr, Garoto Sulista. Estou planejando superar você hoje.

– Desafio aceito, Garota do Cupcake – disse ele. Remy gostava por eles ainda poderem brincar na cozinha. Era assim que deveria ser. As coisas pessoais teriam de esperar agora. Ele pegou um pouco de camarão e vieira congelada, assim como pacotes de ravioli, e retornou à sua bancada. A despensa estava aberta, mas as prateleiras estavam quase vazias, exceto por algumas ervas secas, manteiga, leite e ovos. Não havia legumes frescos, então a ideia de Remy de fazer massa à Florentina começou a morrer, até ele se lembrar de que havia espinafre congelado. Pegou o que precisava e então correu para buscar o espinafre.

Dez minutos já haviam se passado, e ele nem mesmo tinha começado e remover a cobertura empanada dos frutos do mar. Viu os outros *chefs* ao redor na mesma batalha, mas alguns já estavam cozinhando. Incluindo Staci. Ele pensou na experiência dela, em como ela contara sobre cozinhar com a avó, e percebeu que a chave para aquele desafio estava em algo que ele nunca experimentara. Ele cozinhava usando ingredientes frescos e locais porque eram a melhor fonte para se fazer boa comida. Staci fazia o mesmo porque era mais rápido e provavelmente mais barato.

Remy jogou fora tudo o que havia aprendido na cozinha e analisou cuidadosamente os ingredientes diante de si. Precisava fazer algo simples, saudável e, ainda assim, gostoso. A massa à Florentina ainda era o objetivo, mas ele precisava simplificar. Mudou o plano principal e descartou o peixe, optando por um prato único feito com lasanha, em vez disso. Aqueceu o molho de tomate pronto, que ainda estava com gosto muito sem graça, então retornou à despensa para pegar mais condimentos até alcançar o sabor temperado que desejava. Arrumou o molho em uma panela, formando camadas com o ravioli e o espinafre, e então esfarelou um pouco de queijo por cima, colocando sob a grelha para aquecer e dourar.

Tirou o prato da grelha faltando dois minutos para acabar o tempo. Provou e percebeu que os temperos secos e o queijo processado tinham rendido algo muito saboroso. Ele nunca se sentira tão

livre na cozinha. Aquilo era algo que o avô, pai e tios dele nunca haviam feito, e quando o alarme soou e olhou para as outras estações, sentiu uma certa confiança em si e em seu prato.

Marcel e Fatima começaram a três estações de distância da dele, e Remy olhou ao redor, captando alguns aspectos interessantes do desafio de comida congelada. Seu senso de orgulho não declinou. Ele sabia que suas habilidades e o prato que havia criado atendiam às exigências do desafio.

Marcel não gostou do prato que Max, na estação ao lado de Remy, havia preparado.

– Isto demonstra pouca imaginação. É como se você tivesse derramado o pacote em uma bandeja e seguido as instruções da embalagem. Eu esperava mais de você.

– Tudo está bem cozido, e eu realmente gostei dos temperos que você acrescentou às batatas – disse Fatima.

Agora eles estavam diante da estação de trabalho de Remy, olhando para o prato dele.

– O que você preparou?

– Uma lasanha à moda Florentina, usando molho de tomate pronto e ravioli.

Marcel não parecia esperar muito do prato, e Fatima apenas sorriu para ele. Remy percebeu que aquele era seu primeiro grande desafio culinário solo. O mundo não iria acabar se ele estragasse tudo, mas daí ele nunca seria mais do que mais um em sua família, ele nunca...

– Delicioso – disse Fatima. – O que você acrescentou ao molho?

– Especiarias e alho – disse.

– Está realmente bom – concordou Marcel. – Vejo que você tem frutos do mar em sua estação. Por que não utilizou?

– Eu ia tirar o empanado deles e então pensei que, se eu tivesse trabalhado o dia todo e tivesse filhos com fome, a última coisa que iria querer fazer é remover a massa do camarão congelado. Eu iria querer alimentar as crianças rápida e nutritivamente. Eu teria usado espinafre fresco, mas o congelado ainda oferece muitos nutrientes – disse Remy.

– Sim, é verdade – assentiu Marcel.

O *chef* e a apresentadora foram para a estação seguinte, e Remy flagrou Staci olhando para ele. Ele piscou para ela, e ela franziu a testa para ele. Quando os jurados terminaram de experimentar todos os pratos, Remy, Staci e Conner ficaram entre os três primeiros.

– Nossos três escolhidos fizeram pratos realmente gostosos e saudáveis, portanto irão apresentá-los na Feira Gastronômica de Los Angeles no fim desta semana. Mas hoje a vencedora do desafio é Staci.

Todos aplaudiram, e Remy sentiu um pontada de ressentimento por não ter vencido, porém o sorriso no rosto de Staci compensou. Ele não estava feliz por perder, mas gostava de vê-la feliz. Da próxima vez, no entanto, ele queria que ela se contentasse com o segundo lugar.

ELES FIZERAM uma pausa nas filmagens depois que a vitória de Staci foi anunciada. E o estúdio foi esvaziado. Staci queria dividir aquela notícia com alguém. Embora, conforme Alysse a lembrara na noite anterior, ela não devesse compartilhar todos os detalhes do concurso. Todos os episódios estavam sendo gravados e só iriam ser exibidos depois que a disputa terminasse.

– Mais um prato vencedor. Parece que devemos ficar de olho em você – disse Quinn, se aproximando dela. Quinn havia ficado na estação ao lado dela durante o desafio-relâmpago e tinha preparado um falso risoto, fervendo um saquinho de arroz pré-cozido. Parecia uma boa ideia, mas não houve tempo suficiente para cozinhar o arroz, que acabou virando papa.

– Acho que cada novo desafio vai ficar mais arriscado. Até agora, eles têm sido de acordo com as minhas habilidades.

– Que sorte – disse ele. – Eu me pergunto qual vai ser o desafio de eliminação desta semana.

– Pelo que já assisti do programa, achei que eles já iriam nos contar, mas pelo visto não – comentou Staci. Ela notou Remy de pé nos fundos da sala, conversando com Marcel. Tinha ouvido, bem, todo mundo tinha ouvido, o quanto Marcel havia gostado do prato dele, então Staci estava surpresa por tê-lo derrotado.

– Qual é a história dele? – perguntou Quinn, gesticulando em direção a Remy.

– *Chef* desempregado de Nova Orleans. Pergunto-me se foi resultado do furacão Katrina. Sei que foi há anos, mas soube de amigos lá que até hoje não se recuperaram.

– Quem sabe? Ele é bom – disse Quinn.

Staci estava ficando um pouco incomodada com o jeito como Quinn estava falando sobre as habilidades de todo mundo, exceto sobre as próprias.

– Todo mundo é bom, ou não estaria aqui. Você conquistou uma vaga exatamente como todos os outros. Esqueça o que aconteceu e se concentre no que vai fazer a seguir.

Ele ofereceu um meio sorriso.

– Desculpe. Não dormi bem na noite passada. Não gosto de dividir o quarto.

– Nem eu – respondeu Vivian, se juntando ao grupo. – A mocinha com formiga na cama aqui se revirou a noite toda. Mas parece que isso não afetou suas habilidades culinárias.

– Não preciso de muitas horas de sono – justificou Staci. – Sempre fiquei satisfeita com cinco horas por noite.

Remy estava se aproximando do grupo lentamente. Staci tentou ignorá-lo, queria mostrar que ele não significava nada mais para ela do que qualquer outro *chef* do concurso, mas o coração dela acelerou um pouco, e ela se flagrou observando-o quando achou que ele não estava olhando.

– O que vocês acham do desafio de eliminação? – perguntou Remy.

– Bem, acho que vai ser uma prova externa – disse Vivian. – Vi que eles estavam trazendo carros para nós. Além disso, eles sempre começam o programa com isso.

– Começam? – perguntou Staci. – Eu só assisti a alguns episódios.

– Eu não. Era viciada no programa desde o início. Adoro. – Vivian sorriu.

– Talvez tenhamos que comprar nossos ingredientes – sugeriu Quinn.

– Eu estava esperando algo como uma mesa misteriosa – disse Staci. Ela havia se saído bem no primeiro desafio cego, afinal.

– Duvido muito, depois de já terem feito isso nesse desafio-relâmpago – disse Vivian.

– Não ligo para o que seja, contanto que seja logo – falou Quinn. – Essa espera é um inferno.

O restante dos *chefs* continuou a conversar, e Remy segurou o braço de Staci, levando-a para longe do grupo.

– Parabéns pela vitória.

– Obrigada – respondeu ela. – Eu não tinha certeza se poderia derrotar você. Marcel estava comendo na sua mão.

– Eu fiquei surpreso. Críticos normalmente não gostam de comida caseira.

– Não, não gostam, mas esse foi o espírito do desafio – disse ela.

– Seu macarrão com queijo parecia bom – comentou ele.

– Obrigada. Receita da família – disse ela com um sorriso breve.

– Concluí que era mesmo. Ouça, Staci, quero conhecer você melhor. Eu gostaria de...

– Para o concurso? – perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

– Para mim. Eu... Eu gosto de você.

Ela se afastou dele.

– Agora não. Eu disse que não quero conversar sobre nada pessoal enquanto estivermos aqui.

Preciso me concentrar no que estou fazendo. A noite de ontem provou isto para mim. E estou aqui para cozinhar.

Ela se perguntou o que Remy estava esperando encontrar na expressão dela, e então imaginou se ele havia encontrado, pois ele pareceu assentir e dar um passo atrás.

– Tudo bem, mas quando voltarmos para a casa, quero que você venha passear na praia comigo.

Ela não queria se comprometer a fazer nada com ele. Queria que mantivessem distância, mas então se lembrou de seu sonho na noite anterior. Remy estava atrelado à culinária dela agora, e ela sabia disso. A paixão que ele acendera nela na noite anterior foi o fogo responsável por guiá-la, quisesse Staci admiti-lo ou não.

– Tudo bem. Vamos voltar para ficar com os outros – disse Staci.

Logo eles descobriram que Vivian estava certa. O desafio seria em área externa, e eles foram levados para o campus da Universidade da Califórnia para servir o almoço para estudantes famintos. Eles teriam de comprar os ingredientes e então prepará-los em duas horas.

Straci tentava pensar no que podia fazer para agradar a um bando de universitários e aos jurados. Mas sua mente estava vazia. Ela estava pensando em Remy outra vez e se perguntou se aquela era a estratégia dele. Ele certamente havia feito um bom trabalho ao distrai-la. Argh, ela pensou. Precisava ficar longe dele. De agora em diante, quando ele se dirigisse a ela, ela sairia de perto.

Eles foram levados ao supermercado, e todo mundo estava berrando e correndo como loucos, tentando encontrar o que iriam precisar para criar seus pratos. Staci se sentia perdida e sabia que, depois de sua vitória, ela estava na mira dos outros, então deu um tempo e saiu empurrando seu carrinho de compras para longe do tumulto. Fechou os olhos e pensou na avó, em Alysse e em todos os seus amigos em San Diego. Ela se concentrava neles, mas aquilo não a estava acalmando.

– Você está bem, *chère*? – perguntou Remy, surgindo atrás dela com seu carrinho.

De repente, ela teve uma ideia sobre o quê cozinhar, e uma nova chama se acendeu em seu estômago. Não iria entrar em colapso. Estava determinada a vencer e a superar Remy outra vez. Queria que ele a visse, que soubesse que ela era uma boa *chef* e precisava que ele soubesse que ela era forte na cozinha e fora dela.

Ela ofereceu a ele o mais sensual dos sorrisos.

– Agora estou.

– Que bom. Eu odiaria derrotar você se você não estivesse em sua melhor forma – disse ele.

– Ah, Garoto Sulista, você vai ter muita dificuldade para me derrotar – falou ela. – Isto é uma promessa.

– Parece-me mais um desafio – disse ele. – Um que fico feliz em aceitar. Então independentemente de quem vencer esta tarde... O perdedor vai ter que fazer o jantar para o vencedor.

– Feito – concordou ela. – Estou pronta para ver você cozinhando para mim.

– O orgulho precede a queda – disse ele, empurrando o carrinho para longe.

E Staci simplesmente gargalhou quando o prato finalmente se formou em sua mente. Ela não queria

atribuir muita importância a Remy, só que em vez disso, concluiu que ele era a chave para a culinária dela, tal qual um tempero secreto. Staci percebeu que a vontade de superá-lo e de se mostrar digna aos olhos dele tornava o concurso pessoal, e era disso que ela precisava.

CAPÍTULO SEIS

STACI VENCEU outra vez, e quando sentou-se no carro para a viagem de volta à casa em Malibu, ela estava meio que em choque. Ao mesmo tempo que sabia ser capaz de cozinhar, a vitória era a confirmação de que ela era um verdadeiro talento, como sua avó costumava dizer. Era uma vitória amarga, no entanto, porque ela se deu conta do que havia jogado fora por “amor”.

– Parabéns – disse Vivian. – Pensei que ia pegar você no último minuto quando aquela carne de porco que você tirou do forno estava um pouco rosada.

– Pensei a mesma coisa. Quero dizer, churrasco Austin é complicado de superar. Tudo estava fluindo para mim hoje – respondeu Staci.

– Verdade. Eu provei seu prato e, por mais que seja doloroso para mim admitir isso, estava delicioso.

– Obrigada, Viv. O seu também estava bom – elogiou Staci.

– Estou surpresa por Dave ter ficado entre os três primeiros – disse Vivian. – Alguém com certeza o ajudou em suas aptidões de destrincha, ou ele estava escondendo o jogo ontem à noite... Você acha que ele é astuto o suficiente para fazer isso?

Staci não sabia. Ela deu de ombros e pegou seu diário de receitas para fazer algumas anotações sobre o prato que havia preparado. Por causa do estilo do programa, ela não havia tido tempo de fazer anotações enquanto estava cozinhando. Com apenas uma hora para cozinhar, simplesmente não havia tempo para analisar enquanto preparava. Uma coisa que havia observado era que Remy havia retrocedido em mais um sabor típico de Nova Orleans, o que havia lhe custado pontos na rodada final, de acordo com os jurados. Ela fizera um prato com sabores italianos, bem diferente da comida que havia apresentado antes.

Derrotar Remy era bom porque ele a havia desafiado e porque ela queria que ele a notasse e a enxergasse como aquela a ser superada. Mas ele pareceu bravo e chateado consigo depois que anunciaram Staci como vencedora. Isso era algo que ela não queria que ocorresse com ele.

Perder era difícil. Ela certamente o tinha feito em quantidade suficiente quando ela e Alysse estavam competindo uma contra a outra em concursos de confeitaria. Staci nunca teria pensado assim àquela época, mas a rivalidade com Alysse a ajudara a se preparar para o momento atual.

– Não consigo acreditar que Quinn está entre os três últimos. Foi um choque – disse Vivian. – Ontem à noite ele apresentou um ótimo prato.

– É diferente quando se cozinha contra o relógio – disse Staci, ainda fazendo anotações em seu

diário. Ela não queria conversar sobre os outros *chefs*. De fato, o único que a interessava tinha um sotaque sulista arrastado. Ela sentia que talvez ele não estivesse em seu melhor dia.

Será que a noite anterior o havia abalado mais do que ele queria admitir?

Staci esperava que sim. Não queria achar que era a única que estava tomando decisões erradas e sofrendo por ambos. E ainda assim, ao mesmo tempo, ela realmente esperava que Remy não estivesse afetado por ela. Queria... não, precisava que o relacionamento com ele fosse do tipo despreocupado. Aquilo facilitaria as coisas quando eles seguissem caminhos separados. Para registrar o encontro entre eles como simples luxúria.

Ela se virou para olhar pela janela e se concentrou no fato de que todo o treinamento em Paris havia valido a pena. Ela nunca teria imaginado que poderia ganhar um carro cozinhando, admitia que havia conquistado muitas coisas como confeitadeira e até mesmo começara seu próprio negócio, mas estas eram habilidades que ela evitava utilizar desde que abandonara a cozinha do *chef* Renard há muitos anos. Habilidades que ela associara a suas decisões ruins e que resultaram em um coração partido. Era gratificante saber que o sexo com Remy não soava como um erro de fato.

Embora não tivesse absolutamente plano nenhum de fazê-lo outra vez, Staci não se arrependia. Diabos, ela pensou, voltando o olhar para seu diário de receitas: se dormir com Remy elevava sua habilidade culinária a este nível, ela teria de descobrir como dormir com ele e não envolver suas emoções na coisa toda.

Eles retornaram à casa, e todos saíram dos carros. Staci tentou não prestar atenção em Remy, mas não conseguiu evitar. Um lado dela se perguntava se ele ainda queria encontrá-la naquela tarde. Mas ela sabia que ele iria querer. Se havia uma coisa que Staci tinha aprendido sobre Remy no curto período desde que o conhecera, era que ele nunca dizia nada se não estivesse falando sério.

– Acho que você colocou os jurados na sua mão – disse Quinn. – Difícil acreditar que uma pequena confeitadeira de cupcakes está superando todos nós.

– Eu...

– Ela é uma *chef* habilidosa, Quinn. Pode falar a bobagem que quiser, mas estamos todos sendo julgados por nossos pratos – disse Remy baixinho com aquele sotaque sulista dele. – Ela não teria vencido se não tivesse merecido.

– Tanto faz – falou ele, e saiu de perto furiosamente.

Vivian ergueu ambas as sobrancelhas para Staci, como se para perguntar *por que ele está defendendo você?* Staci simplesmente deu de ombros. Ela não fazia ideia do motivo pelo qual Remy a defendera, mas um lado dela realmente gostava do que ele havia feito.

– Obrigada – respondeu Staci enquanto eles subiam os degraus até a casa.

– Remy está certo – disse Dave.

– Você se saiu bem hoje – Staci comentou com Dave.

– Eu só relaxei do jeito que Remy sugeriu. Parei de ouvir o tique-taque do relógio em minha cabeça e consegui pensar na comida – justificou Dave.

– Olhe para você, Remy, dando conselhos e defendendo *chefs*...

Remy ficou calado, então entrou na casa e foi até a sala de estar conjugada, especificamente até o bar.

– Não vejo objetivo em ganhar algo se todo mundo não estiver disputando no mesmo nível.

– Concordo – disse Vivian quando se juntou a Remy, servindo-se de gin e tônica. – E você, Staci? O que nossa vencedora deseja beber?

– Refrigerante diet – respondeu ela.

– E rum? – perguntou Vivian com um sorriso.

– Não – retrucou ela. Ainda precisava encarar uma conversa com Remy sobre a noite anterior e iria precisar estar com todo seu juízo intacto. Todos se dividiram em grupos enquanto debatiam sobre o que iria ser feito para o jantar. Era um clima de acampamento de verão.

Devido à vitória de Staci, todo mundo quis ficar perto dela, e a tarde passou rapidamente, como um borrão, enquanto ela papeava com todos os *chefs*. Finalmente, a maioria dos competidores foi para os quartos enquanto alguns saíram para caminhar na praia ou surfar. Remy foi até Staci, que estava sentada em uma cadeira da varanda.

– Pronta para aquela conversa? – perguntou ele.

Não, pensou ela. Naquele momento, estava em paz. O caos em sua cabeça estava tranquilo, e ela estava saboreando o fato de ter feito o tipo de comida da qual sua avó teria ficado orgulhosa. Mas sabia que precisava lidar com Remy e com a noite anterior.

– Acho que sim.

– Não estou planejando torturar você – disse ele com um sorriso torto.

– Eu sei. É só que neste instante... deixa para lá. Vai soar bobo se eu disser. – Ela ficou de pé e começou a seguir em direção à margem da praia.

– Não tem nada de bobo em você, Staci. Eu subestimei você, provavelmente por causa do seu tamanho.

– Todo mundo sempre faz isso. Mas é como Shakespeare disse: “Verdadeira raposa era na escola; apesar de pequena, é perigosa.”

– Ele estava certo. É sempre engraçado para mim como a sabedoria do século XVII se aplica à vida moderna.

– Você conhece muita coisa de Shakespeare? – perguntou Staci.

– Sim. Minha mãe é professora de inglês no ensino médio, e meu pai diz que mulheres gostam de homens que leem sonetos para elas.

– E você acreditou nele? – perguntou ela.

– Bem, até agora ele provou estar certo sobre mais algumas outras coisas. Eu nunca disse isso para ele, no entanto. Ele tem um ego imenso.

Ela riu devido ao modo como ele falou aquilo. Percebia pelo jeito como Remy contava que ele e os pais tinham um relacionamento íntimo. Ela não deveria estar surpresa, ele tinha a personalidade de alguém que possuía tudo. Um homem que estava muito acostumado a conseguir o que queria. Então o que exatamente ele queria dela?

– Você se lembra de algum soneto? – perguntou ela quando eles chegaram à praia e começaram a caminhar à beira d’água.

– Não mais – respondeu ele. – Mas eu não queria recitar Shakespeare para você. Eu queria conversar sobre a noite passada.

É claro que ele queria.

– O que tem ela?

– VOCÊ QUER repetir o que aconteceu? – perguntou Remy.

Staci parou abruptamente e se virou para olhar para ele.

– Nós não estamos aqui para fazer sexo.

– Não, não estamos, mas existe algo entre a gente – disse ele.

Ela assentiu.

– Eu sei que você disse que me beijar fez você cozinhar melhor na cozinha do *chef* Ramone...

– O que você está tentando me perguntar? Se eu quero dormir com você outra vez para cozinhar melhor? – quis saber ele, ofendido por Staci ter feito tão pouco dele como homem. Mas então Remy percebeu que ela não sabia realmente quem ele era.

Ela mordeu o lábio e então deu um passo agressivo em direção a ele.

– É exatamente o que desejo saber.

Remy enxergou um desafio na expressão de Staci e soube que, apesar do jeito indiferente como ela estava agindo, a noite passada tinha significado mais do que sexo casual para ela. A última coisa que ele tinha pretendido fazer durante aquele concurso era se envolver com qualquer mulher. Estava tomando uma decisão drástica durante sua estadia na Califórnia e precisava se manter focado nisso.

Mas também sabia que a vida tinha um jeito de empurrá-lo para seguir a direção necessária, e não tinha exatamente certeza do motivo pelo qual estava tão ligado em Staci Rowland, só sabia que não havia como negar isto.

– Eu não preciso de sexo para cozinhar bem – disse ele a ela. – Eu cozinho há minha vida inteira, mas ainda estava para achar uma mulher que me tirasse da minha zona de conforto na cozinha do jeito que você fez hoje.

– Mesmo? – indagou ela, dando um passo para trás e parecendo não notar a rebentação que lhe envolvia os tornozelos e encharcava a barra da calça jeans. – Desculpe.

– Não peça desculpas – falou ele, e segurando a mão dela, começou a caminhar outra vez, receoso de dizer muito mais coisas. Mas Remy já havia revelado mais do que deveria, considerando que eles eram concorrentes. Ainda assim, mentir sobre a atração que sentia por Staci não teria sido aceitável para ele. – Eu só queria que você soubesse que não estou brincando com você.

Ela suspirou profundamente.

– Estou feliz por isso. Tenho que admitir que fiquei com um pouco de medo de isto ser parte de sua estratégia. Embora, para ser honesta, tenha parecido voltar contra você hoje. O que aconteceu quando você estava cozinhando?

– Não sei – admitiu ele. – Só recuei para os pratos e sabores com os quais estou familiarizado.

– E os jurados não queriam isso. Acho que eles querem que a gente evolua... você sabe, você me deve um prato. Tem que cozinhar para mim.

– Eu sei. O que quer que eu faça para você? – perguntou ele.

– Não sei. Algo que vá fazer eu me esquecer de tudo o que sei sobre você. Faça-me um prato que vá me obrigar a enxergar você sob um prisma diferente – disse ela. – Assim como a oferta de um petisco sobre Shakespeare fez.

– Você gostou daquilo, não foi?

– Sim – admitiu ela. – Você tem uma voz muito bonita, eu não me importaria de ouvi-lo recitar alguns sonetos para mim.

– Talvez nossa próxima aposta envolva isto – disse ele.

Ela balançou a cabeça.

– Você não vai querer me ouvir tropeçando em inglês arcaico.

– Talvez você tenha que ler algo um pouco mais picante para mim. Acho que não haveria nada mais

sexy do que ouvir você falando sobre suas fantasias.

Ela corou e balançou a cabeça outra vez. O vento agitava sua franja curta.

– Eu não sou... isto é, eu não tenho...

Remy gargalhou quando percebeu que a imperturbável Staci Rowland ficava desconfortável ao falar sobre sexo. Ela era sedutora ao extremo e fez o que queria quando eles estavam no momento de intimidade, mas havia um lado dela que era tímido no que dizia respeito às palavras.

– Não consigo acreditar que você não tem fantasias – disse ele.

– É claro que tenho – protestou ela. – Todo mundo tem, mas isso não significa que eu queira falar sobre elas.

– Eu quero.

– Não estou surpresa. Apesar do que o seu pai te disse sobre os sonetos, você ainda é homem. Qual o motivo para homens gostarem de ouvir mulheres falando assim? – perguntou ela.

– É sexy – disse ele. – E não estou interessado nas fantasias de todas as mulheres.

Ela se virou para olhar o mar. Ele se perguntou se realmente iria conhecer todos os segredos dela, mesmo ciente de que ficariam juntos ali por seis semanas. O interior de Staci era muito particular. Será que Remy seria capaz de descobrir mais a respeito dela através de sua culinária e de seus pratos? Ele duvidava. Sentia que ela estava se escondendo não apenas dele, mas do mundo. Ela só o deixava enxergar o que pensava que ele queria ver.

O acanhamento ao falar sobre sexo provavelmente era uma das primeiras coisas genuínas que ele fora capaz de descobrir a respeito dela. Staci era toda ousadia e coragem, mas debaixo daquilo havia uma mulher vulnerável.

Ele estava sendo honesto quando disse que a desejava e que não tinha nada a ver com o concurso, no entanto via agora que aquele fato em especial tornava o relacionamento entre eles complicado. Será que ela, ao menos, queria lhe dar uma chance?

– Como você se sente em relação à gente se conhecer melhor durante o concurso? – perguntou ele. – Não estou tentando manipular você.

Ela se voltou para ele, os olhos acinzentados tão tempestuosos quanto o Golfo do México durante um furacão.

– Não sei. Quero dizer não. Estou aqui para provar algo a mim e para vencer. E sei que você está aqui pelo mesmo motivo.

– Isso mesmo. Ambos estamos cozinhando pelo nosso futuro – disse ele. – Acho que todo mundo aqui está.

Remy percebeu que Staci não tinha respondido à pergunta. Não de fato. Tinha a sensação de que, se deixasse, ela nunca responderia.

– Não vou ignorar o que acontece entre nós dois, Garota do Cupcake. Eu quero você, mas mais do que isso, quero conhecer você.

– Eu entendo, mas não tenho certeza do que responder. Não faz diferença se eu responder não e pedir a você para me deixar em paz. Você já faz parte de mim. Droga, eu não deveria ter dito isso.

Ele riu e a puxou, fazendo-a desequilibrar e cair em seus braços, e então, abaixando-se, a beijou com toda a frustração mal contida que sentira durante o dia todo. Quando ele levantou a cabeça e se afastou dos lábios dela, eles estavam inchados, e os olhos, semicerrados. Remy queria carregá-la para algum lugar privado e fazer amor com ela. Mas sabia que, da próxima vez que ele e Staci fizessem amor, as coisas iriam mudar entre eles, e não haveria volta.

– Existe alguma coisa entre a gente – disse ele.

– Eu sei. Eu queria que fosse só a culinária – admitiu ela. – Sempre tive um gosto péssimo para homens.

– Talvez seu gosto esteja mudando – disse Remy, relutante em permitir que ela o amontoasse no mesmo balaio dos sujeitos que tinham vindo antes dele.

Espero que sim, pensou Staci.

– Já fui magoada e não quero cometer o mesmo erro outra vez, mas eu sempre sou muito lerda para aprender as coisas.

– Quais erros?

Ela balançou a cabeça.

– Não é uma história que eu queira te contar.

– Conte a versão mais curta, que caiba em um post.

– A versão de 140 caracteres? – perguntou ela, no entanto sorriu para ele.

– É.

– Pensei que contos de fadas pudessem se realizar e acreditei em toda as palavras ditas por ele. Bote aí a hashtag #deviatersidomaisesperta.

– Que tipo de contos de fadas? – perguntou Remy.

– Que existe um cara para mim. Um homem que poderia me completar e me dar o final feliz. Mas isso não é realista. Não posso ignorar a verdade sobre as mulheres da família Rowland.

– Que verdade é essa?

– Vivemos sozinhas – respondeu ela.

– E seu pai?

– Nunca conheci meu pai ou meu avô. Nenhuma das mulheres em minha família conheceu seus pais... sabe o que isso significa, Remy?

– Não sou esse tipo de homem.

– Você está prometendo alguma coisa para mim? – quis saber ela.

Staci não acreditaria nele. Afinal, promessas eram apenas palavras, e ela precisava de... não, merecia atitudes.

– Não.

STACI FICOU um pouco surpresa por Remy ter sido tão honesto com ela. Um lado dela tinha que respeitar a honestidade dele. Mas a garotinha dentro de si, que ainda queria acreditar em contos de fadas, estava decepcionada por ele não ter cumprido o esperado.

– Acho que é isso.

– Sim, é – disse ele. – Não vou fazer você perder tempo fazendo promessas quando você provavelmente não vai acreditar nelas. Simplesmente vou ter que convencê-la de que não sou como os outros homens que passaram pela sua vida.

Ela prendeu a respiração, e o coração falhou uma batida. Ele estava falando sério? Ou será que era apenas um truque para fazê-la acreditar... Ele teria que ser bem cruel para dizer esse tipo de coisa... para alimentar suas esperanças apenas para destruí-las depois.

– Tudo bem, prove.

– Não tenho como provar agora, tenho?

– Não – respondeu ela. Pensando que ele provavelmente nunca provaria. Staci não iria criar qualquer esperança em relação a Remy. Ele estava ali por motivos particulares, assim como ela. Não havia por quê complicar as coisas mais ainda.

– Acho que devemos voltar.

– Ainda não. Quero que você me mostre a cidade.

– Hum... por quê?

– Temos a tarde livre e, se vou preparar uma refeição para você, preciso conhecer você melhor.

– Ha – disse ela. – Como é que passear pela cidade comigo vai ajudar nisso?

– Eu estava pensando que poderíamos ir à feira de fazendeiros de Los Angeles.

– Os produtos bons já terão acabado. Além disso, aquilo está mais para um shopping center com comerciantes fixos.

– Então mostre-me algo que defina Los Angeles para você – disse ele.

– Eu sou mais do sul – disse ela. – Los Angeles realmente não é meu tipo de cidade.

– Não acho que os produtores do programa vão nos deixar dirigir até San Diego – disse ele com aquele meio sorriso que a deixava sem fôlego.

Não havia como negar que Remy era um homem muito atraente. Mesmo parado à beira da praia, com o vento bagunçando seu cabelo negro cacheado e espesso, ele ficava mais sensual. Os olhos estavam sombreados pelo sol. A camisa complementava o peito largo. O jeans desbotado abraçava as pernas, e quando ele se virou, Staci permitiu que seu olhar se demorasse sobre o traseiro dele. Ela queria esticar a mão e tocá-lo, mas não o fez. Precisava se controlar. Até ele provar a ela que não a amaria e abandonaria.

– Bem?

– Bem o quê? – perguntou ela. Distraída pelo corpo dele. Queria ter podido ver mais dele na noite anterior.

– Para onde podemos ir que defina Los Angeles para você? – perguntou ele. – Em que você está pensando?

– Em nada – disse ela. O restaurante Johnnie's Culver City lhe veio à mente. Não era longe de onde eles estavam, e os sanduíches de lá eram... bem, não realmente a cara de Los Angeles, estavam mais para as delicatessens judaicas de Nova York. O tipo de coisa capaz de transportar o comensal para outro lugar. Era perfeito para demonstrar o que ela havia dito a ele mais cedo.

– Tive uma ideia. Vou falar com Jack e ver se podemos conseguir um carro.

– Muito bem. Acho que provavelmente teremos que levar outras pessoas conosco – disse ele. – Não consigo enxergar os produtores permitindo apenas nós dois saindo juntos.

– Concordo. Tudo bem, Remy. Você vai descobrir um jeito de me cortejar mesmo com outras pessoas em volta.

– Está certo – respondeu ele.

Eles retornaram à casa, e Staci ficou feliz por finalmente estar no meio dos outros participantes do programa. Havia uma tensão na casa, provavelmente porque os três últimos colocados do desafio teriam de cozinhar no dia seguinte focando em permanecer no concurso. Ela estava feliz porque nesta noite só precisava pensar em Remy, e não em ir para casa depois da primeira semana.

Ela encontrou Jack e perguntou a ele se eles podiam ir até o Johnnie's. Vinte minutos depois ele confirmou que podiam, e sete deles seguiram para os carros. Staci ficou surpresa por Quinn ter se juntado a eles. Achou que ele fosse querer ficar e treinar suas habilidades com a faca, assim como

Christian e Frances, que também ficaram entre os três últimos.

Ela estava espremida no banco de trás, entre Remy e Quinn. Tentou não dar bola para o fato de ainda adorar o perfume da loção pós-barba de Remy.

– Algum de vocês já esteve no Johnnie’s antes?

– Eu não – respondeu Remy. – Esta é minha primeira vez em Los Angeles.

– Eu estive aqui antes, mas costumo frequentar os restaurantes top de linha – disse Quinn. – Não estou surpreso por você gostar de lanchonetes.

– Qual é o seu problema comigo? – perguntou ela a Quinn.

Ele deu de ombros.

– Eu só não enxergo como é que alguém com seus gostos pôde me superar na cozinha.

– Meus gostos? Quinn, comida não precisa ser um negócio feito para *gourmets* o tempo todo. Hoje o desafio foi cozinhar para universitários. Você realmente não entende onde errou? Não importa o quão obscuros sejam seus ingredientes se o cliente não gostar... isso é uma lição básica da culinária.

– Ela está certa – completou Remy. – Tentei apresentar um novo prato no meu último restaurante, e a clientela se revoltou. Eles queriam os pratos que esperavam encontrar lá.

Quinn assentiu.

– Acho que eu não estava enxergando o panorama.

Staci sorriu.

– Eu disse que estava errado – admitiu ele.

– Eu não quero que você esteja errado, apenas que pare de me culpar porque não venceu.

Ele ficou calado durante o restante do trajeto e, quando encostaram diante do restaurante na Sepulveda e todo mundo desceu dos carros, Remy segurou a mão de Staci e a parou.

– O quê?

– Eu só queria que estivéssemos juntos quando subíssemos até lá. O que tem nesse restaurante que fala ao seu coração?

– A tradição dele – falou ela. – E ele me lembra de uma viagem a Nova York que fiz com minha mãe e minha avó. Comemos em uma lanchonete lá... Foi uma viagem legal. As únicas férias que realmente tive com minha mãe, já que ela ficava trabalhando o tempo todo. Quando eu dou uma mordida em um sanduíche de pastrami aqui, eu me lembro daquele dia e da risada dela.

Staci temia ter falado demais, mas Remy apenas assentiu.

– Para mim, uma das melhores *patisseries* é o Café du Monde. Meu pai e eu costumávamos caminhar até lá todos os domingos de manhã, e eu ficava sentado enquanto ele lia o jornal. Éramos só nós dois...

– A comida deveria causar isso sempre – disse Staci. – Nem sempre consigo captar isto, mas é por isso que as receitas tradicionais são importantes, para encontrar aquele sabor familiar e levá-lo a algum lugar novo.

– Sim – concordou ele.

Mas Staci podia ver que Remy estava perdido em seus pensamentos. Ela se perguntava se havia revelado demais ao levá-lo ali, mas daí havia aprendido ao longo dos anos que a maioria das pessoas enxergava apenas o que queria ver, tanto nela quanto em si mesmas. Remy não iria perceber o quanto a comida era importante para ela e para seu passado ou que era a chave para todos os segredos dela. Ele teria de escutar as coisas que ela não dizia para descobrir aquilo. E ele era, afinal, apenas um homem.

CAPÍTULO SETE

REMY MANTEVE distância de Staci quando ambos retornaram à casa. Ele pegou algumas coisas na despensa e começou a cozinhar. O concurso parecia um pouco mais real para todo mundo quando encaravam o fato de que no dia seguinte um deles teria que ir embora.

Aquela noção de que um deles poderia ir embora a qualquer momento deixava Remy determinado a aproveitar o tempo com Staci ao máximo. Então ele fez um prato para ela se lembrar do que havia contado sobre a mãe na cidade de Nova York. Enquanto ele nunca havia estado em Los Angeles, tinha uma história antiga com Nova York. Um de seus tios era dono de uma escola de culinária exclusiva lá, e Remy passava três semanas no Meatpacking District, em todos os verões, aprimorando suas habilidades de *chef*.

Havia outras pessoas trabalhando com ele na cozinha agora, mas sem a conversa alegre da noite anterior. O concurso havia ficado sério hoje. Christian, um dos *chefs* a ficar entre os últimos, estava refazendo exaustivamente o mesmo molho que tinha preparado mais cedo naquele dia. O molho que rendera a ele péssimas críticas.

Christian tinha uma barba cuidadosamente aparada e olhos castanho-escuros que pareciam ver o mundo de forma fatigada. Ele era alto, mas não tanto quanto Remy, com sua figura de 1,83 metro, e era um pouco encorpado. Ele se movimentava quase de maneira desajeitada quando não estava em sua estação de trabalho. Mas uma vez com uma faca nas mãos, suas aptidões vinham à tona.

– Já descobriu? – perguntou Remy quando notou que o *chef* havia parado de fazer anotações em seu caderno.

– Quase. Não faço ideia do que eles vão jogar em cima de mim amanhã, mas molhos sempre foram meu ponto fraco. Eu sei misturar um *buerre blanc*, mas é só isso. Devia ter pensado melhor antes de tentar fazer um molho hoje.

– Você fez o que tinha que fazer para tentar vencer.

– Fiz?

– Sim, você precisa ir além do seu limite. Foi isso que percebi hoje. Não posso simplesmente fazer o que sempre fiz – disse Remy. Não era nada além da verdade, e ele queria ter descoberto isso mais cedo. Era mais do que provável que aquela fosse a razão de sua relutância em assumir a posição de *chef* principal do *Gastrophile*. Ele tentara inserir novos pratos no cardápio, mas hoje havia percebido que tinha feito do jeito errado. Havia um modo de colocar sua marca no restaurante sem estripar o que era feito antes. E essa era a chave.

– Verdade. Estou no mesmo barco. Cozinhar sempre foi fácil para mim, quando nada mais era. Esta é a primeira vez que falhei totalmente. Não gosto disso.

Remy riu.

– Nem eu. Estou muito acostumado a vencer.

Christian sorriu para ele.

– Eu aceitaria o terceiro lugar entre os três primeiros.

– Aposto que sim. Da próxima vez, nós dois ficaremos entre os três primeiros.

– Dá próxima vez, vou ser o número um – disse Christian. – Vou te deixar terminar de preparar sua comida.

Remy finalizou seu prato e então colocou tudo em recipientes plásticos e em um isopor que encontrou na despensa. Deixou sobre o balcão e saiu para procurar Staci. Ela estava sentada na beira de sua cama, com o diário de receitas aberto, relendo suas anotações. Ele ficou ali por um longo instante, apenas olhando para ela. Embora tivessem se passado apenas alguns dias, a impressão dele a respeito dela havia mudado radicalmente desde aquele primeiro momento, quando se conheceram, no qual ela derramou chá nos dois.

No entanto, uma coisa ainda não havia mudado. Remy ainda a desejava e iria continuar a desejá-la, ele suspeitava, não importando quantas vezes a possuísse. Havia algo quase elusivo naquela mulher. Algo que ele simplesmente não conseguia afastar, independentemente de quantas vezes tentasse.

Remy notou o jeito como o cabelo cor de azeviche de Staci estava enfiado atrás da orelha e da longa curva do pescoço. A blusa que ela usava abraçava os seios e a pequena cintura. As pernas estavam cruzadas sob o corpo em uma posição que ele duvidava ser capaz de reproduzir mesmo que tentasse durante horas.

– Gosta do que vê? – perguntou ela, uma ponta de humor na voz.

– Você sabe que sim, *chère* – respondeu ele, demorando-se com o olhar sobre o corpo dela. Ela se remexeu na cama, descruzando aquelas pernas bem torneadas e ficando de pé.

– Seu jantar está pronto – disse ele, fazendo uma leve reverência.

– Ótimo. Estou interessada em ver o que sua viagem de campo nesta tarde inspirou.

Não era a comida que o estava inspirando, e Remy sabia disso agora. Se tivesse esse conhecimento e estivesse em seu juízo durante o desafio na Universidade da Califórnia, ele apostava que teria vencido hoje. Mas não vencera. Ele só podia usar tal percepção para se assegurar de que se manteria entre os três primeiros e prosseguir a cada semana do concurso.

– Espero que você se surpreenda – disse ele.

– Com certeza me surpreenderei. É raro ter um homem cozinhando para mim – falou ela, seguindo-o pelo corredor até a cozinha.

Considerando o pouco que Remy sabia a respeito do histórico pessoal dela, aquilo não era tão surpreendente assim.

– Os homens com quem você se relacionou não eram *chefs*.

– Um deles era – disse Staci, quase sussurrando.

Ele pegou o isopor e a guiou pela sala de estar até o pátio atrás da casa.

– Podemos comer aqui... ou na praia, onde teremos mais privacidade.

– Voto na praia – falou ela. – Não quero que todo mundo saiba que estamos jantando juntos.

– Por que não?

– As pessoas vão falar – disse ela. – Não importa que não haja regras sobre confraternização, mas

eu sei o quanto a fofoca pode ser maldosa. Acho que ambos vamos ficar mais confortáveis se mantivermos isso em particular.

Ele assentiu. Achava a mesma coisa. Além disso, não queria dividir Staci com mais ninguém. Havia algo de muito intenso na atração que sentia por ela. Ele queria conhecê-la melhor e lhe ocorreu, enquanto eles caminhavam pela praia para encontrar o local perfeito para o piquenique, longe dos outros frequentadores, que ele havia criado um jantar esta noite para seduzi-la. Ele devia ter imaginado.

Para Remy, a comida era uma das experiências mais sensuais. Ele abriu a manta que havia pegado no armário de lençóis e ficou observando enquanto Staci se sentava bem no centro dela. Ele pôs o isopor ao lado dela antes de sentar-se também.

Remy abriu o isopor para pegar a garrafa de vinho que havia embrulhado em uma toalha resfriada e a posicionou no lado gelado do isopor. Ele a abriu habilmente e então pegou duas taças e serviu para ambos.

Staci pegou uma taça da mão dele.

– Te digo uma coisa, você escolheu o lugar perfeito para jantar. Brisa suave, sol se pondo... Estou quase seduzida só de estar sentada aqui.

– Quase é a palavra-chave, quando esta refeição terminar, você estará totalmente seduzida.

– Não estou muito certa disso, mas gosto da sua confiança.

– Eu também gosto da sua – disse ele. Se havia uma qualidade que sempre se destacava em Staci era sua crença em si mesma. Ele a admirava por isso. Sabia que ela havia dado duro para tal, ao contrário dele, cujo talento já era sempre presumido por causa de seu DNA.

– Um brinde à confiança e ao ego, e esperando que sempre haja espaço na cozinha para os nossos.

Ele sorriu e ergueu a taça em direção à dela.

– À confiança.

Remy notou que ela manteve o contato visual com ele enquanto bebia o primeiro gole do vinho. O pai dele dizia que apenas as pessoas com enorme bom senso faziam isso. O vinho era seco e estava resfriado, exatamente do jeito que ele gostava.

– Pronta para ser impressionada?

– Sempre – respondeu ela.

Ele pegou os vasilhames e os pratos que havia embalado.

– Enquanto arrumo seu prato, por que você não me conta sobre o outro *chef* que mencionou?

A mão dela tremeu enquanto bebia mais um gole do vinho e uma gota espirrou em seu lábio. Staci o encarou, e Remy se perguntou se o que dissera a chateara.

– Presumo que simplesmente foi mais um homem que não cuidou de você.

A ÚLTIMA coisa sobre a qual Staci queria conversar era sobre o passado, mas atualmente Jean-Luc Renard parecia estar em todo lugar. Mas ela sabia que precisava, pelo menos, dizer alguma coisa. Remy havia se esforçado mais do que ela esperava naquele jantar de aposta.

A mão de Staci tremeu outra vez. Será que ela estava mesmo pensando que eles poderiam ser um casal? Pensou na maneira como lidava com seu relacionamento com Alysse, e elas possuíam um contrato profissional como rede de segurança para garantir que Alysse fizesse jus à sua parte no contrato. Embora agora que conhecia Alysse, Staci compreendesse que a outra nunca a deixaria na

mão.

Mas não sabia disso no início. E, cansada de ser machucada outra vez, fizera todo o possível para se proteger. Ela se afastara da Confeitaria Sweet Dreams com a crença de que poderia confiar nas mulheres, mas não nos homens. E agora estava olhando para Remy e se perguntando se podia confiar nele.

Ela queria confiar.

– Vai pegar o prato ou simplesmente ficar olhando para ele? – perguntou Remy, a voz baixa, como se sentisse que ela estava nutrindo pensamentos profundos.

Staci queria gritar de frustração consigo. Qualquer outra mulher simplesmente aproveitaria a noite e o romantismo, mas ela estava calculando todos os movimentos dele contra seu frágil coração e tentando conhecê-lo cautelosamente enquanto tentava se proteger. Era mais difícil do que deveria, porque Staci sentia como se pudesse acreditar nele.

Queria que Remy Stephens fosse apenas o que parecia ser: um *chef* desempregado que sabia cozinhar como ninguém e dono de um charme arrebatador.

– Sim, vou pegar. O cheiro está delicioso – disse ela.

– Eu esperava que você fosse gostar. Por que não deixa sua história sobre amores passados para outra noite? – sugeriu ele. – Não quero você pensando em outro homem enquanto saboreia meus pratos.

Ela assentiu. Também não queria pensar em Jean-Luc. E uma coisa que facilitava ainda mais para ela ignorar seu amor do passado era o fato de o *chef* com três estrelas no *Guia Michelin* nunca ter cozinhado para ela. Aquela devia ter sido a primeira pista de que o que eles possuíam não era verdadeiro...

– O que você preparou?

– Cidade de Nova York – respondeu ele, com aquele sorriso maroto típico. – Você disse que suas lembranças mais felizes estavam associadas à sua mãe e essa cidade.

– Você conhece Nova York? – perguntou ela. – Como alguém de Nova Orleans se torna familiarizado com uma cidade grande como aquela?

– Eu saio do pântano de vez em quando – disse ele ironicamente.

– Não foi isso o que eu quis dizer. Desculpe. É só que você parece totalmente enraizado ao sul – explicou ela. – É surpreendente, só isso.

– Bem, prove e me diga se é uma surpresa boa ou não – falou ele.

Ela afastou os pensamentos sobre o passado e, em vez disso, se concentrou no presente. Remy não havia provado ser nada diferente de um amante ardente, *chef* de primeira-classe e um sujeito muito legal que gostava dela. Staci colocou a taça de vinho na mesa improvisada que Remy havia feito com a tampa do isopor e pegou o garfo de prata pesado que ele lhe entregara.

Cuidadosamente, pegou um pedaço de carne, que estava empanada e com molho, um pouco do risoto cremoso e levou à boca. O cheiro estava incrível, e sua boca já estava cheia d'água. Quando abriu os lábios, notou que Remy encarava sua boca. Deixou a língua mirar no sabor antes de dar a primeira mordida.

Ele semicerrou os olhos e, de repente, Staci se perdeu na comida, assim que a sensação de estar em Nova York lhe invadiu o paladar. A comida tinha aquele conforto aconchegante que Staci sempre recebera da mãe, mas também aquela ousadia que ela sempre sentia quando estava em Nova York. Fechou os olhos e se esqueceu de tudo, admitindo que, se ele cozinhasse daquele jeito na semana

seguinte, ela e os outros concorrentes estariam fora da disputa.

– Está gostoso – disse ela finalmente, bem ciente de que suas palavras foram um elogio fraco para o prato que havia acabado de provar.

Ele assentiu.

– Obrigado. Não vou deixar que todos esses elogios efusivos me subam à cabeça.

– Como se você precisasse de mim para dizer que você é bom – falou ela. – Este prato é Nova York, mas também minha experiência lá. Como você fez isso?

Ele se inclinou para frente e lhe tocou o rosto. Como se ela fosse mesmo capaz de ignorar Remy Stephens.

– Eu escutei você – disse ele. – Tudo o que você disse nesta tarde sobre lembranças gastronômicas fez eu perceber que estava faltando um tempero poderoso em minha maleta de *chef*. E esse tempero era a experiência pessoal.

– Nota mental... Pare de dar conselhos a Remy se quiser vencer este concurso – disse ela com um sorriso arrependido.

Ele riu, conforme Staci esperava que fizesse, mas aquilo não reduziu a tensão dentro dela. De algum modo, ela sabia que a mera menção ao seu amante em Paris tinha sido responsável por baixar seu astral. Tinha achado que quase seis anos seria tempo suficiente para atenuar não apenas as lembranças dele, mas o controle dele sobre ela, mas estava percebendo que não era bem assim.

Staci imaginava que algumas das feridas tinham sido fundas demais. Mas também sabia que havia tantos elementos similares aos que fizeram com que se apaixonasse por Jean-Luc especificamente na situação atual com Remy. A comida, a paixão por cozinhar... aquela visão um tanto gaulesa sobre a vida, compartilhada por ambos.

– Acho que você vai se sair bem. Você tem um dos melhores instintos gastronômicos que já vi. Meu avô teria adorado ter você como aprendiz na cozinha dele.

– Quem é seu avô?

Remy mordeu o lábio e desviou o olhar dela, mirando no próprio prato por um minuto.

– Ninguém, na verdade, só um velho *chef* que dizia para mim que cozinhar é algo que vem da alma, mas até eu ouvir você falando sobre isso, nunca havia compreendido exatamente o que ele queria dizer.

– Então você está dizendo que eu faço você se lembrar de seu avô? – perguntou ela.

– Nem um pouco. Mas você tem, sim, o mesmo instinto visceral que ele. Acho que ele ficaria muito impressionado com você – disse Remy.

– Você está impressionado? – perguntou ela. Quis soltar um lamento depois de ter dito aquilo, mas também realmente queria que ele gostasse dela. Que enxergasse todos os seus talentos e nenhuma de suas falhas. *Mas que droga*, pensou ela. Staci já estava começando a esperar que ele pudesse ser o homem que ela enxergara naquela noite. Um homem que tinha os mesmos objetivos, a mesma alma que ela. Aquilo era algo no qual ela realmente precisava trabalhar se quisesse ter qualquer chance de se proteger para não se apaixonar por Remy.

– *Chère*, você não fez nada senão me impressionar desde o instante em que caiu nos meus braços – disse ele.

Ambos terminaram de jantar, e então Remy arrumou os pratos de volta no isopor. Staci percebeu que ele mantinha tudo tão limpo e ordenado quanto sua estação de trabalho quando estavam cozinhando.

– Você é muito organizado.

– É uma coisa boa em um *chef* – disse ele.

– Sim, mas mesmo longe da cozinha. Por que isso? – perguntou ela. Podia não ser nada, mas, mais uma vez, poderia ser a chave para decifrar Remy.

– Meu pai dizia que um homem sem disciplina para se manter organizado não tem disciplina para administrar uma cozinha.

– E esse foi seu objetivo? – questionou ela.

– Foi minha herança – respondeu ele.

Havia uma seriedade na voz dele, e Staci se perguntou que tipo de expectativa a família devia colocar nele. A decepção que deviam sentir por ele estar desempregado agora. Remy precisava daquela vitória, pensou ela, quase tanto quanto ela.

– Da sua família Creole?

– Seguramente – replicou ele.

Ela segurou a mão dele.

– Você é um grande *chef*, Remy. Ninguém pode tirar isso de você, e não importa se você é o *chef* principal do restaurante mais famoso de Nova Orleans ou o fornecedor de comida de rua em Nova York, você ainda está honrando seu talento.

REMY FICOU lisonjeado com as palavras de Staci, e aquela era uma opinião que sua avó teria ecoado, mas seu pai, seu avô e seus tios tinham um plano diferente para Remy e seu futuro. Eles queriam que ele recebesse o manto de *chef* supremo e continuasse a tradição na cozinha que havia ganhado três estrelas no *Guia Michelin*. E, pela primeira vez, Remy compreendeu que poderia não querer tomar aquele caminho.

Ele havia vindo até ali com, aparentemente, uma meta, um objetivo, no entanto, desde o segundo em que conhecera Staci, tudo mudara. Não importava o que ele havia dito a si no passado, havia algo no instante presente que parecia a verdade. Era como se a vida dele estivesse mudando e ele não tivesse experimentado isso fora da cozinha antes.

Ele se reposicionou sobre a manta, até ficar atrás de Staci, e a puxou para seus braços, de modo que as costas dela encontraram o peito dele. Ela se sentou rigidamente no início. Então toda sedução que Remy criou com sua comida não a havia feito relaxar com ele. O sexo deve ter criado mais barreiras entre eles do que ele havia imaginado, pensou Remy.

Sob toda a sua atitude de garota durona havia um interior delicado que Staci protegia como uma guerreira feroz. E a intuição dizia a Remy que era porque ela havia sido magoada... decepcionada pelas pessoas em geral. Mas mais do que isso. Ele se lembrou do que ela dissera sobre nenhum homem ter permanecido em sua vida. Nem pai, nem avô. Nem namorado.

E embora soubesse que as próprias intenções eram honrosas, havia um lado dele que sabia que precisava ter muito cuidado. Ele não fazia ideia se aquela atração era apenas empolgação por estar em um lugar novo e conhecer um tipo de mulher que ele nunca encontrara. Aos 30 anos, tinha idade suficiente para se conhecer e saber o que queria, mas não fazia ideia se conseguiria domar Staci e convencê-la de que ele era do tipo de sujeito que permanecia.

Ou se ele queria permanecer. O fato é que Remy estava mentindo para ela ao não contar seu verdadeiro nome e sua história. E parte dele sabia que deveria dizer algo para que ela soubesse, mas

também não podia arriscar que os outros soubessem quem ele era. E o segredo era seu fardo. Se em algum momento sua verdadeira herança culinária ficasse conhecida, ele não iria querer que Staci pagasse o preço por ele não ter se manifestado mais cedo.

Os motivos de Remy soavam todos bons para ele, mas outro lado dele sabia que, enquanto mantivesse esta vida em segredo, aqueles momentos idílicos com Staci continuariam. Ele não precisava tentar decifrar a logística de se apaixonar por uma mulher que morava na costa oeste. Ele não precisava encarar o fato de que a vida dele sempre iria ser em Nova Orleans, enquanto a dela estava profundamente arraigada àquela região ali. Ele meio que gostava da liberdade de ser Remy Stephens em vez de Remy Cruzel. Remy Stephens podia ficar.

– Está vendo aquela constelação? – perguntou ele.

– Sim. Órion, certo?

– Sim, o caçador. É a mais visível de todas as constelações, você consegue vê-la de qualquer lugar do mundo. Quando eu era mais jovem, meu pai precisou viajar durante alguns anos, e toda noite ele me dizia para olhar para esta constelação, pois ele estaria fazendo a mesma coisa. Ele dizia que assim estaríamos juntos mesmo estando a quilômetros de distância.

Ela relaxou de encontro a ele enquanto ele contava mais sobre o céu noturno. Remy não sabia muito, mas já havia descoberto que, com Staci, a chave para ultrapassar as barreiras dela era compartilhando mais a respeito de si mesmo.

– Minha mãe e eu fazíamos isso com a lua. Ela mandava um beijo para a lua, e eu o recuperava na hora de ir dormir... – disse ela, a voz vacilando um pouco. – Eu nunca havia contado isto a ninguém.

– Tudo bem. Seu segredo está seguro comigo – falou ele.

Ela se virou para olhar para ele.

– Quero acreditar, mas o passado me ensinou que um segredo só fica seguro se você não contá-lo a ninguém.

Ele pensara exatamente a mesma coisa, e sabia que um homem que estava ocupado tentando esconder alguma coisa não tinha chão onde se firmar. Remy se abaixou para beijá-la, porque parecia melhor fazer aquilo do que fazer promessas que ele sabia não ser capaz de cumprir. Queria dizer que nunca mentiria para ela, mas como já estava mentindo...

Furioso consigo por não ser capaz de ser o homem que queria ser com ela, Remy enfiou a língua dentro da boca de Staci. Tentando mostrar a ela a verdade do único jeito que podia fazer naquele instante. Ele a desejava, mas, mais do que isso, ele gostava dela, a respeitava, estava encantado com ela. Queria que ela fosse a mulher em sua vida, independentemente do fato de serem concorrentes atrás do mesmo prêmio.

Ao mesmo tempo que ele não estava pronto para jogar a toalha e conceder a vitória a ela, sabia que, se Staci vencesse, ele não ficaria tão decepcionado quanto teria ficado há uma semana. Já havia aprendido mais sobre si nos últimos dias do que nos últimos quatro anos fazendo a mesma coisa todos os dias.

Remy colocou as mãos na cintura dela e a abraçou quando levantou a cabeça. Os lábios dela estavam inchados, e os olhos, fechados.

– Isso quase saiu do controle.

– Mesmo? Pensei que este pudesse ser seu plano para esta noite – disse ela.

– Não. Quero conhecer a Staci Rowland de verdade, para que na próxima vez, quando eu levar você para minha cama... e será na minha cama, aí vou ter tempo para explorar seu corpo. Nós dois sabemos

que isso é mais do que simplesmente atração.

Ela dobrou os braços e pôs as mãos nos ombros dele, se inclinando para bem perto.

– Você continua dizendo as coisas certas...

– Isso é um problema? – perguntou ele, mantendo as mãos na cintura de Staci embora quisesse deslizar-las para seu traseiro e puxá-la para si. Queria senti-la cavalgando em cima dele e reivindicando mais um beijo para avivar a paixão que existia entre eles.

– Não. Mas já ouvi tudo isso antes. As mentiras, as frases prontas. É parte de mim quer acreditar que você seja diferente, Remy, mas você é homem.

– Sim, *chère*, sou. E sou um que você nunca conheceu.

Ela balançou a cabeça.

– Neste ponto você está certo, mas pela minha experiência todo homem está escondendo alguma coisa, e meu instinto diz que você é igualzinho.

Ele engoliu em seco e soube que, se mentisse, aquilo iria machucá-lo mais tarde, mas concluiu que poderia compensar o erro. Staci precisava que ele fosse um homem no qual ela pudesse acreditar. Precisava de um homem para provar para si que havia mais em um relacionamento do que faíscas, e ele estava determinado a ser aquele homem.

Ela se virou, e ele a abraçou, mas desta vez, quando ela se acomodou no corpo dele, Remy não sentiu a paz da noite ou o desejo de compartilhar histórias do passado. Em vez disso, a mente dele estava ativa com o pensamento de que mais cedo ou mais tarde teria de revelar a Staci quem ele realmente era. Mas quando?

CAPÍTULO OITO

A CASA estava como um cortiço em atividade quando Remy e Staci retornaram da caminhada na praia. Embora as coisas tivessem esquentado, eles não fizeram amor, e Staci ficou nervosa com isso. Ela também estava sentindo o que sabia ser a primeira descarga do amor. Não conseguia evitar sorrir toda vez que olhava para Remy enquanto estavam sentados na sala de estar com os outros *chefs*.

Algum dos participantes já estavam claramente trabalhando em uma estratégia, falando das próprias habilidades e apontando as fraquezas dos demais. Não era como se ela não esperasse aquilo deles. Afinal, eles estavam sendo filmados o tempo todo quando estavam na casa, e era um programa de TV, então um pouco de tensão era uma coisa boa. Mas ela não estava interessada neste aspecto do jogo.

Staci estava mais concentrada em vencer pela sua culinária e, se estivesse sendo completamente honesta, em conquistar Remy.

– A semana que vem será interessante. Staci, devemos ficar de olho em você. Qual você acha que vai ser o próximo desafio? – perguntou Viv.

– Não tenho certeza. Tenho sido tão surpreendida quanto vocês até agora – disse ela.

Staci preferia concentrar a conversa no ato de cozinhar em vez de ficar especulando sobre o que estava por vir. O que quer que fosse, o desafio seria para manter a culinária dela revigorada. Ela olhou para Remy. Após comer o jantar que ele havia preparado naquela noite, soube que ele provavelmente era seu oponente mais forte.

– Eles mudam em todas as temporadas. Eu realmente quero uma mesa com ingredientes misteriosos – disse Dave.

A conversa fluiu em torno de Staci até todo mundo começar a discutir seu tipo de comida favorito. Christian, Quinn e Frances estavam calados, sem dúvida pensando no fato de que, no dia seguinte, teriam de cozinhar bem para permanecer no concurso.

Lentamente, todo mundo começou a se levantar para ir para a cama, e Staci saiu logo depois de Remy. Havia gente demais em volta para ocorrer um boa-noite particular, e Staci não estava tranquila quanto a isso. Como estavam na casa, agora eles não eram um casal. Mas eles eram um casal em qualquer outro lugar?

Mas ela sabia que eram. Pelo menos aos seus olhos. Staci se perguntava se sua mãe tinha se sentido do mesmo jeito em relação ao seu pai. Ela sempre tinha se perguntado por que a mãe não enxergou os sinais de que o pai dela não iria ficar. No entanto, as sensações que a inundavam agora a faziam

perceber que o amor vinha independentemente se era sábio se envolver ou não.

Staci só podia esperar ter escolhido melhor do que a mãe e a avó. Ela ainda não estava se sentindo exatamente feliz com seus novos sentimentos por Remy quando Vivian entrou.

– Notei que você e Remy estavam mais chegados hoje à noite – disse Vivian depois de tomar um banho, e agora ambas estavam sentadas em suas respectivas camas.

– Sim. Eu... ele e eu fizemos uma aposta, e ele teve que fazer o jantar para mim, já que eu venci o desafio.

– Você aprendeu alguma coisa com o prato dele que possa ser utilizado? – perguntou Vivian.

– Sim. Mas não foi por isso que fiz a aposta.

– Deveria ser. A menos que você não esteja aqui para vencer. E considerando o jeito como você está cozinhando, tenho certeza de que este é o único motivo pelo qual você está aqui.

– Você está certa, mas eu acho...

Vivian deu de ombros.

– Sou a última pessoa que deveria aconselhar uma mulher a respeito de homens, mas você deveria tomar cuidado. Todo mundo aqui está usando estratégias.

– Até você? – perguntou Staci.

– Claro que sim.

Será que Remy ainda estava usando uma estratégia? Seria mais fácil para ela acreditar nisso do que confiar nele. Mas era quase como se fosse tarde demais para conter os sentimentos que estavam crescendo dentro de si. Ela não queria fazer papel de boba outra vez.

Precisava manter distância. No dia seguinte, ela começaria a se afastar. Era a única coisa inteligente a se fazer.

– Qual é a *sua* estratégia?

– Não entregar meus pontos fortes – disse Vivian. – Nem mesmo para você, amiga!

Staci sorriu para ela.

– Ah, para com isso, Viv. Você pode confiar em mim.

– Foi isso que o sr. Macho disse para você? – perguntou ela. – Eu não confio em ninguém. Gosto de você, mas no que diz respeito ao concurso, só pode haver um vencedor, e eu vou ser a campeã.

Staci percebeu que o que Vivian disse era verdade. Mas havia mais na vida além de vencer. Em cinco semanas, o prêmio seria entregue e, de um modo ou de outro, vencendo ou perdendo, ela iria prosseguir com sua nova vida. Já havia começado a modificar a administração diária da Sweet Dreams, de modo que pudesse buscar novas diretrizes. O programa... o tempo dela ali deveria ajudá-la a decidir para onde seguir depois. Isto seria suficiente no entanto?

Os novos sentimentos por Remy poderiam influenciar onde ela terminaria, mas, falando seriamente, ela estaria disposta a seguir um homem que havia conhecido em um reality show de culinária? Sabia que precisava definir suas prioridades. Já havia resolvido colocar alguma distância extra entre eles e, a partir deste instante, compreendia que aquela não era apenas uma boa estratégia para o jogo, mas também para sua vida.

A única pessoa em quem realmente confiara fora sua avó, e quando Rosalyn faleceu, Staci ficou sozinha no mundo. A mãe, embora tivesse um bom coração, nunca foi emocionalmente estável o suficiente para Staci poder se apoiar nela. Sendo assim, Staci tinha de lembrar a si que a única pessoa na qual podia confiar era nela mesma.

Aquilo não significava que ela se arrependia de qualquer coisa em relação a Remy. Simplesmente

significava que iria se recordar da verdade por trás de todas as emoções. Ele estava fazendo o que era certo para si. Staci precisava fazer o que era certo para ela.

– Bem, odeio estragar as coisas para você, Viv, mas vou fazer meu melhor para superar você, e se o dia de hoje servir como indicação, acho que comecei bem.

– Sim, começou, amiga, mas os jurados agora esperam um nível mais alto da sua parte. Você vai ter que continuar cozinhando muito bem para mantê-lo.

Staci não estava preocupada. Mesmo solitária e com o coração partido, ela sempre tinha sido capaz de manter a cuca fresca na cozinha. Desta vez, não seria diferente.

– Veremos na semana que vem, não é?

– Sim, veremos – disse Vivian. Ela se enfiou debaixo das cobertas e se encolheu, se deitando de lado. – Espero que eu não tenha falado demais ao dizer o que disse sobre Remy. É só que não quero ver uma *chef* tão boa quanto você indo para casa por casa de um homem.

Staci se enfiou debaixo das cobertas também e esticou a mão para desligar o abajur em sua cabeceira. Ela já havia jogado uma oportunidade no lixo por causa de um homem, não queria deixar acontecer outra vez.

– Nem eu – respondeu, rolando e socando o travesseiro, porém aquilo não aliviou a frustração que fluía dentro dela. Havia começado a acreditar que Remy era diferente, mas ouvir Vivian falando era como conversar consigo mesma. Ela sabia que homens mentiam. E fazia sentido ele estar seguindo uma estratégia. Afinal, eles eram concorrentes. Mas ele também era o homem que a abraçara carinhosamente e contara a ela sobre seu pai e as constelações... o homem em quem ela queria confiar.

Staci garantiu a si que era esperta o suficiente para não cometer o mesmo erro duas vezes. Garantiu a si que seria cautelosa no que dizia respeito a Remy. Garantiu que pesaria tudo que ele dissesse e não confiaria nele cegamente.

Staci dormiu mal, e seus sonhos foram visões torturantes da cozinha em Paris. Remy e Jean-Luc a observavam cozinhar e então provavam seus pratos, e os julgavam como não sendo bons o suficiente.

E um lado dela acordou para a sensação de que estava determinada a provar que, desta vez, era ela quem iria julgá-los. Desta vez, sairia vencedora. Desta vez, não iria arriscar seu coração tão facilmente.

REMY SUSPEITAVA de que as coisas não fossem ser tão fáceis quanto pareceram naquela noite na praia, mas não previra que Staci fosse ignorá-lo ou ignorar a própria reação a respeito daquilo tudo. Frances foi para casa, e na semana seguinte, o concurso colocou homens contra mulheres no desafio do restaurante. Cada time tinha que escolher um líder, planejar um cardápio e então, durante uma noite, administrar um restaurante montado em tempo recorde. Os comensais frequentariam ambos os restaurantes e votariam em seus pratos favoritos. O time que tivesse mais votos venceria o desafio em equipe, e o *chef* que tivesse o prato mais votado como favorito iria ganhar o prêmio individual.

Os homens escolheram Chistian, que havia acabado de vencer no desafio entre os três últimos colocados, para ser o líder. As mulheres escolheram Staci. Remy não ficou surpreso por isso, mas se perguntou como ela se sairia na liderança.

Ele tentou roubar um pouco de tempo a sós com ela, mas Staci estava sendo cautelosa e mantendo distância. Talvez ele devesse fazer o mesmo em vez de tentar captar a atenção dela. Ele se concentrou

em seu prato. Criou algo para agradar ao seu paladar. Não estar na liderança da equipe significava ser coadjuvante e simplesmente cozinhar. O que acabou sendo uma coisa boa, porque havia muita testosterona naquela cozinha. Remy se manteve distante de Conner e Quinn, que estavam em uma batalha para provar um ao outro quem era mais egocêntrico.

Christian fez o seu melhor para liderar, mas estava claro para Remy que o ponto forte dele estava na criação do cardápio e na recepção da casa. Ele encantou cada cidadão que adentrou o restaurante e não demorou muito para Remy acreditar que eles iriam vencer.

Até ouvir a risada e os elogios vindos do lado das mulheres. Apenas aquilo foi o suficiente para fazer Conner e Quinn deixarem seus egos de lado e começarem a trabalhar juntos. Ninguém queria perder aquele desafio.

– Os jurados então aqui – gritou Christian, entrando na cozinha. – Acabei de colocá-los à mesa. *Chefs*, precisamos que vocês façam o seu melhor!

Todos cozinham e montaram seus pratos e não havia tempo para aguardar a opinião dos jurados, afinal os outros clientes estavam esperando para serem servidos, só que eles devolveram os aperitivos que Conner havia preparado. Fato que não foi muito bem recebido pelos outros homens do time. Aquilo preocupou Remy, já que ele sabia que o prato havia sido bem feito, até ficar sabendo que havia uma concha no patê de frutos do mar de Conner.

Um erro, pensou Remy. Aquilo era algo que Conner deveria ter pego antes de mandar o prato para o salão.

Mas os outros dois sujeitos estavam concentrados demais em outras coisas... assim como Remy estivera com Staci durante o desafio-relâmpago. O único jeito de vencer aquilo, e este ainda era o objetivo dele, seria fazendo o mesmo que Staci fizera em relação a ele: mantê-la longe de sua mente.

Mas aquilo era mais difícil do que ele previra. Seus sonhos estavam repletos de visões fumegantes de Staci em seus braços na praia. Ele era atormentado pela lembrança do corpo quente e macio envolvendo o dele.

– É com você, Remy. Três pratos principais.

Ele começou a cozinhar, se lembrando do momento de amor com Staci, e quando montou o prato soube que havia criado algo enraizado na experiência que ambos tinham vivenciado juntos. Mandou os pratos com o garçom e tentou não ficar parado vigiando, tal como um *chef* inexperiente.

Nenhum dos pratos foi devolvido, e o restante da noite passou rapidamente, num borrão. Logo eles estavam de volta à cozinha do *Premier Chef*. Havia uma tensão na sala de espera enquanto todos aguardavam ser chamados diante dos jurados. Staci fazia anotações em seu diário freneticamente. Outros bebiam água como se fosse uma vodca barata. Finalmente Fatima entrou no cômodo.

– Primeiro vamos fazer o julgamento individual, depois julgaremos as equipes. Gostaríamos de ver Vivian, Remy e Gail.

Remy se levantou, mais nervoso do que gostaria. Ele sabia que havia feito um ótimo prato, mas não tinha exatamente encantando os jurados até então.

– Agora é hora de ver se somos os vencedores ou os perdedores – disse Vivian. – Mas se estivermos entre os três últimos, então há algo de errado com eles. Eu sei que não fiz besteira hoje.

– Simplesmente vamos ter que ir lá para ver – disse Remy.

– Sim, vamos.

Eles entraram na sala de julgamento onde havia uma longa mesa com os três jurados atrás dela. Fatima ficou ao lado deles, e Jack, o diretor, indicou as marcas onde os três concorrentes deveriam se

posicionar. Neste instante, Remy realmente lamentou aquilo ser um reality show. Ele só queria que dessem logo o resultado, sendo bom ou ruim. Mas eles tinham que ser posicionados e então aguardar.

Por fim, a equipe de produção se posicionou, e Fatima sorriu para eles.

– Parabéns, vocês três fizeram os melhores pratos.

– Eu sei disso – murmurou Vivian.

Remy foi tomado pelo alívio. Ficou muito feliz por saber que havia se apresentado bem hoje. Uma parte dele, uma parte bem pequena, se sentia mal por Staci não estar ali. Mas talvez a liderança de sua equipe a tivesse distraído da execução da comida.

Todos os jurados deram sua opinião a respeito do que gostaram dos pratos de cada um antes de Fatima anunciar que Remy havia vencido o desafio.

– Desde o primeiro prato que você apresentou, nós sabíamos que você sabia cozinhar – disse Hamilton. – Mas esta noite você nos mostrou algo novo e revigorado. Bom trabalho.

– Obrigado, *chef*.

– Não há de quê – disse Hamilton.

– Precisamos que vocês digam a alguns de seus colegas para virem até aqui.

– Certamente – disse Remy.

Eles pediram para ver Tony, Ashley e Conner. Remy tinha a sensação de que Conner poderia ser mandado para casa. Embora não fizesse ideia do quão ruim estivesse o prato de Ashley. A sobremesa de Tony não tinha ficado no ponto certo, mas Remy provara e, apresentação à parte, estava muito gostosa. Ele ficou empolgado quando não pediram para ver Staci. Queria que ela permanecesse no concurso. Ele se perguntava se o namorico entre eles tinha sido uma distração para ela. E concluiu que manteria distância, como ela claramente desejava que ele fizesse.

Eles retornaram à sala de espera e, depois que Remy anunciou sua vitória, disseram o nome dos três *chefs* que os jurados queriam ver.

– Eu ouvi quando eles estavam delirando por causa do seu prato – disse Staci quando Remy se sentou.

– Os jurados? – perguntou ele.

– Não. Os comensais. Não houve um que não comentou sobre o prato principal, falando o quanto estava delicioso. Pensei: deve ser o prato de Remy. Você fez para eles o mesmo que fez para mim?

– Não – disse ele. – Aquele foi só para você, *ma chère*. Mas eu segui o conselho que você me deu. Ao conversar sobre comida e recordações, você me lembrou de que há mais no ato de cozinhar do que a simples técnica.

Staci sorriu.

– Considerando que você venceu, talvez eu devesse ter ficado de boca fechada.

– Talvez devesse mesmo.

– Estou feliz por não ter me calado – disse ela.

– Por quê? – indagou ele.

– Agora que você subiu o nível, todo mundo fez o mesmo, e assim o concurso fica mais imprevisível. Estes desafios realmente nos dão uma sacudida e nos obrigam a nos concentrar na comida. Isso acaba se perdendo na labuta diária na cozinha, sabe?

– Sei sim – disse ele.

Os três *chefs* retornaram à cozinha e informaram que Conner tinha feito o prato que menos agradou, por isso iria para casa.

– Eles querem ver o restante de vocês – disse Conner. – O concurso vai ser entre os três primeiros e o time perdedor. Boa sorte!

Todos se despediram de Conner e então retornaram à sala dos jurados. Os primeiros comentários foram ásperos, porém eles finalizaram em um tom otimista. Os participantes receberam uma chance de se defender, mas todo mundo assumiu seus erros. As mulheres perderam a rodada, e Staci, Kristi e Whit eram as três últimas.

STACI VENCEU o desafio-relâmpago, e Kristi foi mandada para casa, mas na semana seguinte, ela voltou a ficar entre os três últimos. Um lado dela queria culpar Remy, mas ele estava mantendo distância dela, e, afinal, aquilo era tudo o que ela queria. Eles tiveram um dia de folga, e Staci sabia que deveria estar na cozinha treinando, mas tinha a sensação de que sua cabeça estava atrapalhando. Era como se ela tivesse se esquecido de todas as coisas que realmente sabia sobre culinária.

Remy foi até onde Staci estava na sala de estar, assistindo ao desenho Bob Esponja com Dave.

– Pegue sua roupa de banho e me encontre lá no quintal em dez minutos.

– Hum... por quê?

– Porque é nosso dia de folga e precisamos conversar e sair desta casa.

Remy havia vencido nas duas últimas semana e estava claramente acertando o passo no momento certo.

– Você não me deve nada.

– Vá se trocar. O tempo está passando – disse ele.

Staci não tinha certeza se sair com ele era uma boa ideia, mas ignorá-lo também não estava exatamente funcionando para ela. Ela se levantou e foi trocar de roupa. Vestiu o biquíni preto e colocou um short jeans por cima. Pegou os óculos de sol e calçou os chinelos antes de sair para encontrar Remy.

Ele havia trocado suas roupas por uma bermuda de náilon azul, e estava sem camisa. Ai, o sujeito era todo definido. Os músculos do peito atraíram a atenção de Staci, e ela não queria desviar o olhar. Era a primeira vez que via o peito dele. Ela o havia tocado, verdade, mas só agora estava vendo bem como era. E compreendia por que ele dissera que, na próxima vez que fizessem amor, seria em uma cama. Ela também queria a oportunidade de explorar o corpo dele.

Remy olhou para Staci quando esta se aproximou, o olhar passando por todo o corpo dela.

– Pronta?

– Sim – respondeu ela. – O que vamos fazer?

– Você vai ver. Providencie para que fôssemos velejar.

– Não sou tão versada assim em barcos.

– Tudo bem. Contratei uma tripulação.

– Você pode pagar por algo assim? – perguntou ela.

– Deixe que eu me preocupe com isso – disse ele. Quando chegaram à praia, Remy a guiou em direção ao píer onde havia uma boa quantidade de iates atracados. De repente, ela estava se sentindo um pouco desnuda só com o short e a parte de cima do biquíni, mas Remy lhe segurou a mão e a levou até um enorme iate.

Ele a ajudou a subir a bordo e indicou o banco acolchoado nos fundos do barco.

– Já vou ficar aí com você.

– Hum... Para onde vamos? – perguntou ela.

– Para outro mundo – respondeu ele, desaparecendo no convés inferior. Ela se sentou onde ele havia indicado e tentou relaxar. Foi mais complicado do que esperava porque ela estava insegura em relação ao que Remy pretendia.

Ele mantivera segredo por semanas, agora eles estavam em um iate luxuoso. Staci pegou o celular e mandou um torpedo para Alysse.

Staci: Vc nunca vai adivinhar onde estou.

Alysse: Onde?

Staci: Num iate... com Remy. Isso eh um erro? Diga-me pra pular e nadar de volta ate a costa.

Alysse: Ha. Fique e aproveite o tempo com ele. A competicao esta começando a esquentar, e se ele estah te cortejando eh pq deve gostar de vc.

Staci: Estou com medo.

Alysse: Homens sao assim. Lembra do medo que senti de confiar no Jay?

Sim, mas Jay amava Alysse. Jay havia retornado à cidade para conquistar o coração da amiga e construir uma vida nova com ela. Aquilo era totalmente diferente. Staci ouviu passos e olhou para cima, vendo Remy se aproximando com uma taça de champanhe em cada mão.

Staci: Falo com vc depois.

Alysse: Como eu disse, relaxe e aproveite.

STACI DUVIDAVA que isso fosse acontecer. Ela deixaria que as palavras de Vivian e a própria relutância natural tomassem conta, e sabia que ia ser difícil ficar tranquila perto de Remy. Ela não sabia se ele estava sendo sincero, embora parecesse que sim. Mas ela nunca tivera um radar muito bom para julgar quando um homem estava mentindo.

Staci colocou o celular na bolsa quando Remy se sentou ao lado dela e lhe entregou o champanhe.

– Estou vendo que deveríamos ter nos vestido mais formalmente, mas eu não queria estragar a surpresa.

– E qual exatamente é essa surpresa? – perguntou ela quando os motores do barco foram ligados.

– Um dia no mar, só nós dois. Tomei a liberdade de assegurar a permissão com Jack para que nós dois pudéssemos ficar fora até as 22h.

– O dia inteiro no mar? – indagou ela.

– Pensei que poderíamos nadar e tomar banho de sol. E simplesmente ter uma oportunidade de nos conhecermos melhor fora da casa. Uma chance de tirar uma folga sem pensar no concurso – disse ele.

– Você sabe que as águas no Pacífico são geladas, ao contrário do Golfo do México – advertiu ela.

– Sei. Eu trouxe roupas de mergulho para nós dois. Você já praticou pesca submarina? – perguntou ele.

– Não. Você já?

– Sim. Nas Bahamas, com meu avô. Eu gostaria de mostrar a você como é – disse ele.

Quem está na chuva é para se molhar.

– Por que não? Considerando o jeito como tenho cozinhado, eu poderia ser mandada para casa na semana que vem, e aí eu nunca mais veria você, certo?

– Pelo menos, não até o fim do concurso. Não consigo pensar em como será depois disso, mas sei que quero aproveitar todos os momentos com você – disse ele. – E acho que você quer a mesma coisa. É por isso que ignorar um ao outro não está funcionando para a gente. Precisamos prestar atenção a essa parte de nós. Você está constantemente na minha cabeça, e meu corpo anseia pelo seu, *ma chère*.

– Você parece ter feito um bom trabalho ignorando seus desejos e cozinhando muito bem – comentou ela.

– Isso é uma ilusão – disse ele. – Senti sua falta.

Staci não sabia o que responder. Um lado dela sentira saudade dele também, mas ela realmente estava atribulada. Toda sua energia ou ia para a cozinha ou para o ato de ignorá-lo. Talvez ele estivesse certo sobre o motivo de não estar funcionando.

Ele lhe entregou a taça de champanhe e então ergueu a ela.

– Aos recomeços.

– Aos recomeços – disse ela, bebendo um gole enquanto eles navegavam para mais longe da costa.

– Para onde exatamente estamos indo?

– Confie em mim – disse ele. – O capitão disse que temos um trajeto de 30 minutos até onde vamos tentar pescar. Por que não aproveitamos para tomar banho de sol?

– Tudo bem, mas está bom assim.

– Sim, está, mas quero ver seu corpo todo – disse ele.

– Meu corpo todo? – perguntou ela, percebendo que ele estava se referindo ao short jeans. – E talvez me ajudar a passar o filtro solar?

Ele riu.

– Sou previsível, não sou?

– Um pouco.

– É verdade que gosto da ideia de passar minhas mãos pelas suas curvas. Você precisa relaxar. Eu nunca vi ninguém mais tensa do que você a cada dia que passa.

– Estou lutando para encontrar o equilíbrio. E é difícil ter que ficar sempre alerta em volta de todos aqueles concorrentes.

– Você sente falta de sua colega de quarto? – perguntou ele.

Recentemente, Vivian havia sido a oitava participante a ser mandada para casa.

– Sinto. Ela era divertida, e eu podia contar com ela para melhorar o clima. Não estou ansiosa para ficar solitária em meu quarto.

– Se esta tarde fluir bem, talvez eu peça para ser seu novo colega de quarto.

– Você não vai fazer isso. Não quero que façam fofocas a meu respeito.

– Por que a fofoca te incomoda tanto? – perguntou ele. – Essa é a segunda vez que você menciona isso.

– Incomoda todo mundo. Ninguém quer ouvir o próprio nome sendo cochichado pelas suas costas.

– Não estamos fazendo nada errado – disse ele.

– Eu sei. Mas eu preferiria manter isso em particular – justificou ela. – Entre nós. – Staci não podia

evitar senão admitir que, se por algum motivo seu histórico com homens fosse válido e Remy terminasse partindo seu coração, ela não iria querer que o elenco do *Premier Chef* soubesse que ela havia sido queimada pelo amor. De novo.

CAPÍTULO NOVE

REMY PRECISAVA de uma folga da competição intensa, mas também precisava de tempo a sós com Staci. Ele estava fazendo seu melhor na cozinha, embora aquilo se devesse mais ao fato de ela fazê-lo feliz. Ela o fazia querer ser um homem melhor e um *chef* melhor. Ele apreciava os momentos que passavam juntos.

Assim como no desafio-relâmpago, quando as mãos de ambos se roçaram ao tentar pegar o mesmo punhado de manjerição. Ou quando ele encontrou o olhar dela quando ela se virou para colocar uma panela sobre o fogão. Ou em um milhão de pequenas situações que não foram o suficiente para ele. Ele queria testar se apenas o fato de não poder tê-la é que estava tornando tudo a respeito dela tão encantador.

E esse dia começaria agora. Remy teve que usar seu cartão de crédito para agendar o iate, e embora não gostasse da ideia de deixar uma pista para que seus pais o seguissem e talvez o encontrassem, ele precisava fazer aquilo para si e para Staci. Queria mostrar que era mais do que um *chef* desempregado, e aquele tipo de dia era algo que ele podia oferecer a ela.

Staci se esticou em uma das espreguiçadeiras para se bronzear, e ele ficou ao lado dela, as mãos formigando enquanto ele morria de expectativa para lhe tocar as costas. Ela lhe entregou o filtro solar, mas tudo o que ele conseguiu fazer foi encará-la. A calcinha do biquíni preto lhe envolvendo a curva do bumbum acenava para ele. Remy sentou-se ao lado dela, no banco, passando a mão na perna esquerda dela. Ela se apoiou nos cotovelos e olhou para ele por cima do ombro.

– Não senti nenhum creme aí – disse ela.

– Minhas mãos estão muito ásperas? Eu sei que tenho calos e cicatrizes. Você deveria ser tocada por algo tão macio quanto você – disse ele.

– Suas mãos estão ótimas. Estou brincando com você. Toque-me se desejar. Mas assim vou me queimar, você precisa passar um pouco de filtro solar.

– Vou me certificar para que tudo seja coberto – falou ele.

– Agradeça por ter uma pele morena. Quem me dera ter também. Sou tão pálida. Eu poderia ficar horas sob o sol e não ganhar nenhuma cor diferente do vermelho.

Remy sorriu para ela. Ele não mudaria nada no corpo dela. A pele alva e macia era parte de Staci. Ele colocou creme nas mãos e o aqueceu, esfregando as mãos, uma na outra, e então passou uma das mãos na perna esquerda dela. Começou na curva do bumbum e então desceu lentamente até a coxa. Ela riu quando ele chegou atrás do joelho.

– Cócegas?

– Normalmente não sinto cócegas aí. Acho que estou nervosa por você estar me tocando enquanto estou deitada aqui.

– Certamente você deve ter alguma fantasia sobre ser massageada por um homem que coloca seu prazer na frente do dele – disse Remy. Ele estava fantasiando sobre ser tal homem para ela.

– Bem, sim, mas é o que você está fazendo?

– Sim, estou. Eu te disse que o sexo que fizemos foi legal, mas me deixou ávido por mais. Eu ainda não conheço seu corpo. – Ele continuou movimentando a mão em pequenos círculos atrás do joelho dela. Ela se virou levemente para encará-lo.

– Eu também não conheço você – disse ela.

– Prometo que vai conhecer. – Era impossível conhecer uma mulher do jeito que ele necessitava conhecê-la sem revelar, ao menos, alguma coisa sobre si. E embora estivesse vivendo uma mentira, sabia que desejava que ela o conhecesse. Precisava daquele tipo de honestidade sexual entre eles agora e, suspeitava, no futuro também.

– Tudo bem, vou me deitar aqui e deixar que você seja meu massagista particular.

– Perfeito – disse ele. Colocou mais creme nas mãos e concluiu os movimentos lentos pela perna dela. Levou um minuto massageando a panturrilha, sabendo que o fato de ela passar o dia todo em pé devia causar dor naqueles músculos. Não era uma suposição; ele sentia a mesma dor nas pernas ao fim de um longo dia cozinhando.

– Isso é gostoso – disse ela. – No ano passado, no Natal, Alysse e eu fomos para um spa no Hotel Coronado e recebemos massagens...

– Como estou me saindo? – perguntou ele, deixando as mãos deslizarem entre as pernas e seguirem até o ápice das coxas.

– Você é um pouco mais... íntimo – disse ela.

– Espero que sim – falou, não gostando nada da ideia de outro homem colocar as mãos nela. Sabia que aquele ciúme não era nobre e tentou afastá-lo, mas é que queria que Staci fosse dele. E só dele.

Havia algo em Staci que o fazia ser possessivo. Talvez o fato de ele estar longe do Gastrophile, que consumia todos os segundos de sua vida quando ele estava em casa. Ou talvez fosse simplesmente Staci. Ele a conhecia há muito pouco tempo para definir se era aquilo. Só sabia que havia algo a respeito dela que havia lhe fisgado.

Remy passou mais creme na outra mão, começando no topo da coxa direita e descendo lentamente até os pés. Staci tinha pés pequenos. E unhas delicadamente pintadas. Ele ergueu a perna dela e esfregou filtro solar em cada pé antes de retornar, acariciando pernas acima. Admitiu para si que aquela carícia era para ele mesmo, mas percebeu que ela se movimentou levemente, entreabrindo as pernas, e supôs que ela estivesse gostando do toque dele também.

– Vou passar nas suas costas, e aí você vira e eu passo na frente – disse ele.

– U-hum... Hum...

Ele não soube dizer se ela havia murmurado porque estava sonolenta ou se era a simples satisfação por estar sendo tocada. Pôs mais creme nas mãos e começou perto do cós do biquíni, nas costas. Abriu os dedos e foi fazendo pequenos círculos até em cima. Notou que uma de suas mãos era da medida da cintura dela.

Havia uma pequena marca no meio das costas, logo acima da cintura, e Remy se inclinou para mais perto para verificar a manchinha vermelha, como um morango, passando as mãos em cima sem parar.

Algum tipo de marca de nascença, pensou ele.

– A única parte das minhas costas que tem cor – disse ela. – Não posso usar vestidos de decote baixo nas costas.

– Por que não?

– Todo mundo sempre acha que tenho alguma coisa nas costas – disse ela.

– Todo mundo ou todos os homens? – perguntou ele, sabendo que se a visse usando um vestido colante e notasse uma marca em suas costas ele ficaria desesperado para tocar a marquinha e ela.

Ela pensou no assunto e então deu de ombros.

– Principalmente homens.

– Sim, eles querem tocar você, *ma chère*.

– Eu não deixo – disse ela. Havia algo de muito reservado a respeito de Staci. Remy imaginou que talvez fosse porque ela não deixava as pessoas entrarem muito facilmente. Ele queria poder entrar ali, pensou.

– Fico feliz com isso – disse ele, e falava sério.

Ele acariciou ao longo da espinha, tomando o cuidado de não esfregar com muita força. Finalmente chegou ao fecho do biquíni e o abriu habilmente enquanto continuava a lhe massagear as costas. Ele realmente gostava de tocá-la. Não conseguia acreditar que haviam feito amor e que aquela era a primeira vez que ele estava vendo suas lindas costas e realmente se deleitando enquanto a tocava.

– Hum... O que você está fazendo?

Ficando excitado, pensou ele, remexendo as pernas enquanto a ereção crescia.

– Certificando-me de que você não vai se queimar – respondeu. – Seu sutiã poderia mudar de lugar enquanto você está deitada aí, e eu dei minha palavra de que não deixaria você ficar queimada.

– Sim, você deu – falou ela. – Sua palavra é tão importante assim para você?

Ele mudou de posição de modo que pudesse ver os olhos dela, porque chegaria o dia em que ela duvidaria dele, embora sua palavra significasse tudo para ele.

– Sim, é.

Ela o encarou atentamente e então esticou a mão para tocar o lábio dele com o dedo indicador, trilhando o contorno da boca.

– Quero acreditar em tudo o que você diz, mas é difícil, Remy. Não é que não consigo confiar em você... Não consigo confiar em mim.

POR ALGUM motivo, Staci confiava, sim, em Remy. Talvez fosse o jeito como ele parecia levar tudo na esportiva ou talvez fosse o fato de até agora ele não ter sido desonesto com ela. Ou talvez fossem aqueles sentimentos estúpidos em seu estômago que a faziam querer acreditar que ele realmente se importava com ela.

Ela sabia que era cedo demais para amar. Mas também sabia que estava mentindo para si. Nunca havia se sentido daquele jeito. E talvez fosse por isso estivesse cozinhando mal. Staci só conseguia pensar em Remy.

As mãos nas costas dela a estavam excitando, mas na verdade ele apenas estava alimentando um fogo que já estava latente. Um fogo que vinha crescendo a cada toque sutil na cozinha do *Premier Chef*. Todas as noites, quando ele adentrava os sonhos dela. Todas as manhãs, quando ela o via durante o café e se arrependia por não terem passado a noite nos braços um do outro.

As mãos dele se movimentavam suavemente sobre as costas dela, até as laterais, os dedos grandes acariciando nas laterais dos seios, massageando gentilmente, mas de jeito nenhum que ela poderia confundi-lo com um massagista profissional, e ambos sabiam disso. Staci saboreava cada segundo íntimo daquilo. Até se lembrar de que havia algo em Remy bom demais para ser verdade. Ela queria acreditar nele... realmente não havia nada no mundo que desejasse mais.

Quando ele escorregou as mãos pelos ombros dela e amassou com os dedos, ela fechou os olhos e desejou que seu passado não existisse.

– Você está tensionando.

– Desculpe.

– Em quê você está pensando? – perguntou ele.

– Que você não pode ser real. Até agora, você não fez nada de errado – falou ela.

– Eu perdi nas duas primeiras rodadas do concurso – disse ele.

– Não na competição – disse ela. Mas talvez aquilo fosse tudo no qual ela devesse estar pensando.

Estava claro que a mente dele não estava, de fato, naquela tarde tranquila longe do programa. Embora o sol estivesse quente e o toque nas costas dela mais quente ainda, Staci sentiu um arrepio de frio invadi-la.

– Ah. Bem, neste caso, eu não teria dormido com você naquela primeira noite. Eu teria esperado até agora, assim poderia conhecer você de verdade.

– Isso não foi um equívoco. Eu quis que você dormisse comigo.

– Eu sei disso, mas ao aceitar deixei você acreditar que sou como todos os outros homens que você já conheceu. Acabei dificultando mais para que nos conhecêssemos. Relaxe e deixe-me compensar isto para você.

Ela queria relaxar. Finalmente, Staci simplesmente ignorou sua consciência incômoda. Iria aproveitar aquele momento com Remy. Mesmo que ele acabasse se revelando um sapo de duas caras depois, ela aproveitaria aquele momentos. E os estimaria. Nenhum homem nunca havia feito aquilo para ela. Nenhum homem havia cozinhado para ela. Nenhum homem a havia tratado do jeito como Remy a tratava.

Aquilo tinha que significar alguma coisa. Ela sentiu algo quente e úmido lhe provocando o pescoço e percebeu que ele a estava beijando. Sentiu o arrepio se expandir a partir do local onde ele estava mordiscando, bem no ombro. Os seios inflaram, e os mamilos enrijeceram.

Ela sentiu a boca de Remy seguindo o mesmo caminho que as mãos dele haviam percorrido. Ele se demorou sobre as escápulas e então a incitou a colocar os braços acima da cabeça. Ficou por cima dela, e ela sentiu o peito dele sobre suas costas.

Então sentiu o calor delicado do hálito dele. Ele tocou a curva do seio. A outra mão lhe acariciava o mamilo. Staci se remexeu, e a mão dele deslizou até o quadril dela, em um dos lados.

Lentamente, a boca dele deixou uma trilha de beijos mordiscados.

– Você é tão linda, *ma chère*. Eu amo tocar você.

Ela queria dizer que amava ser tocada por ele, mas as palavras ficaram presas na garganta. No fim das contas, não queria revelar o que sentia. Estava com mais medo dele naquele instante do que jamais tivera em qualquer outro. Havia algo de assustador em permitir que ele notasse o quanto a afetava. Staci não queria que Remy soubesse que tinha esse tipo de poder sobre ela. Mas ela sabia que, muito provavelmente, estava mais do que tarde para cessá-lo.

Ele beijou a lateral do seio direito e repetiu aquela coisa de passar os dedos debaixo do corpo dela e

sobre o mamilo. Ela gemeu o nome dele. Esperando parecer indiferente, mas sabendo que não tinha jeito de esconder a reação do corpo a ele, especialmente quando ele acariciou docemente entre as pernas dela.

Staci estava determinada a parecer tranquila e sob controle, embora soubesse que não estava nada tranquila. Ela estava crepitando sob o sol de verão. E não havia nada capaz de fazê-la esfriar.

Quando Remy chegou aos pés dela, lambeu o arco de um pé e então outro antes de voltar a subir e acariciar na parte interna das pernas. Ai, Deus, a boca dele estava se aproximando de seu centro feminino, e tudo dentro dela se contraiu. Temerosa pelo que ele poderia não fazer ou pelos lugares que ele poderia não explorar.

Ele deixou um beijo bem em seu núcleo da feminilidade, e começou a jornada perna abaixo.

Staci estava uma pilha de nervos trêmulos e quase não percebeu quando ele pôs as mãos em sua cintura e a rolou para se deitar de costas.

– Acho que já nos certificamos de que você não vai ganhar queimaduras nas costas... agora vamos nos certificar de que a frente está bem.

– Você está levando isso muito a sério – disse ela, nada surpresa por sua voz ter soado baixa e rouca.

– Esse é o tipo de homem que sou. Está gostando da sua massagem até agora? – perguntou ele.

Ela tentou parecer calma quando deu de ombros, mas o tecido do biquíni desamarrado começou a escorregar, e ela precisou agarrá-lo.

– Está boa.

Ele sorriu para ela.

– Fico feliz com isso.

Ele pôs filtro solar nas mãos e recomeçou pelo topo da coxa até os pés. Desta vez, foi pior porque Staci conseguia ver o rosto dele enquanto lhe tocava o corpo. Remy parecia se deleitar em cada centímetro da pele dela. E havia um lado dela que sabia que ela nunca se esqueceria daquele olhar dele.

Era fácil acreditar que ele estava tão envolvido quanto ela, exceto pelo jeito extasiado com o qual ele olhava seu corpo. Remy olhou para cima e a flagrou encarando-o.

– O que foi?

– Eu só não acreditava que você realmente me desejasse... Refiro-me a um modo mais do que sexual até então. Qualquer outro sujeito estaria atrás da própria satisfação, mas você não.

– Ah, pretendo me satisfazer e muito mais, mas você é um mistério para mim, *ma chère*, e não vou apressar nada em relação a você.

REMY NORMALMENTE não era um amante paciente. Foi aí que ele se deu conta de que aquilo não era nada parecido com aquelas paixões de verão que ele tivera no passado. Sim, ele estava longe de sua vida normal e sob o sol. Mas Staci era a mulher deitada diante dele. Ele nunca desejara uma mulher mais do que ela. O gosto de Staci estava nos lábios dele, a marca do corpo dela estava nos dedos dele, e ele queria arrancar aquele pequeno sutiã do biquíni e se enterrar dentro dela.

Ela o encarou com aqueles olhos acinzentados, e ele soube que não queria decepcioná-la de jeito algum. Havia vulnerabilidade no olhar dela, e Remy sabia que ela odiaria se soubesse que estava exposta ali.

Ele pôs as mãos na cintura dela e se abaixou para beijá-la, porque não queria encarar aquele olhar límpido por mais um segundo. Demorou-se sobre a boca de Staci. Lentamente, passou a língua sobre os lábios e dentes dela e provou os recônditos de sua boca. O sabor dela era viciante. Ele não conseguia imaginar uma época na qual não desejaria poder prová-la. Precisava dela do mesmo jeito que um moribundo necessitava respirar.

As mãos dela subiram para o ombro dele, e Staci se agarrou a ele enquanto as línguas de ambos duelava e o corpo dela arqueava de encontro ao dele. Remy estava pronto para ela, pronto para possuí-la, porém tinha falado sério quando dissera que queria que estivessem em uma cama na próxima vez que fizessem amor, então ergueu a cabeça e se pôs de pé.

– Acho que já tomamos sol o suficiente por enquanto – disse ele, a voz brusca, a mente repleta de imagens de ambos entrelaçados na cama enorme da cabine lá embaixo. Ele havia se certificado de que tudo estivesse pronto para eles antes de zarparem da marina. Quando fizesse amor com ela, queria que tudo estivesse perfeito.

Staci assentiu, mordiscando o lábio. Remy quis gemer e não conseguiu evitar senão roubar mais um beijo profundo. Havia algo naquela mulher do qual ele não conseguia se cansar.

– Definitivamente, sol suficiente.

Ele a ergueu no braços. Staci era tão pequenina que ele a carregou facilmente pelo convés, descendo as poucas escadas que levavam à cabine. Fechou a porta detrás de si e pousou Staci no meio da cama queen. A luz entrava através das cortinas diáfanas sobre as escotilhas.

Ela esticou os braços e pernas, permitindo que a suntuosidade do edredom de cetim lhe acariciasse a pele. O sutiã do biquíni se deslocou em torno dos seios, mostrando a Remy mais daqueles globos alvos que ele desejava tocar. Staci percebeu que os olhos dele se fixaram aos seios dela e tomou a iniciativa de desatar o nó detrás do pescoço.

– Gosta do que vê? – perguntou ela. A franja negra e espessa caindo em uma onda pesada sobre os olhos dela.

– Você sabe que gosto – disse ele.

O tecido ainda estava lá, apenas embolado em cima dela, e ele retirou o próprio short, libertando sua ereção. Notou que o olhar dela trilhou seu corpo e parou sobre sua masculinidade. Remy segurou os tornozelos dela e lhe abriu as pernas antes de posicionar um joelho entre elas. Segurou a calcinha do biquíni e puxou pernas abaixo, atirando-a no chão, ao lado de seu short. Então começou a beijar as pernas de Staci outra vez, começando pelos pés desta vez.

Remy desejava ir tão lentamente quanto fizera no convés superior, mas o corpo dele tinha outros planos. Ele gostava de preliminares porque, quanto mais atrasasse a chegada ao ápice de ambos, mais intenso seria quando ele finalmente estivesse dentro do corpo dela. Mas era Staci ali, e ele sentia que fazia séculos desde a última vez em que a tivera em seus braços.

Quando ele chegou ao topo das coxas dela, acomodou-se entre as pernas e entreabriu sua carne íntima. Com a língua, pincelou o botão intumescido enquanto ela arqueava os quadris de encontro ao toque dele. Continuou pincelando com sua língua sem parar, até ela agarrá-lo. O sabor era apimentado, e ele não enjoava dela. Ele provocou e instigou seu centro até sentir os quadris de Staci se movimentando mais rapidamente e os calcanhares dela enterrados na colcha quando o orgasmo a atingiu.

Ele estava tão excitado que se sentia prestes a explodir, e quando Staci esticou o braço e tomou o membro em uma das mãos, Remy quase explodiu de fato. Ele tirou a mão dela dali e pôs o braço dela

acima da cabeça.

Ele retirou o sutiã do biquíni e revelou os mamilos rosados rijos. Os seios dela eram pequenos, porém curvilíneos. Combinavam com o tipo físico mingon dela. Ele roçou os quadris sobre os dela, fazendo com que a ponta de sua masculinidade se acomodasse dentro de Staci enquanto ele sugava um mamilo. Ele girou a língua sobre a carne inchada, até ela erguer os ombros e cravar as mãos no cabelo dele para segurar sua cabeça junto aos seios.

Staci entoou o nome dele num sussurro, as palavras eram música para os ouvidos de Remy, inflamando o desejo dele e o levando ao limite. Ele mal conseguia se segurar enquanto se movimentava para beijar e sugar o outro seio.

Ela entrelaçou os dedos no cabelo dele, mas ele não iria se apressar. Agora que o fim estava tão próximo, Remy queria que Staci aproveitasse cada segundo. Desta vez, parecia mais real do que o sexo apressado na varanda. Ele estava esperando por isto desde que a conheceu.

Remy parou para olhar Staci. Os lábios dela estavam entreabertos, os olhos, semicerrados. As mãos estavam jogadas com abandono acima da cabeça, e a pele, coberta por um rubor rosa-escuro. Ele memorizou a imagem naquele instante, antes de investir uma última vez dentro dela.

Staci gemeu quando atingiram o clímax juntos. Ela dobrou as pernas em torno da cintura dele e o manteve enterrado dentro de si.

Remy queria dar a Staci tudo o que possuía. E percebeu que ela era mais importante para ele do que qualquer outra mulher com quem já havia estado.

Ele rolou para o lado, mantendo os corpos juntos, porém evitando que seu peso a esmagasse. Uma sensação de paz e conforto o dominou, embora soubesse que não iria durar, porque, não importava o que ele estivesse tentando dizer a si, aquilo não era real. Remy não era nem mesmo o homem que Staci pensava que era.

CAPÍTULO DEZ

STACI SE espreguiçou, rolou e se encolheu de encontro a Remy. Não havia qualquer confusão a respeito de onde ela estava ou com quem estava. E pela primeira vez desde que foi embora de Paris, muitos anos atrás, ela sentiu como se não tivesse cometido um erro ao confiar em um homem. Aconchegou-se mais junto dele, inalado o perfume amadeirado da loção pós-barba, o cheiro duradouro da brisa do mar na pele dele e a fragrância sutil de sexo.

Ele a apertou com força e esfregou a mão nas costas dela em uma carícia demorada e lânguida. Ocorreu a Staci que se eles ficassem ali no mar pelo restante de suas vidas, tudo ficaria bem. Eles só tinham problemas quando estavam cercados pelos outros. Mas a avó dela sempre a alertara a respeito de se esconder da verdade.

Havia um motivo para Staci querer se esconder e era... ela não sabia. Talvez estivesse com medo ou apegada demais a Remy. Talvez não quisesse que ele soubesse que era capaz de fazê-la se sentir tão bem quanto fazia. Porque ela ainda tinha medo de confiar nele de verdade. Podia estar se sentindo bem agora, mas sua mente estava ativa, e as dúvidas começavam a vir à tona.

A tensão se instalou e lhe roubou a luz do sol com a mesma certeza que as nuvens faziam em um dia de verão.

– Em que está pensando?

– Em levantar – disse ela, porque era a resposta mais segura.

– Ah, claro. Venha cá... em quê está pensando de verdade? Você me deve isso.

Ela percebeu que ele estava certo. Só não estava muito segura se podia contar a ele. Simplesmente não sabia se podia jogar suas malas à porta dele e ser a mulher que poderia fazer um relacionamento com Remy funcionar.

– Se você pudesse ver seu rosto agora – disse ele.

– O que eu veria? – perguntou ela.

– Uma mulher que está com medo.

Exatamente o que ela temia, mas Staci sempre soubera que não sabia disfarçar suas expressões. Ela não conseguia ser falsa com as pessoas uma vez que começasse a se importar com elas. E por mais que quisesse negar, ela se importava com Remy.

– Eu fico rodando e sempre volto ao mesmo ponto na coisa de confiar em você – disse ela. – Mas agora eu preciso me proteger...

– Não, não precisa. Estamos nisso juntos, você e eu. Não precisamos nos proteger um do outro.

Ela puxou o lençol junto ao corpo quando se sentou ao lado dele. Enfiando o cabelo atrás das orelhas, o encarou com olhos semicerrados.

– Só posso presumir que você nunca teve um coração partido.

Ele deu de ombros daquele jeito gaulês dele, e não era tão charmoso vê-lo tendo uma atitude casual quando ela estava sentindo tudo de forma tão intensa.

– Eu costumo manter as coisas casuais, porque é meu jeito de ser. Meu trabalho exige demais de mim.

– Sim, mas você está na entressafra agora. Então por que manter as coisas tão discretas desta vez? – perguntou ela.

– Estamos longe de casa, é um lugar diferente – explicou ele. – Não é a norma.

Ela arqueou as sobrancelhas, e ele sacudiu um dedo para ela.

– Não fique brava. Você sabe muito bem que não teria olhado para mim se não estivéssemos aprisionados aqui. Este programa está nos dando um alívio da nossa rotina. É sua oportunidade para confiar em um homem e a minha para desacelerar.

– O que vai acontecer quando esse alívio terminar? – indagou ela, temendo já saber a resposta. Remy era o tipo de cara que sabia seguir em frente. Ela precisava se lembrar das palavras dele. Eles não estavam no mundo real agora. Ela não podia se apaixonar por um homem que estava tirando férias de sua vida.

– Eu não sei, *ma chère*. Não tenho todas as respostas. Eu não esperava conhecer você ou me sentir como me sinto sobre isso tudo, mas aí está, eu querendo ou não. Se eu pudesse fugir de você, então as últimas duas semanas teriam sido uma tranquilidade total.

Ela não disse palavra.

– Para nós dois. Negar não vai mudar a verdade. Existe algo entre a gente que não podemos negar. Você sabe que é verdade, ou não teria ficado tão tensa nas últimas duas semanas.

Ele estava certo, mas ela odiava isso. Não queria que ele estivesse certo ou que aquela situação estivesse fora de seu controle. Mesmo assim estava, desde que ela tropeçara na entrada do elevador e caíra nos braços dele.

Ele a fisgou, e ela teve que se perguntar se era por isso que pensava que podia confiar nele. Se esse era o motivo real pelo qual ela queria fazer aquilo funcionar.

Ela odiava a fraqueza dentro de si que tornava impossível para ela não esperar que... bem, que aquilo iria durar.

– Vamos parar de falar sobre isso.

– Por quê? Você vai continuar ruminando o assunto, não vai?

– Sim. Mas falar sobre ele não vai ajudar em nada – disse ela.

– Vai, *ma chère*. Vai ajudar você a perceber que não está sozinha. Eu também estou inseguro – disse ele.

– Alugar um iate e me seduzir no convés ensolarado não parece inseguro para mim.

Ele a puxou para seus braços.

– Eu queria mostrar a você que sou um cara para algo além de um encontro de uma noite só.

Ela teve que rir, porque nunca havia pensado isso sobre Remy. Até mesmo a primeira vez que fizeram amor tão intensamente não sou casual. Nada soava casual com ele, e ela sabia que se não quisesse enlouquecer teria de começar a se esquecer do medo de ele não ser um homem de palavra.

Afinal, tudo o que Remy tinha feito desde que se conheceram provava a ela que ele não estava

mentindo sobre seus sentimentos.

– O que mais você tem planejado para hoje?

– Eu esperava que pudéssemos cozinhar juntos na cozinha do navio. Eu me assegurei de que teríamos utensílios top de linha. Então podemos comer no convés, sob a luz da lua, talvez dançar um pouco de rock cajun e então vou te seduzir outra vez antes de voltarmos à casa.

– Estou vendo que você planejou isso com cuidado.

– Sim – disse ele. – Eu queria... Ainda quero conhecer a mulher por trás de todas estas defesas, Staci. Eu me importo com você. Não consigo parar de pensar em você.

Ela compreendia o que ele estava dizendo. Remy estava verbalizando o que ela sentia. Staci sabia que, se baixasse a guarda, poderia aproveitar o restante de seu tempo com ele. E, para ser justa, provavelmente iria ser mais fácil para ele; ele poderia parar de se preocupar, achando que não estava fazendo jus às necessidades dela.

– Tudo bem, mas eu fico no comando da cozinha.

– Como se não tivesse feito isso antes – falou ele.

– Ha. Desta vez, você acata as ordens e age como meu *subchef* – disse ela, ficando de pé e pegando a calcinha do biquíni.

– Como desejar – falou ele.

– Até parece. Você vai me deixar achar que estou no comando, não é?

– Pode apostar – disse ele com um sorriso. – Vamos tomar um banho, eu tomei a liberdade de providenciar roupas para você.

– Providenciou? – perguntou ela. – Quem faz isso?

– Um homem que deseja impressionar a mulher dele.

A mulher dele. Ela era mesmo a mulher de Remy Stephens? Queria ser? Staci sabia que sim. E era por isso que estava elucubrando sobre tudo o que ele dizia e fazia. Ela queria que aquilo fosse real. Mais real do que seu desejo de que seu pai aparecesse, quando ela era criança. Mas de certo modo era errado que um homem ainda tivesse a chave para a felicidade dela, por isso tinha medo de que ele visse o quanto significava para ela.

– Bem, estou impressionada – disse Staci. – Vamos tomar banho juntos?

– Não, vou deixar que você vá primeiro. Preciso falar com o capitão e avisar a ele que não vamos pescar – falou ele.

– Duvido que em algum momento você tenha tido a intenção real de pescar – retrucou ela.

– Por quê?

– Acho que você só disse isso para eu não ficar me perguntando se você iria armar para mim.

– Você está certa. Eu queria que você relaxasse. Acho que me saí bem.

Ele fizera muito bem.

– Obrigada, Remy.

– Pelo quê?

– Pela massagem, pela compreensão. Eu sei que tem sido complicado...

– Nada que vale a pena vem facilmente – disse ele antes de vestir o short e sair da cabine.

STACI RECUPERAVA o equilíbrio na cozinha enquanto Remy tomava banho. Ela picava legumes, deixando o som da faca na tábua acalmá-la. O capitão e a tripulação ainda estavam fora de sua vista, o

que Staci agradecia verdadeiramente. Ela se sentia crua e exposta depois de fazer amor com Remy, e precisava se recompor.

Estava acostumada a sempre ser a pessoa forte, aquela durona que sempre fazia todo mundo se sentir melhor. Até mesmo Alysse permitia que ela fosse a durona. Era ela que sempre lidava com os funcionários difíceis das agências de crédito à pequena empresa, com os clientes excessivamente zelosos e, certa vez, lidara até mesmo com um suposto arrombador na loja.

Mas naquele momento, ela se sentia totalmente incapaz de fazer qualquer coisa senão trabalhar na cozinha.

– O que posso fazer? – perguntou Remy quando entrou e parou ao lado dela.

Ele usava calça jeans e uma camisa branca de linho cuja gola estava desabotoada. O cabelo ainda estava úmido do banho, e o linho branco deixava o tom de pele dele ainda mais moreno. Vendo-o agora, Staci se perguntava como um homem tão organizado e bem-sucedido como Remy poderia estar desempregado. Ele se assemelhava mais a um abonado dono de restaurante.

– Eu não tinha muita certeza do que íamos cozinhar, então estou simplesmente picando os legumes – disse ela. – Já fiz alguns cupcakes para a sobremesa... estão no forno, assando.

– Garota do Cupcake, estou lisonjeado – disse ele, e deu um beijo no pescoço dela. – Vire para cá para eu saber se o vestido que comprei fica tão adorável em você quanto ficou na modelo.

Ela largou a faca. Achava que aquilo também era parte do problema. Normalmente vestia jeans e uma camiseta. O vestido era um modelo simples de verão amarrado na nuca. A saia batia nos joelhos e não era rodada ou fluida, algo que teria feito a estrutura pequena dela parecer menor ainda. Ele havia escolhido bem, pensou ela. Mas agora que ele estava parado ali esperando para ver como ela estava, Staci se viu nervosa.

Para o diabo com isso. Ela nunca havia sido uma pessoa tímida antes, por que estava se comportando como uma agora?

Ela se virou em direção a ele e pôs as mãos nos quadris, encarando-o de forma desafiadora.

– O que acha?

Ele inclinou a cabeça para o lado e a espiou pelo que pareceu uma eternidade.

– Linda. Mas por que você está brava?

– Não sei. Essa não sou eu. Sou uma pessoa de jeans, não de vestidos chiques. E esse lugar é legal, mas fora da minha zona de conforto.

– Desculpe. Pensei que você fosse gostar de tirar uma folga de tudo.

– A casa em Malibu também é assim. Sinto como se isso fosse somente mais uma ilusão – disse. Sabendo que estava se referindo aos próprios sentimentos. Havia algo dentro dela que estava tão amedrontado e tão inseguro. E todos os movimentos de Remy apenas faziam reforçar o quanto ela estava fora de controle.

– Isto é real – disse ele. – Embora eu esteja desempregado agora, eu tenho dinheiro.

Aquilo a deteve. Ainda que fizesse perfeito sentido. Ele ficava totalmente confortável em qualquer situação. Era algo que ela havia notado em seus amigos ricos.

– Ah, tudo bem.

– Staci, nós vamos nos conhecer lentamente, em passos cuidadosamente medidos. Você e eu estamos criando um novo prato, e toda vez que fizermos algo certo ou tentarmos passar para o ingrediente seguinte, vamos ter que reajustar o tempero.

Ela concordou.

– Não sou rica, mas o negócio dos cupcakes tem sido próspero para mim e para Alysse. Temos um investidor interessado em transformar a Sweet Dreams em uma cadeia de lojas. Se isso acontecer, nós duas ficaremos milionárias.

– Bom saber. Você vai expandir?

Staci deu de ombros.

– Não tenho certeza. Tenho cogitado fazer outras coisas, mas nós duas estamos tão acostumadas à confeitaria... o que nós duas faríamos sem a Sweet Dreams?

– Tenho certeza de que qualquer investidor adoraria se vocês duas continuassem trabalhando lá – disse ele, se aproximando dela e assumindo o corte dos legumes.

– Mas nós estaríamos trabalhando para outra pessoa. Isso não parece certo.

Ele riu, e ela retribuiu o sorriso.

– Eu sei que sou mandona, o que posso dizer?

Eles trabalharam juntos, preparando um quiabo com frutos do mar que ela ficou morrendo de vontade de experimentar e que, com o toque dado por ele, ela achou muito gostoso. Quando os cupcakes esfriaram, ela os colocou sobre o balcão, ao lado do glacê que havia preparado.

– Então nós podemos decorar o próprio cupcake ou decorar um para o outro – disse ela.

– Eu voto em um para o outro. O que temos aqui?

– Creme de manteiga, fondant, açúcar colorido... o de sempre – disse ela, entregando a Remy um conjunto de espátulas.

– Vai ter algum tema? – perguntou ele.

– Acho que você está no *Premier Chef* há tempo demais. É um jantar de namorados, Garoto Sulista. Você faz o que quiser – disse ela.

– Você está certa. Tudo bem, prepare-se para ser surpreendida – disse ele.

– Eu fui surpreendida o dia todo – admitiu ela. – Acho que estava tão amuada antes porque pensei que decifraria você, mas mais uma vez você me fez reavaliar suas atitudes.

– Ótimo – disse ele. – Você ainda é um grande mistério para mim, *ma chère*. Não importa o quanto eu pense que te conheço, continuo percebendo que não a conheço o suficiente.

Ela estava feliz por isso. Não queria achar que Remy havia descoberto muitos de seus segredos. Havia partes dela que até mesmo ela não queria conhecer. Cada um pegou um cupcake na bancada e se sentou em lados opostos. Ela trabalhava com o corante alimentício e diferentes coberturas para criar uma imagem de Remy em cima do cupcake. Havia ganhado diversos prêmios por seus desenhos artísticos e achava que ele ficaria impressionado. Ela usou uma tigela emborcada para esconder o cupcake, assim ele não poderia ver o produto final até a hora da sobremesa.

Remy pegou outra tigela e colocou seu cupcake embaixo. Foi difícil, mas Staci resistiu à tentação de espia-lo por diversas vezes enquanto ele estava trabalhando. Finalmente eles limparam a cozinha. O relógio de Remy despertou, e ele olhou para o pulso.

– Está quase na hora. Vou pedir à equipe para terminar de preparar nosso jantar e levá-lo ao convés enquanto bebemos drinques e vemos o sol se pôr.

– Parece ótimo – disse ela. E foi. Tudo o que Remy dizia parecia se encaixar direitinho. Logo eles estavam no convés com French Martinis nas mãos, o drink com sabor de licor de framboesa tão perfeito quando a brisa leve que os cercava.

Staci estremeceu, e Remy pôs o braço em torno do ombro dela. Eles beberam seus coquetéis enquanto o sol descia lentamente, desaparecendo além do horizonte. O convés não ficou escuro em

momento algum, pois minilâmpadas foram acesas, e ela ouviu os passos da tripulação trazendo o jantar para o convés.

Era uma refeição simples, mas Staci raramente desfrutava de uma. Remy conversou mais com ela a respeito de suas viagens e sobre as pessoas que conhecera. Mas ele fez de um jeito que não causou ciúme ou inveja. Eles conversaram sobre Paris, e Staci sentiu aquela pontada agriçoce que sempre sentia, mas que se foi assim que Remy e ela começaram a comparar seus locais e refeições favoritos lá.

Staci estava com medo de admitir até mesmo para si, mas, quando o jantar terminou e a música lenta e sensual começou, soube que estava se apaixonando por Remy. Ele a tomou nos braços e dançou com ela pelo convés, sob o luar. Ela apoiou a cabeça no ombro dele, segura de que naquela noite poderia permitir que ele visse que ela nem sempre era durona.

Claro que ela podia se permitir aproveitar o luar, o homem e as lembranças que pareciam feitas para durar para sempre. Mas como era Staci, ela não podia evitar senão se preocupar com a presença de mais uma surpresa, tal como havia ocorrido em relação ao dinheiro dele. Aquilo desgastava um pouco da felicidade, roubando um pedacinho dela. E se a próxima coisa que ela descobrisse a respeito de Remy não fosse tão agradável quanto esta?

REMY ESTAVA relutante em ir embora do iate. Ele não era um sujeito que normalmente se escondia da vida, então o dia de hoje havia sido uma mudança revigorante para o personagem que ele vinha mantendo nas últimas semanas. Mas ele também sabia que mostrar a Staci que era um homem rico era bem diferente de contar a verdade sobre quem ele era.

Ele estava fazendo todo o possível para prepará-la para a verdade, uma vez que esta viesse à tona. Quanto mais cozinhava, considerando o modo como as coisas estavam fluindo ultimamente, mais tinha certeza de que poderia vencer aquela coisa. E quando vencesse, e os episódios comesçassem a ir ao ar, o nome verdadeiro dele seria revelado.

– Obrigada pelo dia maravilhoso – disse ela, enrolando em torno dos ombros o xale de grife que Remy havia lhe dado.

– Não há de quê. – Ele se sentia tão seguro ao lado dela que, se não fosse pela mentira sobre sua identidade, já a teria levado para sua mansão no Garden District em Nova Orleans.

Mesmo que isso fosse possível, Staci não iria cegamente para onde ele quisesse. Remy admirava a força e independência dela. E um lado dele temia que aquelas seis semanas se resumissem às duas únicas que eles teriam juntos.

– Não comemos a sobremesa – disse ela.

– Você está certa. Vou pedir para trazerem o café e então podemos sentar no convés e saborear nossa sobremesa.

A tripulação levou um bule de prata de café e colocou uma xícara diante de cada um deles. Então os pratos com os cupcakes foram colocados sobre a mesa. Remy foi o primeiro a admitir que não sabia nada sobre decoração de bolos. Eles tinham um confeitiro em Gastrophile, o primo dele, Helene, que era um gênio das sobremesas, mas ele queria impressionar Staci.

Ele sempre queria impressioná-la? Havia algo nela que... ou talvez fosse algo nele e o fato de ele saber que não podia ser totalmente sincero com ela, aquilo sempre o fazia se esforçar para impressioná-la sempre.

Ela sorriu quando entregou o cupcake confeitado a ele.

– Abra.

– Tudo bem – disse ele, e então ficou sentado encarando o cupcake. Staci havia capturado a imagem dele na pequena sobremesa. Era fantástico e um pouco desconcertante. – Eu devo comer meu próprio rosto?

Ela gargalhou.

– Eu sei que é esquisito. Você pode tirar o fondant e guardá-lo se não conseguir comer.

– Por que você não fez uma sobremesa no concurso? – perguntou ele. – Você tem muito talento.

– Eu sei que tenho, mas ainda não houve nenhuma prova adequada para demonstrar isso. Se houver, vou fazer o máximo para vencer.

– Tenho certeza de que você vai vencer facilmente – disse ele. – Agora abra a minha. Não se esqueça de que não sou confeitoiro.

Ela lançou um daqueles olhares enigmáticos sob os cílios.

– Está nervoso? Não me diga, Garoto Sulista. Pensei que você tivesse um ego imenso.

– Eu tenho, mas também sou realista. Vamos encarar, eu não tenho suas habilidades para fazer doces.

Ela ergueu a tampa de mentirinha e prendeu a respiração. Pegou o cupcake lentamente e o colocou no prato diante de si.

– Você fez um lírio d’água para mim.

– Sim, fiz. Só depois do jantar eu soube que você gostava de Monet. Então acho que vamos ter que creditar isto a uma química muito boa entre nós.

Ela segurou a mão dele quando o encarou com aqueles lindos olhos acinzentados.

– É perfeito. E eu não acho que você deva se preocupar com nenhuma prova de sobremesas no concurso.

– Contanto que eu possa fazer algo simples, tudo bem – disse ele. Mas Remy não queria falar sobre o *Premier Chef*. Queria que aquele dia e aquela noite fossem sobre eles dois.

– Você realmente gostou?

Ela levou a mão dele à boca e beijou os nós dos dedos antes de soltá-la.

– Sim, gostei.

Eles comeram a sobremesa demoradamente.

– Por que você fez meu cupcake assim? – perguntou ele.

– É algo para você se lembrar de mim – disse ela, dando uma olhadela para ele.

Ele a encarou. Parecia que o tempo em si estava parando. Remy não era um romântico, não de fato, mas esta noite ele achava que poderia sê-lo.

– Eu preferiria ter você em vez de precisar me lembrar de você.

Algo cintilou no rosto dela, e Staci desviou o olhar antes de voltar a ele com um sorriso sem graça.

– Mas nós dois sabemos que não vou durar. Com você.

– Por quê? – questionou ele, com medo de já saber a resposta. Ainda assim, queria ouvir dos lábios dela. Queria ter uma chance de se defender. Mostrar a ela que era diferente dos outros homens da vida dela. Mas ele tinha medo de que, não importando o quão diferente fosse, a consequência da presença dele na vida dela fosse a mesma. Estava determinado a fazer com que não fosse.

– Você disse mais cedo. A casa do *Premier Chef* é uma ilusão. Perdendo ou ganhando, nós dois vamos voltar para nossas vidas de verdade. E eu moro aqui. Meus amigos e familiares estão aqui, e eu

não tenho muita certeza se um dia realmente confiaria em você o suficiente para abrir mão disso tudo.

– E se eu abrisse mão de Nova Orleans? – perguntou ele.

– Você abriria? – perguntou ela. Então balançou a cabeça. – Não sei. É muito investimento em um relacionamento. Se você se mudasse para cá e as coisas não dessem certo... Eu acho que é mais provável que isso seja um caso doce que vai terminar quando o concurso acabar.

Remy se recostou na cadeira e cruzou os braços. Sabia que deveria dizer alguma coisa para abrandar o clima. Não queria que o dia terminasse num tom amargo, mas não conseguia aceitar a versão de Staci. Ele sabia que ela estava certa, pensou, que era por isso que estava tão bravo por ela ter apresentado a situação tão claramente. Porque ela não sabia quem ele era e que ir embora de Nova Orleans era impossível para ele.

– Eu nunca considereei você uma desistente. Eu vi você recuperar pratos praticamente perdidos que deveriam ter sido jogados no lixo – disse Remy. – Por que viveria sua vida com menos paixão?

Ela colocou seu guardanapo sobre a mesa depois de dobrá-lo cuidadosamente.

– A comida não destruiu meu coração.

– Nem eu – falou ele.

– Ainda não – concluiu ela, ficando de pé.

Ele quase desistiu, mas não podia fazê-lo. E essa era a parte que o incomodava. Não queria verbalizar que aquilo era apenas um caso, uma parte dele desejava mais ao lado daquela mulher complexa e sensual.

Ele se levantou rapidamente, derrubando sua cadeira no processo. Ela parou e se voltou para ele.

– Remy...

– Não diga. Não vou magoar você. Eu prometi a você que não magoaria. É verdade, há coisas a meu respeito que você não sabe. Mas tudo o que mostrei a você... É mais do que ofereci a qualquer outra mulher. Não estou brincando com você, Staci.

Ele recolheu a cadeira e ficou parado esperando para ver se ela iria embora, mas em vez disso Staci retornou para o lado dele.

– Você me assusta. Não consigo ser tão aberta a isto quanto você. Eu sei que não é justo, mas foi isso que a vida me ensinou.

Ele a puxou para seus braços porque estava com muito medo, não importando agora o quanto a preparasse, de que quando a verdade a seu respeito fosse revelada, ela ficaria muitíssimo magoada. Se ele era um homem mais forte agora, um homem melhor, sabia que deveria deixá-la ir.

E como tinha apenas aquelas seis semanas em Malibu, estava determinado a transformá-las nas melhores seis semanas da vida de Staci.

CAPÍTULO ONZE

QUANDO ELAS chegaram à casa, não houve tempo para uma despedida demorada, mas tudo bem, pensou Staci. Jack estava esperando na sala de estar com dois dos outros finalistas, Christian e Whit.

– O que houve? – perguntou Remy quando eles se acomodaram nas poltronas.

– Um anúncio especial – respondeu Jack. – Estamos esperando os últimos participantes aparecerem.

A propósito, aproveitaram o dia de folga? – perguntou Jack a eles.

Staci teria gostado de poder trocar de roupa para usar seu jeans e camiseta de sempre diante dos outros participantes. Ela não queria que eles a vissem arrumada, e aquilo a estava deixando desconfortável.

– Foi muito bom e relaxante – disse ela, esperando conseguir externar tranquilidade. – Posso ir trocar de roupa? – perguntou ao produtor.

– Desculpe, não pode – disse Jack.

– Agradeça porque não passou o dia todo andando de skate e está cheirando a suor – observou Christian.

Todo mundo riu por causa do modo como ele falou. Staci notou que as mãos de Remy estavam apoiadas nos joelhos. Ela queria tanto esticar sua mão e ser lembrada de como era tocá-lo.

Por fim, o restante do grupo chegou, e quando estavam todos sentados na sala, Jack se levantou.

– Agora que chegamos a meio caminho do concurso, vamos subir o nível do jogo. Os carros estarão aqui para buscá-los amanhã, às 6h. Vocês vão precisar arrumar as malas e trazer suas roupas formais. Homens devem trazer ternos e gravatas, e mulheres, vestidos. Vamos levá-los para Nova York. Sugiro que durmam bem porque vocês irão enfrentar um desafio-relâmpago assim que pousarem.

– Durante quanto tempo ficaremos em Nova York? – perguntou Remy.

– Uma semana. Vamos retornar diretamente para a mesa dos jurados, para a eliminação na noite de sexta-feira – disse Jack. – Então vocês não precisam levar todos os pertences.

– Haverá algum jurado convidado? – perguntou Christian.

– Sim. Mas não posso dar nomes. Digamos assim, haverá mais de um jurado convidado, e ambos são famosos mundialmente. Mais alguma pergunta?

Um milhão delas, mas nenhuma na qual Staci pensava poderia ser respondida esta noite.

– Ótimo. Veremos vocês amanhã de manhã. E, como sempre, boa sorte.

Jack saiu e, assim que o fez, houve um burburinho.

– Nova York... você chegou a voltar lá depois da visita com sua mãe? – perguntou Remy a Staci.

– Não. A menos que você considere a escala de quando voei para Paris. Mas eu não saí do aeroporto Kennedy, então não acho que alguém consideraria válido – disse. Staci se perguntava quem seriam os jurados convidados. Agora que Jack tinha ido embora, queria retornar ao seu quarto e ficar um pouco sozinha.

– Eu estava lá pouco antes de vir para o teste do programa. Vai ser legal retornar – disse ele.

– Tenho certeza de que sim. Vou arrumar minhas malas e me preparar para dormir – falou Staci.

– Vou subir com você.

Ela balançou a cabeça.

– Fofocas.

– Todo mundo aqui sabe que vocês estão ficando – berrou Sarah. – Não tem nada de mais e é até bonitinho.

Staci resmungou.

– Tudo bem. Você pode subir comigo.

Remy riu, mas ela sabia que a cabeça dele não estava naquela casa.

– Você está preocupado com a etapa em Nova York?

Ele balançou a cabeça.

– Só não tenho certeza de quem serão os jurados convidados. Fico incomodado por não terem nos contado quem são.

– Por quê?

– Há alguns *chefs* que eu preferiria não encontrar – explicou ele.

– Rancor? – perguntou ela. O mundo culinário *gourmet* era repleto de sua parcela de... bem, divas, na falta de palavra melhor. As *prima donnas* que sempre ouviam que eram os melhores e raramente ouviam a palavra “não”. Do jeito que Jean-Luc Renard havia sido. Mas Staci era jovem, e ele se mostrara tão ardente que ela facilmente confundira luxúria com amor.

Só agora estava percebendo o quão errada estivera a respeito de seu ex. Os sentimentos que ela nutria por Remy eram cem vezes mais poderosos do que aqueles que tivera por Jean-Luc.

Aquilo deveria chateá-la mais do que chateava de fato. Remy pareceu distraído quando ela se sentou silenciosamente em seu quarto. Algo obviamente o estava incomodando.

– Mais ou menos – disse ele finalmente. – Eu só não sei se estou imaginando problemas onde não haverá nenhum.

Aquilo soou vagamente sinistro. Ela se perguntava sobre que tipo de problema ele estaria falando e lembrou a si que só conhecia Remy com base no que ele havia lhe contado. Ela queria acreditar que ele era o homem que demonstrava ser, mas e se ele estivesse fazendo algo para enganá-la?

– Quer conversar a respeito? – perguntou Staci. – Costumam dizer que sou uma boa ouvinte.

– Estou vendo. Uma das coisas que notei sobre você durante o concurso é o quanto você é perita em ajudar os outros concorrentes. E isso vem de prestar atenção às pessoas.

– Obrigada pelo elogio – disse ela. – É assim também que fico sabendo como as pessoas estão. Se você prestar atenção às pessoas, elas não têm como surpreender você.

– Mesmo? – perguntou ele. – Isso funciona?

– Normalmente, sim... Então... Você quer conversar sobre o que quer que esteja se passando na sua cabeça?

– Não.

– Bem, essa foi bem direta – disse ela. – Eu diria que você está com medo de alguma coisa ou de

alguém. Estou certa?

– Talvez – falou ele. – Mas se isso fosse verdade, eu nunca admitiria para a única *chef* no concurso capaz de me superar.

– Você acha que eu poderia vencer? – perguntou ela, interessada em ouvir o que ele pensava sinceramente sobre a culinária dela. Era a única coisa que Staci achava realmente capaz de defini-la.

– Sim. Você também sabe que poderia.

Ela era esperta o suficiente para não se mostrar pretensiosa.

– Você acha que pode perder?

Ele suspirou e passou as mãos pelo cabelo, desalinhando-o e deixando os cachos espetados antes de ajeitá-los de volta ao lugar.

– Não tenho certeza, mas eu simplesmente não gosto de não saber.

– Concordo que é desconcertante, o que provavelmente explica por que fizeram isso. Provavelmente o *chef* é algum amigo de Hamilton – disse ela. – Provavelmente vai ser alguém que possui um programa na mesma emissora. Você sabe o quanto estas coisas podem ser torpes.

– Por que você está tão tranquila a respeito?

Ela sorriu para ele.

– Porque você não está. Qualquer coisa que mexa com nosso atual campeão tem que ser boa. Meio que equilibra o jogo para mim.

– Danadinha – disse ele.

– Tanto faz. Tem uma coisa pela qual não estou ansiosa – disse ela quando o olhar desviou para Remy. Era complicado se concentrar em qualquer coisa que não fosse ele. Ele estava sentado na cama que havia sido de Vivian, e embora estivessem conversando como amigos, Staci ainda conseguia sentir a atração física subjacente.

– O que é? O fato de sermos barrados na segurança do aeroporto por tentar carregar nossas facas? – perguntou ele, sorrindo.

– Não, mas isso seria engraçado. Você deveria ir e falar com Jack para pensar nisso. Poderíamos fazer a divulgação com o programa sobre policiais. – Ela simplesmente era capaz de imaginar Jack cogitando aquela ideia se fosse uma opção real. Havia ficado sabendo que o produtor passava a maior parte do tempo analisando níveis de audiência e tentando descobrir como conseguir conquistar uma parcela maior de público. Daí o motivo pelo qual permitiu que todos saíssem de casa naquele dia.

Remy gargalhou.

– Você está aprendendo que tudo envolve níveis de audiência.

– E você não? Eles só parecem motivados por isto. Os jurados estão aqui pela comida e pela culinária, mas os produtores obviamente querem um espetáculo televisivo.

– Sim, querem – falou Remy, se levantando e se aproximando para se sentar ao lado dela. – Você estava prestes a me contar sobre a coisa pela qual não estava ansiosa.

Isso mesmo, ela estava...

– Hum... Eu meio que gosto de ter vantagem sobre você.

– Eu não vou contar a ninguém, seja lá o que for que esteja incomodando você – disse ele.

– Eu não gosto de voar. Normalmente tomo remédios para enjoo, para apagar, mas como Jack disse que vamos enfrentar um desafio-relâmpago assim que pousarmos...

Remy pegou a mão dela e segurou.

– Estarei bem ao seu lado...

As palavras não deveriam ter sido tão reconfortantes quanto foram, mas Staci sabia que se Remy estivesse ao seu lado, ela poderia se sair bem em qualquer situação.

REMY SEGUROU a mão de Staci quando eles se sentaram lado a lado na cama e soube que era hora de ele lhe contar a verdade sobre quem realmente era. Sabia que havia uma boa chance de o jurado convidado em Nova York acabar sendo seu tio ou um de seus diversos parentes.

Ele também tinha a sensação de que deveria conversar com Jack a respeito. Não queria que seu tio ficasse esperando no desafio-relâmpago, o visse e revelasse quem Remy era de fato. Ele sabia que, espetáculo televisivo à parte, aquele tipo de coisa realmente iria magoar Staci e provavelmente arruinaria as chances dele de vencer o programa.

Porém Staci se encolheu junto a ele, aconchegando a cabeça em seu ombro, e a última coisa que Remy desejava fazer era perturbá-la. Até parece, pensou ele. Desde quando ele começara a mentir para si? Talvez este novo personagem estivesse sendo uma influência ruim para ele.

– Todo mundo foi legal a respeito de sermos um...

– Um casal? – indagou ele.

Ela assentiu, mas não disse mais nada. Deus, aquela mulher com todo seu ceticismo e problemas de confiança precisava de um homem que fosse honesto com ela. Staci não conseguia nem mesmo verbalizar que eles estavam em um relacionamento porque possivelmente não iria durar, e Remy estava... bem, ele estava simplesmente abraçando-a e permanecendo em silêncio, porque sabia que, se mencionasse que seu sobrenome não era Stephens, ele a perderia.

Era simples assim. Remy podia fingir que havia contado a ela verdades suficientes sobre si para compensar sua única mentira, e aquela mentira tinha sido contada antes mesmo de ele conhecê-la, mas ele sabia que estava criando pretextos para si. E eram pretextos que ela não iria aceitar.

Ele se remexeu na cama de modo que pudesse apoiar as costas contra os dois travesseiros encostados na cabeceira, e puxou Staci para si. Não podia evitar senão notar que ela na verdade permitira que ele o fizesse, se aninhando junto a ele confiantemente.

– Obrigada por hoje.

– Você já me agradeceu – disse ele. Ele iria estimar aquele dia pelo restante de sua vida. Em sua mente, aquele dia era o qual havia feito amor com Staci pela primeira vez. Havia sido mais do que sexo e o fizera mudar de diferentes maneiras. Antes de hoje, ele teria sido capaz de manter a ilusão de que era simplesmente um *chef* desempregado, mas agora queria que ela o conhecesse completamente. Na verdade, ele precisava que ela o conhecesse.

Porque enquanto a abraçava, Remy reconhecia que a queria ao seu lado pelo resto de sua vida. Por dentro, um lado dele que nunca se sentira vivo acordou, e ele percebeu que a amava.

Dormir ali naquela noite, com Staci nos braços, podia ser algo do qual ele necessitava, mas um outro lado dele sabia que, se o fizesse, perderia toda a esperança de proteger uma parte de si que ele nunca soubera ser tão vulnerável.

Até ele abrir o jogo com Staci e lhe contar tudo sobre o Gastrophile. Até ela saber tudo a respeito dele, e ele a respeito dela, Remy não poderia lhe contar como se sentia. Ele não estava totalmente seguro se as emoções dela eram recíprocas. E por mais cautelosa que ela fosse com o sexo oposto, uma boa parte dele acreditava que ela nunca seria capaz de perdoá-lo.

E ele precisava descobrir como contar a ela sobre quem era de fato e convencê-la de que ele não

estava mentindo o tempo todo enquanto eles estavam se conhecendo. Ele jogou tais sentimentos recém-descobertos para o fundo da mente, sabendo que as pessoas que tomavam decisões baseadas em qualquer coisa além da lógica frequentemente se arrependiam delas.

Quando saísse do quarto, telefonaria para Jack e iniciaria o processo de revelação de sua identidade real.

– Em quê está pensando? – perguntou Staci a Remy.

– Em culinária – disse ele, e em parte era verdade. – Eu nunca conheci ninguém como você.

– Eu não queria confiar em você, Remy, mas uma parte de mim não consegue evitar. Toda vez que começo a achar que você está mentindo para mim sobre alguma coisa, você prova que não está...

As palavras dela foram como um punhal no coração dele, e ele sabia que se fosse um homem mais corajoso, mais forte, confessaria tudo ali e agora. Mas não era. Nunca havia visto aquele olhar específico de Staci e, quando ela o encarou com toda confiança e devoção, ele não pôde evitar senão querer se deleitar nele. Querer fingir que era o homem que ela achava que ele era.

Diabos, ele pensava ser aquele homem. Pelo menos, havia sido até agora.

– Você me faz querer ser melhor do que já sou.

– Você já se provou ser um homem honrado – disse ela, tocando o rosto dele levemente e então se inclinando para beijá-lo.

Ele aprofundou o beijo, tentando mostrar com ações o quanto ela significava para ele, e o quão profundamente se importava com ela. E embora soubesse como se sentia a respeito dela, as palavras estavam distantes, e era complicado para ele pronunciá-las.

– Por favor, não – disse ele finalmente.

– Não o quê?

– Não faça parecer que sou algo que não sou – disse ele.

– O que quer dizer com isso? – indagou ela, recuando para encará-lo. – O que é que você não é?

Ele buscou um jeito de responder. Sabia que estava em terreno pantanoso.

– Não sou nada além do que sou.

– Isso é muito zen da sua parte – disse ela.

Ele suspirou e esfregou os olhos.

– Acho que estou um pouco cansado.

– Eu sei que eu estou – admitiu ela. – O que é que você está tentando me contar?

Ele segurou as mãos dela e as levou à boca. Beijou-lhes as costas das mãos, a abraçou e a apertou. Remy não queria ver o olhar dela agora, porque Staci parecia enxergar através dos subterfúgios e do coração dele.

– Eu me importo com você, *ma chère*. Mais do que já me importei com qualquer outra mulher, e isso me assusta.

Ela retribuiu o abraço apertadamente, dando-lhe um beijo delicado no pescoço antes de encará-lo.

– Eu me importo mais com você do que já me importei com qualquer outro homem. Na verdade, o único com quem cheguei perto de me importar quase arruinou o universo culinário para mim. É por isso que tenho sido tão rebelde com você.

– Rebelde? Mesmo? – perguntou ele, concentrando-se na personalidade dela em vez de no fato de que ele pudesse ser responsável por fazer o mesmo a ela e à sua paixão por comida. Se ele arruinasse o universo culinário dela, nunca se perdoaria.

– Tudo bem, eu tenho sido teimosa e difícil. Alysse diz que eu só sei ser desse jeito.

Ele poderia acreditar naquilo facilmente. Só que a natureza dela era exatamente oposta.

– Acho que você é apaixonada.

– Ha. Você diz isso agora porque estou deitada em seus braços, mas aposto que nas últimas duas semanas você achou que eu fosse bem diferente.

– Você está certa, eu achei.

– Está vendo? Mas você me conquistou. Não posso evitar. Estou cansada de lutar contra nós dois. Se você consegue nos considerar um casal, bem, acho que eu também consigo.

Ele a abraçou quando ela o encarou, e Remy soube que precisava dizer alguma coisa. No entanto, as únicas palavras que teria a dizer seriam mentiras, então ele a beijou e fez amor com ela até as primeiras horas da manhã, quando Staci finalmente adormeceu, e ele se esgueirou de volta ao seu quarto. Ele não telefonou para Jack ou conversou com qualquer pessoa sobre seu segredo, mas sentiu que o tempo estava se esgotando. E Remy só esperava ter feito o suficiente para convencer Staci de que, embora estivesse fingindo ser outro homem, o sujeito que ele verdadeiramente era a adorava.

STACI ACORDOU sozinha, e aquilo pareceu definir o ritmo da manhã inteira. Havia algo de distante a respeito de Remy, embora ele tivesse sido fiel à sua promessa e tivesse segurado a mão dela durante a decolagem e pouso do voo. Quando eles saíram do avião e do aeroporto, Fatima e Jack os aguardava com dois carros.

A equipe estava esperando por eles também, e logo todos estavam devidamente maquiados e usando seus microfones de lapela.

– Certo, pessoal, espero que estejam todos prontos para se divertir na Big Apple – disse Fatima. – Vocês serão levados ao hotel Time Square Marriott Marquis, onde deixarão suas bagagens ao balcão da recepção e terão uma hora para comprar a comida que representa a empolgação desta viagem e como vocês se sentem por ter chegado à última etapa do programa.

– Daí vocês terão 30 minutos para fazer o prato na cozinha do centro de convenções do Marquis. Estão prontos?

– Sim! – gritou Staci junto aos outros participantes remanescentes.

Eles foram divididos em grupos, Remy em um grupo adversário ao de Staci, e então seguiram para a Times Square. Receberam o endereço de um supermercado e foram levados para comprar os ingredientes. Staci tentou se aproximar de Remy, mas ele havia entrado no “modo competição”, sendo assim ela decidiu que deveria fazer o mesmo também.

Ela não o deixara influenciá-la tanto assim desde a primeira semana do concurso, e concluía que iria fazer da culinária sua prioridade até o fim do concurso. Deixou que a essência e vibração da cidade afundassem em sua alma enquanto caminhava até o local de compras e retornava. Quando chegou à cozinha e seguiu para sua estação de trabalho, começou a preparar seu prato mentalmente, seguindo cada passo na cabeça, já que só teria 30 minutos para cozinhar de verdade.

Fatima e Jack estavam lá, afinal todos estavam mais uma vez apresentáveis para as câmeras e tinham sido informados para se prepararem para conhecer o jurado convidado. Staci esperava que fosse Bobby Flay ou alguém igualmente famoso. Ela não poderia ter ficado mais chocada quando Jean-Luc Renard adentrou a cozinha. O jurado convidado definitivamente era alguém de quem Staci já tinha ouvido falar.

Ela sentiu o sangue drenar do corpo e literalmente sentiu-se fraca. Ai, não, por que não previra

aquilo?

Todo mundo estava conversando, e ela ergueu a mão rapidamente.

– Jack, preciso de um minuto.

– Corta – gritou o diretor.

Todos olharam para ela. Staci sabia que não havia jeito delicado de fazer o que precisava ser feito. Jack foi até a estação dela, mas Jean-Luc já havia notado sua presença ali.

– *Ma petite*, Staci. Que bom te ver outra vez – disse ele com seu leve sotaque francês.

– Você conhece o *chef* Renard? – perguntou Jack.

– Sim. Desculpe, eu não tinha certeza se você precisava saber disso antes de começarmos a cozinhar para este desafio – disse Staci.

– Obrigado por avisar. Vou conversar com os outros jurados e nossos produtores e voltar a falar com você. Todo mundo, por favor, dirija-se à sala de espera provisória – disse ele.

Todos saíram da cozinha, e Staci teve o cuidado de não encarar ninguém diretamente, mas quando chegaram à porta, Remy segurou o braço dela, fazendo-a sobressaltar.

– Aquele é o sujeito do seu passado?

– Sim – disse ela.

– Por que você não falou nada? – perguntou ele. – Eu estava pensando que seu ex-amante era algum...

– Que diferença isso faz?

– Agora eu compreendo melhor o que você quis dizer quando falou que ele arruinou seu universo culinário. Você vai ficar bem tendo que cozinhar para ele?

– Sim – respondeu ela, e percebeu que era verdade. Há algumas semanas, sua resposta poderia ter sido diferente, mas agora Jean-Luc era para ela apenas um namorado antigo, nada mais. Ele não causava mais o efeito de antes. – Vou, de verdade.

– Ótimo. Eu ainda vou superar você – disse ele, gesticulando para ela seguir para a sala de espera.

– Acho que não, Garoto Sulista. Planejei um prato que vai deixar os jurados extasiados.

– Está tudo muito bem e tal, Staci, mas como você conhece o *chef* Renard? – perguntou Quinn. – Não parece justo se você tiver vantagens.

– Eu trabalhei sob a supervisão dele em seu restaurante em Paris há quase seis anos. Tivemos um breve envolvimento, e eu fui embora – disse ela. Era mais fácil falar sobre o passado se ela simplesmente lidasse com os fatos. Ninguém precisava saber que Jean-Luc havia partido seu coração quando a dispensou para iniciar um caso com a nova cozinheira do restaurante. Ou, pelo menos, ela esperava que não soubessem. Já era complicado o suficiente estar se esforçando ao máximo na cozinha contra Remy, por quem ela definitivamente sentia alguma coisa, e saber que seria julgada por Jean-Luc.

– Bem, isso é interessante. – disse Whit. – Acho que você foi mais surpreendida do que a gente quando entrou por aquela porta. Eu nem mesmo sabia quem ele era.

– Ele é um dos melhores *chefs* do mundo – disse Staci.

– Imaginei que fossem escolher algum francês. Acho que a próxima prova será realizada no restaurante de Ramsfeld aqui – disse Christian. – Ele é o único jurado que tem um restaurante em Nova York. E o cardápio dele é inspirado na cozinha francesa.

A porta foi aberta antes que qualquer um pudesse comentar, e Jack estava parado lá.

– Precisamos falar com você, Staci.

Ela se levantou e seguiu Jack. Esperava que eles não fosse penalizá-la por aquilo. Mas como ela poderia saber que Jean-Luc seria convidado para ser jurado? Ela havia colocado em sua ficha de inscrição que trabalhara em Paris antes de abrir a própria confeitaria.

– Estou encrencada? – perguntou ela.

– De jeito nenhum – informou Jack. – O *chef* Renard ficou surpreso, e você não teria como prever. Justo. Os jurados simplesmente querem conversar com você antes do desafio-relâmpago.

Ela adentrou na salinha onde Fatima, Hamilton, Pete e Lorenz aguardavam. Eles gesticularam para que ela se sentasse.

– Conversamos com Jean-Luc, e ele sente que não vai ser tendencioso em relação a você de forma alguma. Você acha que poderia cozinhar para ele? – perguntou Lorenz.

– Sim. Não sinto que tê-lo como jurado vá me influenciar de um modo ou de outro. Foi um choque encontrá-lo – reconheceu Staci. – Eu só queria me certificar de que vocês todos soubessem que trabalhei para ele.

– Você fez a coisa certa – disse Fatima. – Nós vamos revelar que você trabalhou para ele em uma narrativa à parte, durante a versão editada do programa. Há quanto tempo vocês não se veem?

– Há pouco mais de seis anos – disse ela.

– Ótimo. Acho que estamos prontos para prosseguir com o concurso – anunciou Hamilton. – A menos que você tenha outras preocupações, *chef* Rowland?

– Não tenho – respondeu Staci.

– Ótimo – repetiu Hamilton. – Por favor, volte para lá e aguarde com seus colegas.

Ela assentiu e fez o que ele lhe pediu. O corredor estava vazio, e Staci fez uma pausa enquanto ainda estava sozinha. Seu desafio havia terminado, mas uma pequena parte dela se sentia completamente traída outra vez.

Aquilo a fazia gostar de Remy mais ainda. Staci tinha sorte por tê-lo em sua vida. Ela cresceu um pouco quando desceu o corredor, determinada a apresentar um prato que fizesse o *chef* Renard perceber o quanto ela era boa culinária, e possivelmente se arrepender por obrigá-la a sair de sua cozinha há todos aqueles anos.

A mente dela estava concentrada na comida quando retornou à sala de espera provisória. Remy aguardava bem à porta e segurou a mão dela, apertando-a imediatamente. Instantaneamente, Staci abandonou todos os pensamentos do passado e, em vez disso, se concentrou em seu futuro. Ela não precisava cozinhar para provar nada para Jean-Luc, precisava cozinhar pela alegria que isto lhe proporcionava. Cozinhar para a vida nova que estava esperando por ela quando aquele concurso chegasse ao fim.

CAPÍTULO DOZE

REMY NÃO se importou muito com o jeito como o *chef* Renard se mostrou ansioso pelo prato de Staci. Ele sabia que ela sabia cozinhar, porém Remy era homem e percebia que o outro estava flertando com Staci, e talvez arrependido por abrir mão dela do jeito que havia feito. Ele esperava que o outro continuasse arrependido.

Staci agia como se nada a estivesse incomodando, mas Remy sentira a palma suada dela quando entraram na sala de espera depois que ela vira seu antigo amante pela primeira vez. Sinceramente, Remy não admirava o *chef* Renard. Ele estivera no restaurante dele em Paris, e o pai dele, Alain, cozinhava muito melhor do que Jean-Luc.

– O que você preparou para nós? – perguntou Fatima.

Remy descreveu o prato dele e então recuou para lhes dar espaço para experimentá-lo. Ele viu os olhos do outro *chef* se arregalarem quando o tempero que usou lhe atingiu o paladar. Ele sabia que o outro estava em sua mão. Que ele, Remy, havia criado um prato capaz de surpreender até o sujeito mais experiente. E, naquele instante, Remy sabia que desejava superar o *chef* Renard. Para provar para Staci que ele era um homem melhor em todos os sentidos.

Mas ele não poderia fazê-lo sendo Remy Stephens. Remy Cruzel, no entanto, cozinhava no mesmo nível do *chef* Renard.

– Muito bom. O sabor me é familiar – disse Renard.

Remy apenas deu de ombros.

– O *chef* Stephens é de Nova Orleans, e você provavelmente está provando os temperos de lá – sugeriu Fatima. – Muito bom.

Chef Renard lhe lançou um olhar zombeteiro quando eles seguiram para a bancada seguinte, e Remy se perguntou se ele finalmente havia encontrado um prato que iria entregá-lo. Mas ele sabia que estava cansado de esconder coisas. Queria abrir o jogo com Staci e com o programa, assim não iria se sentir um mentiroso e trapaceiro.

Ele estava pronto para reivindicar seu legado agora. Sabia que poderia conviver com a reputação de sua família, vencendo ou não o concurso.

Os motivos que o haviam levado até ali, a necessidade de mostrar que estava pronto para assumir o papel de *chef* principal, haviam mitigado. Nas últimas três semanas, ele fizera pratos de novas maneiras e aprendera muito sobre si como *chef*. Estava orgulhoso da comida que havia preparado.

Fatima, *chef* Renard e os outros jurados retornaram ao centro da sala, e quando olharam para as

estações, Remy não pôde evitar senão notar que Renard estava evitando fazer contato visual com Staci.

– Tudo bem, corta. Jurados, vocês podem deliberar sobre sua decisão. *Chefs*, limpem suas estações.

Todos começaram a trabalhar, e Remy limpou tudo rapidamente e correu para encontrar Staci. Ele tinha algumas perguntas para as quais desejava respostas. Nada menos do que o que havia acontecido exatamente para que as coisas entre ela e o outro *chef* terminassem.

– Jack, de quanto tempo será o intervalo?

– Quinze minutos. Os fumantes seguiram lá para fora – disse Jack.

– Vou levar Staci para o saguão para conversarmos – disse Remy. – Tudo bem?

– Sim, mas estejam de volta no horário – advertiu Jack.

– Voltaremos.

– “Voltaremos” o quê? – perguntou Staci de detrás dele.

– Você e eu voltaremos a tempo – disse Remy, pegando a mão dela e guiando-a para fora da cozinha. – Temos 15 minutos, Garota do Cupcake, e eu quero algumas respostas – disse ele.

– Respostas para o quê? – perguntou ela. – Acho que já expliquei o bastante sobre meu passado por hoje. Para ser honesta, estou pronta para esquecê-lo de fato. Não consigo acreditar que o *chef* Renard vai ficar aqui durante a semana toda.

Remy esperou até que estivessem a sós na escada rolante que levava ao saguão.

– O que exatamente aconteceu quando você e Renard romperam?

– Que diferença isso faz? – perguntou ela quando ele a guiou para um banco acolchoado escondido em uma alcova particular.

– Acho que ele se arrepende. Foi você quem terminou? – perguntou ele quando estavam sentados.

Remy não conseguia suportar a ideia de ela ter rompido e agora Renard tentar reconquistá-la.

Ela mordiscou o lábio e o encarou com um olhar inescrutável. Estava usando o dólmã e, por causa das câmeras, tinha maquiagem pesada no rosto, mas por baixo daquilo tudo estava a mulher que ele conhecia muito bem. E ele odiava vê-la parecendo tão insegura.

– Que diferença isso faz? – perguntou ela.

– Faz diferença porque... – Ele odiava aquela sensação, aquelas emoções que o faziam se sentir vulnerável e dolorido por dentro. Queria simplesmente tomá-la nos braços e nunca mais soltá-la. – Staci, ele estava olhando para você como se estivesse interessado em reavivar o romance de vocês. Então quero saber se esta é uma possibilidade...?

– Não, Remy – respondeu ela. – Não há nenhuma chance de isto acontecer.

– Por que não? – perguntou ele. – Se eu perdesse você... Bem, eu sempre tentaria recuperá-la.

– Mesmo? – perguntou ela, olhando para ele com uma expressão muito terna desta vez, e ele se perguntou se ela havia se apaixonado por ele também. Remy sabia que ela se importava com ele. Ela admitira isto apesar de seu medo de ser enganada. Ela começara a acreditar nele.

– Sim – disse ele. – Você realmente duvidava disso?

– Tudo o que sei é o que estou sentindo – disse ela. – E eu sei que você se referiu a nós como um casal, mas ainda não tenho certeza se acredito que isto possa durar. Então quando você diz coisas assim, eu fico um pouco surpresa.

– Por quê? Você precisa saber o quanto é adorável. Será que eu não fiz o suficiente para mostrar isso a você?

– Você fez mais do que isso, mas o problema é comigo – disse ela. Havia uma prudência no tom de

Staci que dizia a ele que ela estava cansada de seu passado e do quanto aquilo devia representar um fardo para ela continuar a carregá-lo para lá e para cá. Ele queria tirar aquele peso dela, mas se perguntava se realmente era o homem que poderia fazê-lo.

Um lado dele sentia que ela usava o passado como escudo para impedi-lo de se aproximar demais e para se impedir de se apaixonar por ele.

– Talvez seja hora de você esquecer. Só porque teve alguns relacionamentos ruins...

– É mais do que isso, Remy. Você me perguntou o que aconteceu com Jean-Luc, e a verdade é que ele se interessou por outra mulher. Eu cheguei para trabalhar um dia e os flagrei juntos. Foi isso, ele nunca disse uma palavra para mim além de que *chefs* tinham um apetite enorme. Eu pedi demissão e fui embora.

– Sinto muito – disse ele.

– Não é sua culpa – falou ela, lembrando-o disto.

Mas ele conhecia Staci. A Staci orgulhosa, durona, confiante que havia sido magoada em um incidente. Ela estava lhe dizendo o tempo todo que era complicado confiar nas pessoas, mas até agora ele não tinha percebido o quão complicado era. Tinha pensado que poderia simplesmente remendar a dor dela, mostrando que homens de verdade eram carinhosos e gentis. Mas agora ele enxergava que o tipo de traição que ela havia experimentado era, bem...

O passado dela e a mentira dele eram praticamente almas-gêmeas, e ele sabia, embora estivesse relutante em admiti-lo, que quando a verdade viesse à tona, e viria, Staci iria embora com a mesma segurança com que abandonara Jean-Luc Renard e Paris há tantos anos.

STACI VENCEU o desafio-relâmpago, o que a deixou bastante satisfeita. Ela sabia que havia cozinhado bem, mas, mais do que isso, estava feliz por saber que o elogio de Jean-Luc não significara nada para ela. Não era como na época dolorosa em que eles eram amantes e ela aguardava por alguma palavra elogiosa da parte dele o tempo todo.

O fato de não ter esboçado qualquer reação mostrou a ela o quanto havia seguido sua vida. Embora estivesse acostumada a colocar o passado entre ela e Remy, sabia que havia superado aquilo e que existia apenas uma pessoa para a qual agradecer, e esta pessoa era seu amante atual.

O homem que tinha ficado em segundo lugar no desafio de hoje. Remy piscou para ela do outro lado do estúdio quando Staci foi anunciada vencedora, e ela soube que ele estava orgulhoso pela realização dela. O que ela gostava sobre Remy era da própria habilidade de elogiar sem sentir como se algo lhe tivesse sido roubado. Jean-Luc não era assim de jeito nenhum.

Todos foram informados de que Staci teria uma vantagem no desafio de eliminação no dia seguinte e foram enviados um a um para gravar os depoimentos diários sobre o dia e sobre a viagem a Nova York. Naquela noite, haveria um jantar coletivo no restaurante de Hamilton, Ramsfeld East, e Staci suspeitava que Christian estivesse correto quando dissera que o desafio do dia seguinte poderia ser lá.

Eles tiveram a tarde livre.

– Quer passear pela cidade? – perguntou Staci a Remy.

– É primeira vez que você me chama para sair em um encontro – disse ele.

– E será a última, a menos que você dê a resposta certa – advertiu ela.

– Então, sim, eu adoraria sair com você. Qual lugar você tinha em mente? – perguntou ele.

– Eu nunca estive no topo do Empire State Building – disse ela.

– Você não foi com sua mãe? – quis saber ele. Remy havia ido a todos os pontos turísticos há muito tempo, com seus pais e primos. E não ia ao Empire State desde seus 20 anos. Quando chegou lá, pensando em todos os lugares que poderia visitar, finalmente percebeu que retornar para Nova Orleans e cozinhar no Gastrophile era a única coisa que realmente desejava.

– Mamãe tinha medo de altura. Vovó e eu optamos por assistir a uma peça com ela em vez de subir. Mas se você topar...

– Eu topo – disse ele. – Vamos.

Quando chegaram ao nível da rua, Remy fez sinal para um táxi e informou o destino ao motorista. Eles se sentaram no banco traseiro, com o sol de verão brilhando sobre ambos.

– Não consigo acreditar que você me derrotou hoje – disse Remy. – Acho que fazê-la relaxar foi uma boa estratégia para você.

– Parece que foi – disse ela, com um sorriso atrevido. – Para ser honesta, o relaxamento não foi realmente a coisa que me fez vencer hoje – falou, cheia de mistério.

– Eu quero saber o que é, mas vamos descer ao fim deste quarteirão – disse Remy.

O táxi parou, e Remy pagou pela corrida. Eles seguiram as placas até a cabine de ingressos e então tomaram o elevador para a plataforma de observação. Remy segurou a mão dela, percebendo que até mesmo fazer aquele tipo de coisa era divertido com Staci. Ele sabia que precisava parar de ignorar a verdade que precisava ser dita, mas não conseguia.

– Tudo bem, então conte-me o que fez você vencer hoje – disse ele depois de levá-la para um ponto afastado da maioria dos turistas.

– A verdade?

– Para você não tem que ser sempre a verdade?

– Sim, tem – respondeu ela. Então suspirou, e a brisa despenteou seu cabelo negro curto. – Foi saber que você era o homem que é... isso soa meio bobo, não é? Mas foi você e o jeito como você me fez sentir. Eu canalizei aquilo para a comida.

Ele estava feliz por ouvir aquilo, queria oferecer a ela o máximo possível, de modo que ela pudesse se lembrar dos bons momentos com ele quando a coisa inevitavelmente ruim viesse. As circunstâncias de hoje haviam feito Remy perceber que precisava dar um passo adiante antes que um *chef* que pudesse reconhecê-lo adentrasse por aquela porta, assim como aconteceu com o *chef* Renard e Staci.

– Você fez um bom trabalho com isso, *ma chère*.

– Fiz. No entanto, não quero conversar sobre o programa. Obrigada por ser tão aprobativo em relação a tudo. Foi legal olhar e saber que você estava me apoiando – falou ela.

– Sem problemas.

Ela caminhou lentamente ao longo da grade e observou a cidade e além.

– É fácil esquecer que somos parte de algo tão grande. Tenho visto mais pessoas aqui hoje do que normalmente vejo na minha vizinhança durante um ano inteiro. Eu gosto da minha vidinha sossegada. Nova Orleans também é assim?

– O bairro French Quarter é movimentado o tempo inteiro. É um pouco como Nova York, mas o Garden District... que é onde moro, é tranquilo como a vizinhança que você descreveu.

– Você acha que vai voltar lá quando o concurso acabar? – perguntou ela.

– Não sei – disse ele, mas a verdade era que sim. Remy tinha tantas ideias novas para o Gastrophile. Mas ele não podia compartilhá-las com Staci. E aquilo enfatizou o fato de que a coisa entre eles não era tão real quanto ele estava fingindo ser.

– Mesmo? – indagou ela. – Pensei que você teria alguma ideia sobre o que iria fazer a seguir.

Havia algo no tom dela que o incomodou. Era como se Staci estivesse questionando a honestidade dele, e, tudo bem, Remy sabia que não estava sendo sincero com ela. Sabia que tudo o que sentia e todas as suas preocupações resultavam inteiramente do fato de que, se estivesse sendo honesto, ele contaria a ela sobre o *Gastrophile* e pediria a ela para ir morar com ele.

Honestamente, Remy estava cansado de fugir.

– Desculpe, é só que você pode vender sua parte da *Sweet Dreams* e aí ambos estaríamos desempregados. Para onde isso iria nos levar?

Ela se afastou dele, e ele soube que havia dito a coisa errada.

– Acho que isso praticamente resume tudo. Por que você não disse simplesmente que, quando o programa terminasse, nós terminaríamos também?

– Porque eu não quero que este seja o caso – falou ele, sentindo-se acuado e sabendo que não podia culpar a ninguém, senão a si. Se fosse um sujeito diferente, não precisaria de elogios externos para saber que era bom no que fazia. Mas não era. E aquele programa tinha sido o único jeito de saber se estava à altura de seu pai, tios e avô como *chef*.

Ele queria fazer valer o nome deles, precisava saber que seu lugar na dinastia culinária havia sido conquistado, não dado, mas hoje, vendo a dor e decepção nos olhos de Staci, reconheceu que desistiria de tudo para encontrar um jeito de resolver as coisas com ela sem precisar revelar o que havia feito.

Mas ele era realista, e sabia que isso nunca aconteceria. Então precisava tomar uma decisão sobre o que dizer a ela, e sabia que quanto mais desnudasse sua alma agora, mais fácil seria para ela perdoá-lo depois.

– Eu quero que você venha para Nova Orleans comigo – disse ele. – Mas eu estava com medo de dizer isso.

STACI SUPÔS que deveria ter cuidado quando pressionasse Remy. Ele sempre fazia o inesperado, e convidá-la para ir para Nova Orleans não era uma exceção. Embora ele não tivesse de fato a convidado para ir com ele. Ele apenas dissera que queria.

– Por que você simplesmente não pediu então? – Ela não via motivos para aquilo ser difícil para ele. Ele não tinha nada a perder. Ou não estava certo de que ela iria aceitá-lo. Ele não tinha uma cozinha para a qual retornar. – Ouça, se você está preocupado por não ter um emprego, isso não é grande coisa. Assim que o programa for ao ar, todo mundo no país vai estar batendo à sua porta. Você vai poder escolher seu cargo.

Ele esticou o braço e roçou o polegar sobre o lábio inferior dela antes de beijá-la tão docemente que Staci se sentiu envolvida por uma emoção que tinha até medo de designar.

– Obrigado. Seu sacrifício significa muito para mim. Mas eu não acho que seja justo pedir a você para desistir da sua família e amigos para se mudar para o outro lado do país com um homem com quem você não tem compromisso.

– Eu compreendo. Mas saiba que, se você me chamasse para me mudar para Nova Orleans e desse uma chance de verdade ao nosso relacionamento, eu diria sim.

Ela se sentia mais corajosa do que havia se sentido nos últimos cinco anos. Desde que conversara com Alysse para iniciar a *Sweet Dreams* com ela. Fazia muito tempo desde que ousara arriscar alguma coisa, e era por isso que havia se inscrito no programa, e Remy era o desafio que a fazia se sentir viva.

Remy e o modo como ele a inspirava a cozinhar melhor. Ela nunca havia se sentido tão ligada a outra pessoa.

Staci estava enrolando para dar nome à emoção porque, uma vez que a verbalizasse, ficaria simplesmente como sua mãe e sua avó. Ela havia se apaixonado por um homem, e não estava totalmente segura se o conhecia e se podia confiar nele.

– Então estou pedindo – disse ele. – Ao fim do concurso, você quer se mudar para Nova Orleans comigo?

Ela inspirou profundamente e prendeu o fôlego. Todas as decisões imprudentes que havia tomado na vida lampejaram diante de seus olhos, e ela soube que aquela era a mais sábia de todas.

– Sim – respondeu Staci. – Mas me reservo ao direito de mudar de ideia.

– Não – ele a desafiou, balançando a cabeça. – Não importa o que aconteça, você e eu fizemos um acordo de dar uma chance um ao outro. Eu pedi e foi difícil fazê-lo. Ou você está nessa comigo ou não está.

– Estou nessa – disse ela.

Ele sorriu e a beijou outra vez.

– Isto merece uma comemoração!

– Merece? – perguntou ela, mas então percebeu o que havia acabado de dizer. – Quero dizer, com certeza merece. O que devíamos fazer? Já estamos bem perto do topo do mundo.

– Eu conheço um lugar do qual acho que você vai gostar – disse ele. – Você confia em mim?

– Eu não estaria me mudando para Nova Orleans se não confiasse – falou ela. Ouvir aquelas palavras ditas em voz alta a aquecera. Ela se perguntava o quão diferente seria ir embora de casa desta vez. Quando se mudou para Paris, ficou com medo, mas também tão segura de si. Desta vez, ela não estava com medo ou tão segura. Apostava que sua avó diria que aquilo era a idade lhe dando alguma sabedoria.

– Tudo bem. Certo – disse ele, pegando a mão dela. – Siga-me.

Ela o seguiu até a loja de presentes, onde ele parou diante do balcão de joias e lhe comprou uma pulseira com um pingente no formato do Empire State.

– Isto é para você sempre se lembrar desta visita.

– Eu não acho que vá me esquecer tão cedo.

– Espero que não – disse ele.

Eles tomaram o elevador até o saguão, e Staci estava repleta de amor. Pronto, aí está, pensou ela.

– Remy? – chamou um homem, indo até eles.

Staci ouviu Remy xingar baixinho quando se virou. O sujeito que havia chamado parecia vagamente familiar para Staci. Era tão alto quanto Remy e tinha cabelo cacheado e grisalho. Os olhos tinham cor de chocolate, e ele os observava intensamente. A mulher ao lado do homem era levemente mais alta do que Staci e tinha cabelo castanho-avermelhado perfeitamente penteado. Usava um vestido de verão de grife e, em geral, parecia muito mais refinada do que Staci jamais poderia esperar ser.

– Você os conhece? – perguntou ela baixinho.

– Sim – disse ele. – São meus pais.

– Mãe, pai, esta é Staci. Staci, estes são minha mãe e meu pai.

– Olá – disse Staci, estendendo a mão para o casal, que retribuiu o cumprimento.

– Sou Alain – disse o pai dele. – Esta é Betsy.

– É um prazer conhecê-los. Remy me contou algumas coisas sobre vocês – disse Staci.

– Que bom saber – observou Alain. – Não sabemos nada a seu respeito.

– Eu suspeito que isso seja porque não devemos telefonar para casa – disse Staci.

Remy parecia louco para fugir. Ela lhe deu um olhar do tipo “o que foi?”, o qual ele ignorou.

– Por que não? A maioria dos garotos que foge de suas responsabilidades não são proibidos de telefonar para casa – disse Betsy. – A menos que o mundo tenha mudado.

– Do que vocês estão falando? – questionou Staci, largando a mão de Remy. Claramente havia mais coisas acontecendo ali do que ela compreendia.

– Que nosso filho abandonou o emprego e está desaparecido há três meses – explicou Alain. – Nem uma única palavra nesse meio tempo.

Ela encarou Remy e exigiu saber:

– Do que eles estão falando? Pensei que você tivesse perdido seu emprego.

– Não exatamente – disse ele.

– Então qual é a história exata? – persistiu ela. – Porque a imagem que estou tendo é a de um homem que não tem sido honesto comigo.

– Desculpe, minha querida, como é o seu nome mesmo? – perguntou Betsy.

– Staci Rowland, sra. Stephens. Sou uma concorrente de um reality show de culinária do qual seu filho também está participando.

– Sra. quem?

Staci engoliu em seco quando a verdade se assentou lentamente. Aquilo não era uma mentira, mas algo muito maior. E aquele sujeito tinha sérios problemas se ele achava que... o que ele estava pensando?

– Esse não é seu sobrenome? Remy se apresentou como um *chef* desempregado de Nova Orleans...

Remy Stephens.

– Ele não está desempregado – disse Alain. – Ele foi promovido a *chef* principal do Gastrophile, e seu sobrenome é Cruzel.

– Espere. Staci, eu... – começou Remy.

– Tarde demais! – vociferou Staci. – Fique aqui e explique tudo para seus pais. Eu vou voltar para o hotel. Vou te dar até a noite de hoje para informar aos jurados sobre sua dupla identidade.

– Staci!

– Não. Eu não quero ouvir mais nada de suas histórias cuidadosamente tramadas. Elas podem parecer divertidas para você, mas para alguém que acreditou nelas, posso lhe assegurar que não são.

CAPÍTULO TREZE

REMY CORREU atrás de Staci, mas ela desapareceu na multidão, e ele não conseguiu encontrá-la. Assim que ela empalideceu, ele soube que toda a alegria do dia havia sido perdida. Tentou alcançá-la, mas Staci era pequena, veloz e determinada. Determinada a estabelecer a máxima distância possível entre eles.

Os pais de Remy estavam bem atrás dele. O pai pôs a mão sobre o ombro de Remy. Ele não queria ter uma conversa com eles agora. Tudo havia sido desfeito e do pior jeito possível. Ele precisava arrumar a bagunça em sua cabeça para fazer o necessário para recuperar Staci. Se isso, pelo menos, fosse possível.

Sem Staci, a culinária perdia o significado para Remy. Ele estava ansioso para retornar a Nova Orleans ao lado dela. Não sozinho. Agora que havia encontrado o amor, ele não queria retornar à velha vida.

– Precisamos conversar. – O tom do pai dele era solene.

– Sei que precisamos – disse Remy. – Eu sei, é só que preciso ir atrás dela e...

Remy tinha notado o olhar dela e sabia que se não fosse atrás de Staci rapidamente, tudo estaria perdido. E não podia aceitar isto.

– Desculpe, querido – disse Betsy –, mas o que foi que houve aqui?

Remy xingou baixinho e falou com os pais:

– Posso conversar com vocês mais tarde. Estou hospedado no Marquis, na Times Square.

– Queremos algumas respostas agora – repetiu o pai dele.

– Estávamos morrendo de preocupação com você – disse a mãe.

– Vocês vão ter que esperar. Eu fiz uma confusão danada, pai, e preciso arrumar tudo primeiro. –

Ele foi até a mãe, a abraçou e lhe deu um beijo na bochecha. Então fez o mesmo com o pai.

– Sinto muito – desculpou-se.

– A garota *deve* ser importante – disse a mãe dele.

– Mais importante do que vocês imaginam, e eu acho que acabei de magoá-la de um jeito que não esperava fazer. Preciso ir – disse ele, acenando em despedida para os pais e saindo pela porta. Fez sinal para um táxi, e enquanto este dirigia pelas ruas, Remy observava as multidões cuidadosamente em busca de um lampejo de Staci, porém ele não a encontrou.

Assim que entrou no hotel Marquis, ele telefonou para Jack. Aquele desastre era totalmente culpa de Remy e talvez se fizesse todo o possível para atenuá-lo ainda seria capaz de salvar seu

relacionamento com Staci. Embora soubesse que não iria ser fácil.

– Aqui é Remy. Tem uma coisa que preciso te contar.

– É algo que vai fazer nossa audiência subir? Eu sei que você está namorando Staci... o que acha de um pedido de casamento no ar? – disse Jack. – Na verdade, estou no bar com os jurados agora e alguns dos outros produtores. Venha nos encontrar.

Remy concordou, embora tivesse ignorado completamente a sugestão de Jack a respeito de Staci. Ele duvidava que ela fosse dizer sim para qualquer coisa que o envolvesse agora, a menos que fosse a cabeça dele numa bandeja. E não podia culpá-la. Agora que sabia que seu segredo estava à solta, ele se arrependia por não ter contado a ela antes.

Quando Remy adentrou o bar do hotel, Jack acenou para ele, e Remy pediu uma cerveja ao barman.

Houve uma rodada de cumprimentos por parte de todos, e Remy sentou-se ao lado de Jack e se voltou para o produtor. Inspirou profundamente.

– Você está bem?

– Sim, não tenho sido honesto com você em relação a quem sou realmente.

– O quê? Você está brincando comigo, certo? – disse Jack. – Temos três semanas de programa já gravados, Remy. Por favor, diga que está brincando.

– Não estou. Meu sobrenome não é Stephens. É Cruzel.

Todos no grupo pararam de falar quando ele disse aquilo, e o encararam.

– Você é parente de Alain? – perguntou Hamilton.

– Ele é meu pai.

– Por que você faria isso? – perguntou Lorenz. – Uma linhagem como a sua deveria ser exaltada.

– Sim, deveria – disse Remy. – Mas passei a vida inteira ouvindo que sabia cozinhar porque sou um Cruzel. E o fazia porque era isso que esperavam de mim. Até mesmo na CIA eu era tratado como um aprendiz estelar, e nunca soube se era por causa das minhas habilidades ou do meu sobrenome.

– Você decidiu fazer um experiência para provar que tinha o talento dos Cruzel – disse Pete. – É uma ideia interessante, mas você mentiu para todos nós.

– Eu sei. Sinto muito – disse Remy. – No começo, eu nem mesmo tinha certeza se chegaria à segunda rodada do programa, então pareceu um desafio maior para mim do que para vocês. E eu queria que todos vocês julgassem meus pratos, e não olhassem para mim e pensassem nos pratos do meu pai e do meu avô.

– Eu compreendi isto – disse Hamilton. – Mas qual impacto isto tem sobre nosso programa?

– Estou pensando – respondeu Jack. – Vamos ter que conversar entre nós, Remy. Eu aviso qual será nossa decisão assim que puder. Mais alguém sabe dessa história?

– Staci – respondeu ele.

– Ah, é por isso que você nos contou? – perguntou Lorenz.

– Sim. E o fato de os jurados convidados poderem ser qualquer pessoa. Eu sei que meu pai não aceitaria estar na televisão, mas meu tio Pierre pularia sobre a chance de participar. Eu não queria causar outro choque a vocês, assim como aconteceu com Staci hoje.

– Isso é muito gentil da sua parte – disse Fatima.

Mas Remy podia ver, pelo jeito como todos o encaravam, que estavam tão decepcionados quanto Staci. Eles haviam se tornado uma família, e Remy estava mentindo para eles o tempo todo. Sabia que seus motivos eram sólidos, mas agora simplesmente se sentia culpado e egoísta por tê-lo feito.

– O que devo fazer agora? – perguntou Remy. – Eu gostaria de encontrar Staci.

– Ela sumiu? – perguntou Lorenz. Ele se inclinou para frente, encarando Remy.

Remy balançou a cabeça. Sentia-se um idiota pelo modo como havia lidado com toda aquela situação. Mas ele não estava se escondendo mais.

– Ela não aceitou a notícia muito bem, e nós nos separamos. Agora que vocês sabem a verdade, minha prioridade é encontrá-la.

Hamilton o observou por olhos semicerrados e então assentiu.

– Vá. Nós enviaremos um torpedo quando precisarmos que você esteja de volta.

– Obrigado – disse Remy.

Ele havia assinado um contrato com aquelas pessoas, e embora tivesse lido as letras miúdas e soubesse que não havia motivos que impedissem Remy Cruzel de estar no programa, ele se perguntava se eles iriam penalizá-lo por mentir sobre sua identidade.

Não sabia e, honestamente, nesse momento não dava a mínima. Continuaria cozinhando quando tudo aquilo acabasse, mas sabia, bem no fundo de sua alma, que só havia uma mulher para ele, e era Staci.

Ele também sabia que recuperá-la iria ser a coisa mais difícil que já havia feito. Já havia sido complicado o suficiente conquistá-la. Apesar de que, agora que a verdade estava exposta, ele poderia ser Remy Cruzel. Não tinha nada a esconder e era hora de parar de ignorar a veracidade de suas emoções e tornar Staci ciente delas.

Remy Stephens tinha que ficar contido, mas Remy Cruzel não, e ele pretendia tirar total vantagem disto. Saiu do hotel para a calçada movimentada da Times Square e, pela primeira vez, se permitiu admitir que seu coração doía diante da ideia de nunca mais poder consertar as coisas e reconquistar Staci.

STACI CORREU o mais intensa e fortemente que pôde. Quando finalmente parou, percebeu que estava chorando. Não lágrimas silenciosas e femininas, mas soluços descontrolados.

Durante alguns breves segundos, ela havia tido tudo, pensou.

Havia se protegido durante tanto tempo, imaginou que seria mais esperta desta vez ao fazer Remy... o quê? Ela não fizera nada certo. Havia se apaixonado pelo homem errado tão convictamente quanto sua mãe e avó fizeram. Era muito triste que mais uma geração das Rowland tivesse seguido o mesmo padrão.

Devia ter ficado na dela. Devia ter se concentrado apenas na culinária.

– Você está bem? – perguntou um estranho.

Ela assentiu e começou a caminhar. Provavelmente estava se parecendo com um zumbi de algum filme apocalíptico. Estava usando a maquiagem adequada para TV, que era bem pesada, e que agora devia estar arruinada pelas lágrimas.

Ela encontrou uma cafeteria e foi até o banheiro. Assim que trancou a porta, parou diante do espelho.

Odiava a dor crua estampada em seu rosto, mas se obrigou a continuar encarando, assim iria sempre se lembrar do que Remy lhe dera de verdade. Um coração partido. Ela precisava nunca mais se esquecer de como era aquilo.

A pior parte de saber que Remy tinha mentido a respeito de tudo o que era, desde o segundo em que se conheceram... era que ela ainda o amava.

Staci enterrou a cabeça nas mãos e deixou os soluços fluírem. Chorou por todos os sonhos pela metade que estavam flutuando no fundo de sua mente. Chorou pela garotinha dentro de si que durante um breve instante pensara que talvez todos aquele livros que havia lido na infância estivessem certos e que uma garota como ela poderia ser verdadeiramente feliz.

Chorou porque sabia que, quando saísse daquele banheiro, nunca mais se permitiria ser tão fraca assim outra vez.

O lado lógico de sua mente estava tentando dominar, mas a mulher chorosa dentro dela não conseguia ir embora. Staci ficou reprisando a cena com Remy e seus pais em sua cabeça sem parar.

Ela pegou o celular e ligou para sua única amiga de verdade.

– Sweet Dreams, a loja dos cupcakes dos seus sonhos. Aqui é Alysse, em que posso ajudar?

– Aqui é Staci – disse ela. A voz soou mais grave do que normal, e tão rouca que ela mesma ficou surpresa.

– O que foi? Onde você está? Precisa que eu vá até Malibu? – perguntou Alysse.

Staci sentiu o amor de Alysse imediatamente. Ela era sua irmã de alma.

– Tudo está dando errado. Estou em Nova York, em um banheiro... Remy estava mentindo para mim o tempo todo.

– Ele é casado?

– O quê? Não. Quero dizer, eu não sei. Não faço ideia – soltou Staci. As mentiras que ele havia contado a ela agora ganhavam conotações ainda mais perturbadoras.

– Tudo bem, comece do início e me conte tudo – pediu Alysse.

Staci respirou profundamente. O fato de Alysse estar ali já tornava as coisas um pouco mais fáceis.

– Remy faz parte da família Cruzel. Ele estava mentindo sobre sua identidade no programa.

– Por quê?

– Não sei – disse Staci.

– Ele poderia ter entrado no concurso como Remy Cruzel, então por que usar um nome falso? – perguntou Alysse. – Você precisa descobrir.

– Ele mentiu para mim – disse Staci. – Não consigo enxergar nada além disso. Não me importo com as motivações dele. Ele me disse que era um homem honrado.

– Ele é um babaca – disse Alysse. – Vou fazer uma bandeja de brownies e mandar para você.

– Você não pode. Eu nem mesmo deveria estar conversando com alguém de casa. Só que não sei o que fazer. Acho que o amo, Aly. Pela primeira vez, pensei que tivesse encontrado um homem que me compreendia, sabe?

– Ai, querida, eu sei. Sinto muito.

Houve apenas silêncio na linha. Não podia evitar senão sentir como se não houvesse esperança para ela e Remy.

– Todo mundo sabe que estávamos namorando.

– Tenho certeza de que serão gentis com você – falou Alysse.

– Você sempre confiou tanto nas pessoas – disse Staci. Ela sabia que expor a mentira de Remy diante dos outros iria ser complicado. Não queria receber olhares de pena da parte deles. – Eu quero fugir.

– Se é isso que acha que deveria fazer, tudo bem, mas você não é do tipo que se esconde dos problemas. Você é uma lutadora, Staci Rowland – falou Alysse. – Não se esqueça disso.

Ela queria acreditar no que a amiga estava lhe dizendo, mas parte de si, uma grande parte, estava

com medo. Não sabia como fazer aquilo funcionar. Não sabia como seguir a vida depois do que havia acontecido.

– O que eu deveria fazer?

– Eu voltaria para o programa de cabeça erguida. Você ainda tem um concurso para vencer, certo?

– Ah...

– Ouça – falou Alysse. – Eu não sei como você está se saindo no concurso, mas se eu fosse você, eu canalizaria toda esta raiva detonando Remy na cozinha. Mostre a ele e aos outros, incluindo Remy, que você é mais forte do que qualquer um jamais esperou.

Staci gostava do modo como aquilo soava. Ela se olhou no espelho e desta vez viu a mulher que Alysse havia acabado de descrever. Staci passou a vida inteira lutando e certamente não iria deixar Remy roubar aquilo dela. Ele abalara a fé dela nos homens. Para ser honesta, ele provavelmente tinha entregado a sentença de morte da fé em si mesma.

Mas tudo bem, ela conhecia o caminho de volta e iria se dar bem, ou colocaria até a última gota de suor e aptidão naquela luta.

– Obrigada, Aly.

– Não há de quê, querida. Você sabe que te amo. E mande-me um torpedo depois para me contar o que aconteceu.

– Se puder, eu mando. Vou vencer esta coisa. Pelo menos, cozinhar é algo só para mim.

– Sua culinária é do mundo – retrucou Alysse.

– Você está certa.

Staci desligou o telefone e saiu da cafeteria, sentindo-se um milhão de vezes melhor. Enquanto caminhava de volta à Times Square e ao hotel, sentiu o peso da pulseira que Remy havia lhe dado. Quando chegou ao balcão da recepção, tirou a pulseira do braço, colocou em um envelope e endereçou para ser entregue no quarto de Remy.

De jeito nenhum que ela já havia superado o que tinha acontecido, mas estava no controle novamente, e sabia que estava na direção certa.

DUAS HORAS depois, Remy recebeu a mensagem de texto que estava esperando. Não tinha conseguido encontrar Staci em lugar nenhum da cidade e suspeitava que, quando a encontrasse, ela não iria estar no clima para escutá-lo.

O que o deixava de péssimo humor. Mas ele tentou afastar aquela sensação enquanto subia para a sala de reuniões, onde encontrou Jack esperando do lado de fora.

– Qual é a decisão?

– Os jurados querem conversar com você – explicou Jack. – Se eles concordarem em permitir que você permaneça, faremos algumas tomadas extras com você, e eu gostaria de incluir uma entrevista com seu pai.

– Por quê?

– Ele é o motivo pelo qual você está fingindo ser outra pessoa, certo? – questionou Jack.

– Sim, mas eu não acho que isso tenha algo a ver com o programa. Meus pais nem mesmo sabiam onde eu estava. Eu precisava desaparecer.

– E desapareceu, o que foi ótimo para você e, é claro, uma sorte para nós que você saiba cozinhar, mas você forjou sua identidade – disse Jack.

– Meu pai não vai aceitar fazer isso, Jack. Eu conheço o sujeito, e ele menospreza os reality shows – falou Remy.

– Tudo bem, vá ver os jurados. Vou tentar pensar em um ponto de vista... mas a reprovação do seu pai em relação ao que estamos fazendo pode funcionar.

Remy apenas balançou a cabeça. O cômodo no qual entrou era uma sala de reuniões com uma enorme mesa de madeira escura no centro e diversas cadeiras de braço enormes arrumadas em volta dela. Na parede, fotos em preto e branco de pontos turísticos icônicos de Nova York.

– Sente-se, Remy – disse Hamilton da cabeceira da mesa.

Lorenz e Greg estavam sentados um de cada lado dele. Os homens estavam todos de terno e ostentavam expressões sérias. Conforme esperado, pensou Remy. Ele puxou uma cadeira ao outro extremo da mesa, diretamente de frente para Hamilton, e sentou-se.

– Tivemos uma longa conversa e conseguimos enxergar por que você fez isso – disse Hamilton. – Até certo ponto, até mesmo admiramos sua atitude.

– Obrigado, *chef* – disse Remy.

– Decidimos que você pode permanecer no concurso – disse Lorenz. – Não conversamos com os outros participantes ainda. Você vai ter que ir diante das câmeras e explicar o que fez e o porquê disso. Jack vai pedir a Fatima que explique que estamos lhe dando uma segunda chance.

– Muito obrigado – disse Remy. – E mais uma vez, peço desculpas pelo que fiz.

– Aceitamos suas desculpas. Se você nos permitir, vamos ligar para o restante dos participantes para que você explique a situação para eles. Temos de dar a eles uma oportunidade de se adaptar à notícia antes de irmos para o Ramsfeld's esta noite.

– Acha que isso vai afetar o concurso e o desafio de eliminação? – perguntou Remy.

– Não da nossa parte, mas queremos que seus colegas tenham chance de receber a notícia e discuti-la. Aí poderemos seguir adiante.

Remy assentiu. Estava mais pronto do que nunca para encarar os *chefs* remanescentes.

– Staci está com eles?

– Sim, está – disse Hamilton. – Ela disse que não importava qual nome você iria usar, ela ainda iria derrotá-lo na cozinha.

É claro que sim. Deixe para Staci erguer suas defesas e começar a mostrar seu jogo ao mundo. Ele queria que ela ao menos tivesse lhe permitido explicar em particular o que estava acontecendo, em vez de simplesmente presumir que ele estava mentindo para magoá-la.

Pete se levantou e saiu da sala, e Remy só pôde presumir que ele saíra para buscar os outros participantes do *Premier Chef*. Não esperava ficar tão nervoso, mas as palmas de suas mãos estavam suadas, e ele percebeu que preferiria ter que cozinhar contra cada um deles do que ter de contar a eles que mentira.

Suspeitava que mais de um concorrente pudesse querer que ele fosse expulso do concurso.

– Por que vocês optaram por me deixar ficar? – perguntou Remy.

– Por causa de suas aptidões – disse Lorenz. – Começamos este concurso para encontrar os melhores *chefs* do país e dar-lhes destaque. Ficamos surpreso a cada edição por quantos bons *chefs* existem ao redor do país. Até certo ponto, você é a epítome disso.

– O que quer dizer? – indagou Remy.

– A família Cruzel não cozinha fora de Nova Orleans, mas leva os jurados do *Guia Michelin* até onde eles estão. Você é o *chef* principal de um restaurante três estrelas, isso significa muita coisa. E

você não precisou ir para a França, Grã-Bretanha ou Nova York.

– Meu pai acha que todo mundo merece ter um restaurante de qualidade onde mora – disse Remy.

– Concordo – falou Hamilton. – É por isso que faço tantos programas de TV. Quero que o público saiba que não precisa se contentar com o mesmo cardápio e os mesmos pratos toda vez que sai para comer. Há muitas opções, mas a menos que as pessoas saibam da existência delas, então muitas vezes os lugares pequenos e verdadeiramente criativos acabam fechando.

– Concordo – disse Remy.

Jack entrou no cômodo com uma equipe de filmagem e posicionou um cinegrafista em cada ponta da sala, então se certificou de que todos os microfones estivessem ligados.

– Eu posso não usar isto, mas pensei que poderia ser útil depois.

A porta foi aberta, e Remy viu quando seus colegas entraram na sala. Dave e Christian de um lado. Erin, Whit e Staci do outro. Staci não o encarou, mas mesmo a distância Remy percebeu que ela estivera chorando.

Ele sentiu uma onda de emoções tão forte, e era tudo o que podia fazer para não ir até ela. Aquelas emoções foram acalmadas quando ela finalmente o olhou e ele viu o quanto o olhar dela poderia ser gélido.

– Não há jeito fácil de dizer isto que não seja contando a vocês que Remy Stephens não é o nome verdadeiro deste homem – disse Greg. – Ele é filho do *chef* renomado e estrelado no *Michelin*, Alain Cruzel. Vou deixar que Remy explique os motivos dele para vocês, e aí ouviremos seus comentários. Já deliberamos e concordamos que ele pode permanecer no concurso. Remy.

Remy olhou para cada um dos *chefs*, lembrando-se de todo o tempo que eles haviam passado juntos na cozinha, mas foi só quando olhou para Staci é que se lembrou da necessidade real de se explicar.

– Eu sei que todos temos motivos diferentes para entrar em um concurso de culinária, alguns de nós estão fazendo isso para provar alguma coisa para nós mesmos, outros, para provar algo ao mundo. Eu estou na primeira categoria, pois em toda minha vida fui tratado como se fosse um ótimo *chef* simplesmente por causa do meu sobrenome. Eu preparei pratos desenvolvidos pelo meu pai e avô e ganhei elogios por eles. Mas nunca soube o quanto dos elogios se deviam ao sobrenome, Cruzel, e quanto se deviam às minhas habilidades.

Remy continuou o desabafo:

– Meu pai me pediu para assumir como *chef* principal do Gastrophile, o restaurante de nossa família em Nova Orleans. Mas eu não me sentia pronto para encarar a tarefa até ter certeza de que era digno do título. Para descobrir isso, fui embora de Nova Orleans, cozinhando pelo país. E quando soube deste concurso e li os termos e condições do contrato, eu soube que poderia me inscrever e utilizar uma versão anglicizada do meu nome como sobrenome. Na verdade, eu não estava mentindo tanto, sou Remy Etienne ou Stephen, o que é irrelevante, na verdade. Só posso pedir desculpas por ter enganado vocês, mas eu queria uma chance de ser tratado como todo mundo, provando isto com um prato de cada vez.

CAPÍTULO CATORZE

STACI NUNCA ouvira definição mais eloquente de mentira do que aquela que Remy havia contado. Ela queria acreditar que ele estava meramente tentado recuperar o terreno perdido, mas havia verdade nas palavras dele, admitiu. E até certo ponto, ela até mesmo compreendia as motivações dele. Mas o coração dela era muito mais lento para perdoar.

Remy parecia ter ficado a noite toda em claro, e embora algumas poucas horas tivessem se passado desde que ela o vira, ele parecia cansado e tenso. Um lado dela estava preocupado com ele, até que ela se lembrou de que ele havia mentido. Remy sabia o que estava fazendo o tempo todo.

Não havia nada que Staci quisesse dizer para ele. Estava seguindo o conselho de Alysse e se concentrando em cozinhar e vencer. Ela iria para casa e lamperia suas feridas, isso sem mencionar a comemoração.

– Por que você está abrindo o jogo agora? – perguntou Christian.

Remy pigarreou e olhou diretamente para ele.

– Staci e eu nos esbarramos com meus pais enquanto visitávamos a cidade, e a verdade veio à tona. Eu também tinha a sensação de que o *chef* Renard poderia me reconhecer e achei que deveria esclarecer tudo antes que isso fosse longe demais.

– Você sabia sobre isso? – perguntou Whit baixinho a Staci.

– Não até os pais dele dizerem que o sobrenome deles não era Stephens.

– Ai, cara, eu teria ficado furiosa – disse Whit.

– Senhoritas, por favor, dirijam-se a todos na sala – instruiu Pete.

– Desculpe, Pete – falou Whit. – Minha culpa. Não tenho qualquer problema com o fato de ele permanecer no concurso.

– Ótimo. Alguém aqui tem alguma preocupação em relação a isso? – perguntou Pete.

Havia algumas preocupações, sim, mas em geral todo mundo parecia concordar que, ao não usar seu nome verdadeiro, Remy nivelou o jogo. Dave achava que aquilo havia dado a Remy uma vantagem desleal, mas como Christian e Erin eram *chefs* executivos em restaurantes renomados, todo mundo concordou que a permanência de Remy não era um problema.

– Se isso é tudo, então temos alguns poucos assuntos internos a tratar, aí vocês podem ir se arrumar para o jantar no Ramsfeld's East esta noite. Jack, pode cuidar disso?

– Sim – respondeu Jack. – A partir desta noite, por favor, refiram-se a Remy como *chef* Cruzel, em vez de *chef* Stephens. Vamos revelar a identidade dele quando formos gravar o episódio desta semana

e cada um de vocês será solicitado a gravar um registro especial em nossos depoimentos individuais, comentando a notícia e o modo como ela o afetou.

– Vamos ter que fazer isso agora? – perguntou Staci. Ela não achava estar pronta para falar para as câmeras sobre a mentira de Remy. Talvez conseguisse fazê-lo uma vez que tivesse uns dias para esfriar a cabeça.

– Não. Vamos fazer quando retornarmos à casa em Malibu. Mais alguma pergunta? – indagou ele.

Não havia mais perguntas, e todos foram dispensados. Staci saiu imediatamente em direção ao elevador expresso, mas a fila estava longa e, assim que ela entrou, Remy pô-se ao seu lado.

– Precisamos conversar – disse ele.

– Não vejo motivos para isso. Estou tranquila com tudo em relação ao programa – disse ela quando foram espremidos juntos por um grupo enorme de participantes das convenções do hotel e uma família de quatro pessoas. Remy foi pressionado de encontro ao corpo dela.

O coração de Staci começou a acelerar tanto, e só lhe restava render-se aos batimentos para não esticar os braços e envolver Remy. Mas então ela se lembrou de que ele não era o homem que ela pensava e, não importava o ângulo pelo qual ela olhasse ou o quanto ele tentasse se justificar, ela sinceramente não conhecia Remy Cruzel.

Staci se afastou e abraçou o próprio corpo. E tentou aumentar a distância entre eles, apesar do elevador lotado. Remy continuou parado.

Pronto, ela havia se convencido a ignorá-lo e agora ele não permitia que ela o fizesse. O que só fez aumentar a raiva dentro dela. Quando chegaram ao andar deles, Staci e Remy saíram do elevador lotado.

– Estou sendo tão civilizada quanto posso sê-lo agora, Remy – disse ela. Havia ouvido a explicação dele e, ao mesmo tempo que havia acreditado, não queria fazê-lo. Pelo menos, não agora. Hoje ela se sentia traída e com o coração partido.

– Eu não quero que você seja civilizada. Precisamos resolver isso. Precisamos resolver tudo para podermos seguir adiante. Pedi a você para vir morar comigo – disse ele. – O convite ainda está de pé.

Ela balançou a cabeça.

– E eu tentei consolar você porque você não tinha um emprego. Uau, isso deve ter feito você morrer de rir.

– Não sou esse tipo de homem, *ma chère*...

– Não. Não use palavras carinhosas. Nós somos concorrentes, é isso.

A campainha do elevador tocou e mais pessoas saíram. Remy segurou o braço de Staci, puxando-a pelo corredor, em direção ao quarto dele.

– Precisamos de um lugar com privacidade

– Tudo bem – disse ela, concordando que não queria que ninguém escutasse as coisas que tinha a dizer a Remy. E agora que havia começado a conversar com ele, Staci tinha muito a dizer.

Ela havia prometido a si que não ficaria chateada, e estava determinada a manter sua palavra.

Ele abriu a porta e gesticulou para ela entrar. O quarto tinha uma disposição similar ao dela, com uma cama king size e duas cadeiras perto de uma escrivaninha. Ela se sentou em uma, e ele, na outra.

– Staci, quero que você saiba que tudo o que eu disse a você era verdade. Tudo.

– Mesmo, Remy? – perguntou ela. Sentindo a onda de emoção rolando dentro de si, só que desta vez, em vez de lágrimas emocionadas, veio em forma de raiva.

– Você tem um emprego? – perguntou ela.

– Sim, mas...

– Seu sobrenome é Stephens? – interrompeu ela. A dor sobrepujando a paciência.

– Não, mas...

– Você realmente abriria mão de tudo e se mudaria para San Diego para morar com a coproprietária de uma loja de cupcakes? – quis saber ela. E esta era a pergunta que mais a incomodava. A única que, ela sabia, ele odiaria ter que responder honestamente.

– Não, não me mudaria.

– Então você meio que provou o que eu disse – falou ela. – Você mentiu sobre coisas importantes. Coisas básicas. E disse coisas que nunca deveria ter dito. Não até estar livre para ser quem realmente é – falou ela.

– Se você me der uma chance de explicar, então explicarei. Eu não menti para *você* por si só, eu...

– Isso não está ajudando – disse ela.

– Verdade – disse ele. – Eu não tinha certeza se voltaria ao Gastrophile. E se eu tivesse perdido todos os desafios no programa e estivesse provado que eu não era o *chef* que pensava ser? Então eu não retornaria para tomar conta do restaurante. Tecnicamente, eu estava sem trabalho.

– Não é a mesma coisa, e você sabe disso.

– Eu sei, e é por isso que estou sentado aqui tentando explicar. Eu sabia desde o começo que você era maravilhosa.

– Não faça isso – disse ela.

– Não faça o quê?

– Não faça parecer que eu era especial. Eu era apenas uma ingênua e acreditei em todas as mentiras que você contou – disse ela.

AQUILO NÃO iria para o rumo que Remy esperava de jeito nenhum. Ele notou que Staci estava tentando disfarçar a dor por causa da traição dele. Aquilo deveria deixá-lo mais conciliatório, mas, em vez disso, o frustrava.

Ele havia se apaixonado por ela. Havia convidado Staci para morar com ele, e ela agira como se fosse tudo por nada. Como se ele o tivesse feito apenas para enganá-la.

– Se eu pudesse voltar no tempo e fazer diferente, eu faria. Mas nunca planejei o que aconteceu entre nós. E você precisa acreditar em mim, eu nunca menti para você sobre meus sentimentos. Na verdade, eu fui mais honesto com você do que jamais fui com uma mulher. Como eu não podia dividir meu sobrenome verdadeiro com você, eu quis dividir todo o resto.

Ele não achava que ela um dia fosse entender o quanto ele se sentira mal com a situação toda. O flerte entre eles tinha se iniciado de forma tão intensa.

– Eu nunca tive a intenção de fazer amor com você naquela primeira noite, mas houve essa atração irresistível entre a gente, e eu não lamento por não tê-la ignorado.

– Por que não?

– Porque eu teria perdido essa coisa entre mim e você. E eu não iria querer perder isso. Bem lá no fundo, espero que você me perdoe.

– Eu não sei – disse ela.

Staci já havia abandonado uma carreira promissora uma vez e se reinventado por causa de um caso amoroso condenado. Era mais do que provável que o faria de novo.

Mas a única coisa que Remy podia fazer era pedir desculpas muitas vezes, e então o restante seria por conta dela. Será que ela seria capaz de perdoar e esquecer? Será que Staci seria capaz de superar as coisas que ele dissera e fizera, para enxergar o homem que havia por baixo?

– Eu sei que dizer “confie em mim” não vai me ajudar a reconquistar você, mas se pudermos esquecer isso...

– Não posso. Algum dia posso até conseguir, mas hoje simplesmente não posso. Desculpe, Remy. Eu queria que tivéssemos entrado na vida um do outro em outra época. Embora, para ser honesta, eu não consiga mais imaginar isto acontecendo.

Ela ficou de pé, e ele viu que ela estava indo embora. Não havia mais como reconquistá-la agora e nenhuma chance mais de resolver as coisas. Era isso.

E mesmo assim, parecia que aquele romance de férias havia sido a opção certa. Remy acreditou naquele romance quando estava redescobrando seu amor pela culinária, e quem ele era, e descobrindo que aquela mulher era feita para ele.

– Antes de ir embora, pode responder a uma última pergunta? – perguntou Remy para ela.

Staci estava parada diante da porta, de costas para ele, mas ela se virou para encará-lo.

– Claro.

Ele a mirou bem nos olhos e deu alguns passos para se aproximar.

– Eu sei que você nunca vai acreditar nisso, mas eu ia te levar à escola de culinária do meu primo em Manhattan para te mostrar a verdade a meu respeito. Eu queria que você visse e queria fazer do meu jeito.

Ela deu um passo atrás e segurou a maçaneta.

– Remy, você tomou a saída mais fácil por meio de seu silêncio. Admito que tomei algumas decisões erradas em minha vida, mas esta foi a que me saiu mais cara.

– Eu me importo com você, Staci – disse ele. – Podemos resolver isso, fazer funcionar.

– Talvez fosse porque estivéssemos aprisionados juntos na casa e houvesse essa faísca entre a gente – disse ela. – Porque nós dois deveríamos ter nos lembrado de que luxúria não é amor. E ambos somos adultos o suficiente para saber que casos assim acabam.

– Eu não estava aprisionado com você na casa. Eu conheço meus sentimentos muito bem. Por favor, acredite que não foi uma armação para magoar você. A única coisa que eu queria para você era uma chance de te fazer feliz.

– Vou me lembrar disso – falou ela, e então abriu a porta e foi embora.

STACI SUPEROU todo mundo, venceu os desafios das duas semanas seguintes. Ela continuava pensando no que Remy havia lhe dito. Era impossível não pensar no assunto ou nele. Afinal, estava morando na mesma casa que ele. Eles haviam retornado para Malibu, mas tudo estava diferente agora. Especialmente quando entraram na última semana do concurso e todo mundo foi eliminado, exceto ela, Christian e Remy.

Parte dela estava feliz por Remy ainda estar ali, porque ela queria que ele visse que não fora capaz de abalá-la. Mas outra parte, uma bem secreta, simplesmente estava feliz por ele ainda estar por perto, porque, embora aquilo a magoasse um pouco, ela sabia que sentiria saudade se não pudesse vê-lo todos os dias.

Era domingo, e a partir do dia seguinte eles teriam uma maratona intensa cozinhando, quando então

seriam julgados e ganhariam pontos diariamente. Ao fim da semana, os dois *chefs* com o maior número de pontos iria se enfrentar, criando uma refeição de três pratos.

Staci se aprumou e encontrou os outros na sala de estar. Ela sentou-se do lado extremo, oposto a Remy.

– Staci, isto não é necessário – disse ele.

– Só estou tentando ser esperta – falou ela. – Espero vencer isto na semana que vem.

– Também espero que você vença – disse ele baixinho.

Christian chegou, e então, um instante depois, Jack chegou também.

– Boas notícias, pessoal, hoje à noite vocês vão jantar na casa de Hamilton Ramsfeld. Ele e Lorenz estão preparando um jantar para vocês. Eles chamaram alguns convidados especiais e, em vez de fazermos vocês esperarem até chegarmos à casa de Hamilton, eu trouxe estes convidados para conhecerem vocês.

Jack voltou lá para dentro. Staci olhou para Remy e para Christian, e os dois deram de ombros.

– Pelo menos, eles não estão gravando isso – disse Christian, olhando ao redor para confirmar que não havia câmeras.

– Isso é uma pequena bênção – concordou Remy.

Eles ouviram uma porta ser aberta e então o som de passos sobre o saguão de mármore. A voz de Jack estava baixa e ribombante enquanto ele ensinava o caminho a quem quer que estivesse com ele. No minuto seguinte, um grupo de três pessoas estava diante deles. Alysse estava no meio.

Staci ficou tão feliz por ver a melhor amiga que quase começou a chorar. Ela notou o pai de Remy ao lado de Alysse e uma morena alta e magra do outro lado.

– Pessoal, esta é Alexi Montrell, esposa de Christian. Alysse Dresden, melhor amiga de Staci, e Alain Cruzel, pai de Remy – anunciou Jack. – Vocês terão o restante da tarde de folga. Estejam de volta a esta sala, usando roupas casuais, às 17h.

Jack se virou para sair assim que Christian correu para o lado de Alexi e a levantou do chão com um grande abraço. Observá-los fez Staci desejar que as coisas tivessem sido diferentes entre ela e Remy.

– Ei, garota, senti sua falta – disse Alysse, dando-lhe um abraço caloroso.

– Senti sua falta também – disse Staci, acolhendo a amiga.

– Eu trouxe brownies. Quer ir para algum lugar para conversarmos? – perguntou Alysse.

– Posso interromper? – perguntou Alain. – Eu realmente gostaria de uma oportunidade de conversar com você, Staci.

A última coisa que ela queria era uma conversa franca com o pai de Remy, mas tinha de admitir que estava intrigada.

– Tudo bem. Se Alysse não se importar.

– Ah, não me importo – falou Alysse. – Tem algumas coisas que eu gostaria de conversar com o *chef* Remy.

Imediatamente, Remy pareceu preocupado.

Staci deu um meio sorriso e seguiu o pai de Remy para o cômodo ao lado, onde havia uma área de estar.

– Desculpe por me intrometer, mas nunca fomos apresentados adequadamente – disse ele. – E eu realmente queria conversar com você outra vez.

– Sou Staci Rowland – disse ela. – Espero que você me perdoe pelo modo como agi em Nova York. Você e sua esposa foram uma surpresa para mim. A coisa toda com Remy foi uma bagunça.

– Sim, foi. Betsy e eu nos sentimos culpados pelo modo como as coisas aconteceram naquele dia – disse ele. – Por favor, aceite nossas desculpas por tudo.

– Vocês não precisam se desculpar por nada – disse ela. – Remy é responsável por tudo isso.

– Sim, ele é. Eu compreendo que ele se sentiu pressionado por mim a fazer algo para o qual não estava pronto.

– Não sei o que Remy lhes contou a respeito de nós dois, mas ele compartilhou algumas histórias comigo. Acho que a expectativa para sempre viver fazendo jus, ou melhor, cozinhar fazendo jus à sua reputação teve seus efeitos sobre ele. Eu só estava no lugar errado e na hora errada.

– Acho que não – disse Alain. – Talvez você estivesse no lugar certo.

– Como você sabe?

– Remy me contou que vocês dois estavam envolvidos – disse Alain.

– Contou?

– Sim, e a mãe dele e eu ficamos positivamente surpresos por estarem. Nunca conhecemos ninguém que Remy namorou – disse ele. – Exceto você.

– Tecnicamente, vocês também não me conheceram – disse ela.

– Teríamos conhecido. Remy disse que convidou você para morar em Nova Orleans.

As palavras ainda causavam uma angústia no coração dela. Staci havia revivido aquele momento todas as noites, em seus sonhos. Exceto pelo final, que era sempre diferente. Ela sabia que ainda estava presa a Remy.

Foi isso que a convenceu de que seus sentimentos por ele eram genuínos.

– Sim, mas isso é improvável de acontecer agora – falou ela.

– Poderia acontecer. Quero que você venha para Nova Orleans e trabalhe para mim quando o programa acabar. Dê-se uma chance de conhecer Remy outra vez – disse Alain.

Ela sorriu para o sujeito mais velho, porque se lembrou do pai que Remy descrevera, e sabia que Alain estava ali para fazer o que pudesse para assegurar a felicidade do filho. E, ela presumiu, a dela também. Mas Alain não podia convidá-la para Nova Orleans. Remy tinha que fazê-lo.

E só aí ela saberia se eles estavam no lugar certo para se conhecer.

– É uma oferta muito gentil – disse Staci.

– Mas você vai recusá-la – concluiu ele por ela.

– Sim, vou. Não quero ir para lá a menos que Remy e eu solucionemos as coisas. Meu lar é San Diego. E não tenho muitos parentes consanguíneos morando lá, mas tenho meus amigos.

– Compreendo – disse Alain. – Mas eu precisava perguntar.

– Por quê?

– Porque nosso filho nunca se apaixonou antes, e queríamos conhecer a mulher que inspirou tal devoção nele.

Alain fez menção de ir embora. Será que aquilo poderia ser real?

– Como você sabe disso? Ele disse a vocês o que sentia por mim?

– Não. Ele nos contou através do que não disse.

Staci queria acreditar nele, mas já havia feito papel de boba. Mas se Remy a amava, e ela sabia que o amava, por que eles não mereciam a chance de ficar juntos?

CAPÍTULO QUINZE

A AMIGA e sócia de Staci, Alysse, foi tudo, menos doce ou sonhadora, quando o encurralou na varanda. Remy aceitou o olhar duro dela. Ele sabia que merecia.

– Tudo bem, você teve seus motivos, Remy, mas, oras, mentir para Staci... era a pior coisa que um homem poderia fazer a ela. E ela achava que você fosse diferente – começou Alysse. – Eu disse a mim mesma para ser civilizada. Prometi a Jay que não iria ameaçar você de lesão corporal, mas é isso que quero fazer. Como você pôde?

– Estou feliz por você estar brava em favor dela, você deveria estar. Ela é sua amiga. Eu não tinha a intenção de magoá-la – disse Remy. – Eu queria ter feito as coisas de outro jeito.

– Você ainda se importa com ela – falou Alysse.

– Sim, me importo. Não vou permitir que ela se afaste. Eu tenho dado algum espaço a ela por causa do concurso, mas pretendo convencê-la de que ela pertence aos meus braços assim que tudo isso terminar – disse ele.

– Tudo bem. Posso conviver com isso – falou Alysse.

– Pode?

– Sim. Eu pensei... bem, umas coisas não muito legais a seu respeito, mas sou muito boa em perceber quando alguém está sendo sincero, e você está – disse ela. – Quer um brownie?

– Eles não são para Staci? – perguntou ele.

– Eram, mas estou vendo agora que você e eu vamos ter que bolar e planejar até chegar a uma excelente maneira de você fazer as pazes com ela.

Remy ficou surpreso pelo modo como ela disse aquilo.

– Somos uma equipe?

– Sim, é claro que somos. Staci tem estado solitária e independente há tanto tempo. Precisamos nos unir. Ela é jogo duro – observou Alysse.

– Com certeza é. O que você tem em mente? – perguntou Remy. Ele gostava da amiga de Staci e podia ver por que as duas trabalhavam bem juntas. Elas não se pareciam em nada, eram o oposto total em aparência e temperamento, mas havia um cerne bom e sólido em ambas as mulheres. Uma determinação para fazer as coisas.

– Isto vai requerer um grande gesto de sua parte. Staci não vai acreditar, a menos que você o faça – falou Alysse. – Além disso, você partiu o coração dela.

– Eu sei disso. E não sei muito sobre grandes gestos – disse ele. Não fazia seu estilo. Ainda assim,

faria o que fosse necessário por Staci.

Remy pensou que, se tinha conseguido se aproximar o suficiente para levá-la para a cama, poderia mostrar a ela o quanto seus sentimentos eram sólidos. Eles tinham um laço que até mesmo aquele tipo de confusão não era capaz de enfraquecer.

– Não precisa ser algo como escrever o nome dela no céu ou se declarar para ela em um telão. Um grande gesto só precisa vir do coração e precisa ser na hora certa.

Pensamentos íntimos com Staci o levaram a reconhecer que primeiro ele teria que dizer a ela como se sentia. De repente, parecia tão fácil.

Ele nunca havia dito a Staci que a amava. Havia feito de tudo, exceto isto, mas era porque estava com medo de se arriscar a se magoar. Mas ao sentir medo e deixá-la no escuro, ele acabou por isolá-la. Remy a fez sentir como se não se importasse nada com ela. Ele sabia de qual gesto ela precisava e tinha a solução perfeita para fazê-lo.

– Tenho uma ideia. E só vai funcionar se nós dois cozinarmos com empenho esta semana e chegarmos às finais.

– Espero que cheguem – falou Alysse.

– Staci está esperando por você lá dentro – disse Alain quando se juntou a eles no pátio.

– Obrigada. – Alysse se levantou. – Boa sorte, Remy. Com tudo.

Pela primeira vez desde Nova York, ele sentiu uma enorme onda de esperança. E agora sabia como reconquistar Staci e iria usar de todas as habilidades que possuía para assegurar que acontecesse. Ele mostraria a ela em grande estilo.

– Você está muito sério, filho – disse Alain.

– E estou, pai. Pela primeira vez acho que compreendo por que você quer se aposentar e passar mais tempo com a mamãe – disse Remy.

Alain riu.

– Fico feliz em ouvir isso. Conte-me sobre os pratos que tem feito. Você tem algumas ideias novas para o restaurante?

Remy contou ao pai sobre as novas ideias que tinha, mas sua mente não estava no Gastrophile. Estava em Staci e no futuro que ele almejava. Ele sabia agora que não havia nada que não faria. Nada que pudesse ficar no caminho para impedi-lo de reconquistar Staci.

O jantar naquela noite foi sem maiores contratemplos. Remy ficou observando Staci a noite toda. Ele não conseguia evitar. Precisava desesperadamente dela em seus braços outra vez.

– Por que está me olhando desse jeito? – perguntou ela quando Christian e os outros se mostraram inquietos.

– Porque eu quero você e espero convencer você a me encontrar na varanda, do mesmo jeito que fez na primeira noite em que estávamos na casa – disse ele.

Ela umedeceu os lábios com a língua, e ele quis gemer, pois não conseguia pensar em nada além do sabor de Staci e de quanto tempo havia se passado desde que a beijara.

– O sexo não vai melhorar as coisas – disse ela.

– Mas também não tem como piorar. – Ele franziu a testa. – Desculpe, tenho saudade de ter você em meus braços.

– Eu senti falta disso também – disse ela. – Mas esta é a última semana do concurso, e eu não quero estragar nada. Talvez possamos conversar a respeito disso na semana que vem.

Ele sorriu, sabendo que nesta época não precisaria reconquistá-la caso tudo seguisse de acordo

como planejado.

Os SETE dias seguintes foram os mais intensos na vida de Staci. Embora nada tivesse mudado entre ela e Remy, Staci se sentia mais positiva em relação às chances de eles terem um relacionamento quando o concurso terminasse. Sentia que ele queria recomeçar e sabia que ela mesma queria isso. Mas isso teria de esperar até que eles terminassem de cozinhar.

Na quarta-feira, Christian e Remy estavam na liderança, mas na quinta-feira houve competição de sobremesas, e ela ultrapassou ambos, ganhando a liderança. Remy superou Christian e terminou em segundo lugar na final.

A sexta-feira amanheceu luminosa e ensolarada na Califórnia, e quando Staci e Remy adentraram os estúdios do *Premier Chef* e subiram de elevador, ambos se entreolharam, se lembrando do primeiro dia deles ali.

Remy apertou o botão para parar o elevador.

– O que você está fazendo?

– Dando-nos a oportunidade de recomeçar.

– Mesmo?

– Sim.

– Tudo bem. Oi. Sou Staci Rowland.

– Ah, a confeitadeira de cupcakes. Prazer em conhecê-la, Garota do Cupcake – disse ele.

Ela balançou a cabeça e sorriu para ele. Fazia muito tempo que Remy não a chamava assim. Ela sentia falta daquilo, percebeu.

– Sou Remy... Remy Cruzel – disse ele. – Sou *chef* executivo no *Gastrophile*, em Nova Orleans.

– Dos famosos Cruzel? – perguntou ela.

– O próprio. Estou aqui para provar que sei cozinhar, mas agora que estou conhecendo você... cozinhar na verdade é a coisa mais distante da minha mente.

– Eu não vi isso na sua biografia – falou ela.

– Isso é porque estou mantendo minha verdadeira identidade em segredo, mas tenho a sensação de que posso confiar em você.

– Confiança é algo muito importante para mim – disse ela.

– Eu posso entender isto – falou ele. – Eu...

Staci tropeçou falsamente em cima dele, e Remy a segurou. Ela lhe deu um beijo breve no rosto, mas ele virou a cabeça e a beijou intensamente nos lábios em vez disso. Ele a segurou carinhosamente. Ela também havia sentido falta de sentir os braços dele ao seu redor. Ele a puxou para mais perto.

– Era isso que eu queria fazer quando você caiu nos meus braços pela primeira vez – disse ele.

– Eu teria chamado a polícia – falou ela.

– Teria? – perguntou ele. – Meus beijos são muito bons. Talvez você tenha se esquecido.

Ele se inclinou e a beijou outra vez, lenta e apaixonadamente, e ela passou os braços ao redor dele, querendo mantê-lo bem perto. Porém as portas do elevador se abriram.

– Primeiro as damas – disse Remy.

Seguindo pelo corredor até o estúdio, eles entraram e descobriram que o elenco inteiro do programa havia sido convidado a retornar. Staci bateu um papo breve com Vivian e então chegou a hora de se arrumarem para a gravação.

Staci e Remy receberam os microfones de lapela e as instruções sobre as marcações de estúdio, e então foram mandados para suas estações de trabalho. Staci estava praticando o cardápio na cabeça desde o início da semana. Os pratos que eles haviam preparado ao longo daquela semana teriam de ser feitos hoje. Ela sabia que precisava melhorar suas entradas, pois havia perdido neste quesito para os dois homens.

– Bem-vindos, *chefs*. Parece que se passou muito tempo desde que vocês chegaram nesta sala pela primeira vez e agora temos os dois finalistas ao posto de *Premier Chef* diante de nós. *Chef* Rowland e *chef* Cruzel – disse Hamilton.

– Vocês dois nos impressionaram ao vencer desafios-relâmpago e as provas de eliminação, mas principalmente, nos conquistaram com seus pratos maravilhosos – disse Lorenz.

– Hoje é sua última chance de vencer o concurso e ganhar o título de *Premier Chef* – disse Pete.

– *Chefs*, é hora de começar a cozinhar – anunciou Fatima. – As câmeras estão rodando. Vamos começar com as entradas, e vocês terão 30 minutos para prepará-las. O tempo começa agora.

Staci se esforçou ao máximo, mas o prato de Remy ganhou cinco pontos, e o dela, apenas quatro. A rodada seguinte teve um empate, com cada um ganhando cinco pontos. Staci estava nervosa e com tanto medo de perder, mas então, ela pensou, enquanto observava Remy cozinhando, que havia ganhado mais do que esperava naquelas últimas seis semanas.

Na rodada das sobremesas, ela se concentrou completamente e se sentiu confiante. Remy foi primeiro, apresentando sua sobremesa aos jurados e, depois de alguns minutos, eles pediram para ver a dela. Os jurados experimentaram o *crème freche torte* de Staci, e ela e Remy foram enviados ao estúdio principal para aguardar os resultados. Lá, longe das câmeras e do público, Remy a tomou nos braços.

– Agora é hora de eu fazer o que devia ter feito em Nova York quando estávamos no Empire State Bulding. Em meu coração, eu sabia que te amava mais do que à vida. Eu queria te dizer, mas estava com medo de que, se dissesse, e depois você descobrisse minha mentira, você nunca mais acreditasse em nosso amor.

– E ao mesmo tempo que é tarde demais para mudar o passado – disse ele, mirando-a nos olhos. – O futuro é nosso e pretendo passar o restante da minha vida com você. Você pode me dar outra chance de ser o homem dos seus sonhos?

– Sim, Remy – disse ela. – Darei. Eu te amo também e não consigo pensar em nada do qual gosto mais do que estar com você.

Quando chegou a hora, Remy e Staci voltaram ao estúdio de mão dadas.

– Então talvez tenhamos algo mais a comemorar? – perguntou Hamilton.

– Sim – responderam eles em uníssono.

– Ótimo. Talvez agora possamos continuar com nosso show – disse Hamilton, sorrindo para ambos.

Fatima anunciou.

– A rodada de sobremesas foi a mais difícil de ser julgada até hoje, mas após uma deliberação acalorada, ficamos felizes em anunciar que Staci Rowland é nossa vencedora!

Staci se virou para Remy, que a abraçou, beijou e a ergueu do chão.

– Eu sabia que você conseguiria.

– Não sem você – disse ela com um sorriso, sabendo que tinha realmente encontrado tudo. Agora que possuía o título de *Premier Chef* e havia deixado o passado para trás, seu futuro estava repleto de amor e da presença do homem de seus mais doces sonhos.

flor da pele

ROMANCES SENSUAIS

LENTO

LESLIE KELLY

– Aquela interesseira irá trair o nosso pai.

Considerando que Tabitha havia traído um de seus maridos e um de seus noivos, Maddy achou que sua irmã não tinha muita moral para fazer esse tipo de crítica. Entretanto, franziu o cenho. Não gostou da notícia de que a mais nova esposa do pai delas – a quarta – já estava procurando por mais aventura do que seu velho marido podia oferecer.

– Como você sabe disso?

– Fiquei sabendo diretamente através de Bitsy Wellington.

A melhor amiga da madrasta delas.

– Por que *ela contaria isso para você?*

– Bem, você conhece Bitsy. Ela nunca consegue resistir a causar problemas.

Verdade. A mulher era completamente venenosa.

– Além disso, ela quer o homem para si mesma. Ele é algum gigolô europeu que será leiloado no grande evento beneficente Dê um Natal a uma Criança, amanhã à noite, no InterContinental.

Um gigolô seria vendido para beneficiar uma instituição de caridade para crianças. Havia uma grande ironia naquilo. Era típico das mulheres do seriado de tevê *Desperate Housewives* surgirem com a ideia de comprar um homem bonito para levantar fundos para uma causa digna. E em seguida, competir por ele.

Tabitha sentou-se numa das cadeiras do outro lado da grande mesa de Maddy, torcendo o nariz diante dos arquivos bagunçados espalhados sobre o tampo. Sua irmã mais velha gostava do dinheiro que vinha do banco que o bisavô delas fundara diversas décadas atrás. Não apreciava particularmente a carga de trabalho que acompanhava o dinheiro, no entanto.

Às vezes, Maddy imaginava se uma das duas tinha sido adotada. Ou achada no degrau da porta da casa. Elas tinham *tão* pouco em comum, tanto fisicamente quanto em tudo o mais...

Sobre a personalidade, diziam que Maddy era muito parecida com a mãe, segunda esposa de Jason Turner, que morreria quando Maddy estava com 4 anos. Supostamente, embora nunca tivesse falado dela, Jason havia sofrido muito pela morte da mãe de Maddy. O que podia explicar por que sua irmã sempre infernizava Maddy sobre ser a favorita do pai delas.

Talvez fosse só isso que elas tivessem em comum. Além de se parecer mais com Jason do que Tabby, Maddy também era abençoada com um raciocínio rápido, uma mente fascinada por contas e finanças. Ela também tinha o trabalho ético de dirigir os negócios que estavam na família por gerações.

Isso não significava que Tabitha não tivesse herdado algo do pai delas, também: a leviandade dele. Maddy parecia ser a única Turner que não se apaixonava e desapaixonava com uma frequência absurda.

– Nós precisamos *fazer* alguma coisa.

– Sobre o que, Tabby?

– Sobre a pequena traidora!

Maddy suspirou, apanhou a caneta sobre o tampo e começou a brincar com ela, recostando-se no espaldar.

– Mas ela não o traiu ainda, certo?

– Não... e nós nos certificaremos de que isso não aconteça.

– Estou surpresa por você não ter contratado um detetive para segui-la e descobrir informações secretas.

Tabitha franziu o cenho, desviando seus bonitos olhos azuis para estudar as unhas perfeitamente pintadas.

– Você fez isso? Jesus, Tabby...

– Ouça, foi estupidez, e mudei de ideia quase na mesma hora. Não quero flagrá-la traindo o papai.

– Não quer?

Sua irmã finalmente ergueu os olhos, e havia uma expressão genuína neles, uma emoção que Tabitha normalmente não deixava ninguém ver, mas que Maddy sabia que espreitava abaixo da superfície brilhante e frágil de sua irmã.

– Ele a ama, Mad. Ama de verdade, e ela faz nosso pai tão feliz. Ele parece ter remoçado 20 anos. – Engoliu em seco, murmurando: – Não quero vê-lo machucado. *De novo*.

Aquilo deixou Maddy atônita. Tanto que ela não conseguiu responder, por um minuto. Porque, embora entendesse perfeitamente o sentimento – e se sentisse da mesma forma –, não teria esperado isso de Tabitha.

Foi quando lembrou-se da única área onde ela e sua irmã eram cem por cento iguais: no amor que sentiam pelo pai.

Largou a caneta mais uma vez, por fim dando total atenção a sua irmã.

– Certo. O que você propõe que façamos?

Tabitha hesitou por um momento, olhando ao redor da sala, para algumas fotos de família emolduradas na estante de Maddy, para as plantas no canto, e para a vista de Chicago pela janela.

Ela não ia gostar daquilo, Maddy sabia. Tabitha mostrava a mesma expressão de quando elas estavam com 9 e 12 anos, e a irmã mais velha sugerira que “pegassem emprestado” vestidos de grife de sua nova madrasta – terceira esposa de seu pai – para brincar de casinha. Maddy teve a mesma reação: a pulsação similar em suas têmporas e o suor nas palmas que experimentara naquele dia.

– Tabby?

Sua irmã, enfim, encontrou seu olhar, parecendo quase desafiadora.

– É simples, na verdade.

A pulsação nas têmporas se intensificou. O suor em suas palmas poderia aguar as plantas do escritório por uma semana.

– É?

– Sim. Ela não poderá trair nosso pai com o sujeito do leilão se alguém oferecer um preço mais alto por ele. – Com um sorriso que mostrava o trabalho de 20 mil dólares do dentista com que Jason presenteara a filha mais velha, Tabitha continuou: – *Você* irá comprar o gigolô.

Garbera, Katherine

G194s Sabor [recurso eletrônico] / Katherine Garbera; tradução Fernanda Lizardo. — 1. ed. —
Rio de Janeiro: Harlequin, 2013.

Recurso digital: il

Tradução de: Tradução de: Sizzle

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-0951-6 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Lizardo, Fernanda. II. Título.

13- CDD: 813

02775 CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: SIZZLE

Copyright © 2013 by Katherine Garbera

Originalmente publicado em 2013 por Harlequin Blaze

Projeto gráfico e arte-final de capa:

Ô de Casa

Arquivo ePub produzido pela Ranna Studio

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato:

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa
Teaser
Querida leitora
Rosto
Capítulo um
Capítulo dois
Capítulo três
Capítulo quatro
Capítulo cinco
Capítulo seis
Capítulo sete
Capítulo oito
Capítulo nove
Capítulo dez
Capítulo onze
Capítulo doze
Capítulo treze
Capítulo catorze
Capítulo quinze
Próximos lançamentos
Créditos